

COMPRA  
- ABR. 1940

# SERÕES



Piçarra 97

Sealbert

LIVRARIA FERREIRA

132, Rua do Ouro, 138



N.º 28

LISBOA

OUTUBRO



# Summario

## MAGAZINE

PAG.

### DE AUTOMOVEL

Quadro de STEWART ..... FRONTISPICIO

### A PAIZAGEM PORTUGUEZA

(24 illustrações) ..... 231

### A FONTE DOS AMORES

(11 illustrações) por MARIO MONTEIRO ..... 243

### OS ACTUAES PROCESSOS DA ARTE DE CURAR

(10 illustrações) por VIRGILIO MACHADO ..... 251

### A ALMIRANTA AFUNDADA

(5 illustrações e 1 vinheta) por HERMAN SCHEFFAUER ..... 259

### A TEMPESTADE

Soneto de MARIA PEREIRA D'EÇA O'NEILL ..... 267

### A ARCHITECTURA DA RENASCENÇA EM PORTUGAL

(7 illustrações e 2 vinhetas) por ALBRECHT HAUPT ..... 268

### O DEFUNTO

Soneto de JOÃO PENHA ..... 277

### A HORA OFFICIAL EM LISBOA

(7 illustrações e 2 vinhetas) por A. RAMOS DA COSTA ..... 278

### RECURSOS ARTISTICOS DA OBRA DE VIME

(13 illustrações e 1 vinheta) ..... 283

### SERÕES DOS BÉBÉS

(4 illustrações e 2 vinhetas) ..... 290

### PENSAMENTOS

Por CARLOS AFFONSO DOS SANTOS ..... 296

### ACTUALIDADES

(23 illustrações e 1 vinheta) ..... 297

### OS SERÕES DAS SENHORAS (28 illustrações)

CHRONICA GERAL DE MODAS . . . . . pag. 49	LAVORES FEMININOS . . . . . pag. 58
OS NOSSOS FIGURINOS . . . . . » 52	CONSULTORIO DE LUIZA . . . . . » 61
A NOSSA FOLHA DE MOLDES. . . . . » 56	NOTAS DE DONA DE CASA . . . . . » 64

### A MUSICA DOS SERÕES

#### MAZURKA

De CHOPIN ..... 4 paginas



# LIVROS DE LEITURA

Para as escolas de instrução primaria, organizados por

**D. João da Camara, Maximiliano de Azevedo e Raul Brandão**

Eis os preços d'estes livros, novamente approvados officialmente para o triennio de 1907-1909:

1. <sup>a</sup> classe .....	100 réis
2. <sup>a</sup> e 3. <sup>a</sup> classe.....	300 »
4. <sup>a</sup> classe.....	300 »

Não obstante os livros terem sido muito augmentados e melhorados, os seus organizadores, para corresponderem ao excellente acolhimento obtido no triennio anterior da parte do professorado, da imprensa e do publico em geral, **reduziram o preço da 1.<sup>a</sup> classe de 120 réis a 100 réis**, e o da 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> e o da 4.<sup>a</sup> de **400 a 300 réis**, a fim de tornar a compra mais facil para as familias pouco abastadas.

A' venda em todas as livrarias de Lisboa, Porto e provincias.  
Pedidos aos editores

**LIVRARIA FERREIRA & OLIVEIRA, Lim.<sup>da</sup>**  
**132, RUA AUREA, 138**



## AGUA CASTELLO

Minero-gazosa, lithinada natural

DE

**MOURA**

Refrigera os sãos e cura os doentes

A melhor, a mais pura e a mais barata das aguas de meza do Paiz.

Agradabilissima ao paladar, tomada simples ou misturada com cognac, leite, wisky, vinho, etc. — premiada na Exposição de S. Luiz e no Palacio Crystal do Porto.

**ESCRITORIO E DEPOSITO**

**123, RUA DA CONCEIÇÃO**

**Telephone 880**

**Empreza das Aguas de MOURA ASSIS & C.**

**LISBOA**



# RENASCENÇA

REVISTA MENSAL DE LETRAS, SCIENCIAS E ARTES

Editores-proprietarios H. BEVILACQUA & C.

Rua do Ouvidor, 151 — RIO DE JANEIRO

Publicada sob a direcção de

**RODRIGO OCTAVIO e HENRIQUE BERNARDELLI**

## CONDIÇÕES DE ASSIGNATURAS PARA O ANNO DE 1906

Estrangeiro.....	20\$000	Registro.....	5\$000
Rio de Janeiro e Estados .....	18\$000	” .....	3\$000
Centro Commercial .....	15\$000		

Numero avulso: Capital 1\$500. Estados 1\$700. Numero atrazado 3\$000

## PREÇOS PARA PORTUGAL

Assignatura annual .....	6\$000
” com registro.....	8\$000
Numero avulso.....	\$600

*Os editores não respondem pelo extravio devido ao correio, havendo todo o cuidado na expedição da Revista. Para evitar os extravios, lembramos aos Senhores assignantes, ao reformarem suas assignaturas, auctorisarem-nos o registro mediante o augmento, em assignatura, da importancia de Rs. 3\$000 para o interior e Rs. 5\$000 para o exterior.*

*O assignante que, no correr da sua assignatura, mudar de endereço, queira fazer acompanhar seu aviso da importancia de Rs. \$500.*

**AO LEITOR.** As reclamações, assignaturas, collaboração e tudo quanto diga respeito á nossa Revista, queiram endereçar sempre e simplesmente

**Á Administração da Revista RENASCENÇA**

Rua do Ouvidor, 151 — RIO DE JANEIRO

## IMPORTANTE

OS SENHORES ASSIGNANTES QUEIRAM INDICAR OS NUMEROS DAS SUAS ASSIGNATURAS

Na Administração da Renascença — Rua do Ouvidor, 151 — compra-se o n.º 2 da Revista a Rs. 5\$000 o exemplar em perfeito estado de conservação.

Vende-se a collecção do 2.º, 3.º e 4.º volume a Rs. 22\$000 o volume, e Rs. 40\$000 a collecção do 2.º anno que termina com o presente numero.

## Vantagens aos assignantes da RENASCENÇA

*Os Senhores assignantes da RENASCENÇA até á importancia de suas assignaturas, á vista do recibo, terão o abatimento de 70% em musicas da nossa edição, compradas de uma só vez.*



ANTHERO DE FIGUEIREDO

# Recordações e viagens

SUMMARIO: Gosto de recordar — Na City — Três cemiterios italianos — Uma casa minhota — Na Franconia — Nas aguas de Capri — O Bom-Jesus-do-Monte — Entre Southampton e Vigo — Uma aldeia espiritual (Assis) — Lisboa — O mosteiro do Canigou — O Minho pesaroso — O Valle do Têt no Rossilhão — Unhaes da Serra — Davos-Platz — Uma tarde em Biarritz — Nos Avants — Um amigo da sua terra — Paginas de um «Bloc-notes» — Post-Scriptum.

Um volume in-8.º br..... 600 réis

**FERREIRA & OLIVEIRA, L.<sup>da</sup>** — LIVREIROS-EDITORES

132 — Rua do Ouro — 138  
LISBOA

## GRANDE DEPOSITO

— † DE † —

Moveis de ferro e colchoaria

— † DE † —

**JOSÉ A. DE C. GODINHO**

**54, Praça dos Restauradores, 56**

**LISBOA**

**LIVROS A VENDA na Livraria Ferreira & Oliveira, L.<sup>da</sup>**

Henrique Lopes de Mendonça

**NÓ CEGO**

Peça representada em D. Maria

1 volume em 8.º..... 300

Conego Anaquim

**O genio portuguez**

**aos pés de Maria**

1 vol ..... 600



# Annuncios dos "Serões"

A empresa dos **Serões**, com uma importante tiragem e uma larga circulação em Portugal e Brazil, offerece as paginas supplementares de annuncios nas condições seguintes, por uma unica inserção:

## Annuncios não illustrados

1 pagina . . . . .	10\$000 rs.
1/2 " . . . . .	5\$500 "
1/4 " . . . . .	3\$000 "
1/8 " . . . . .	1\$500 "
1/16 " . . . . .	\$800 "

### DESCONTOS

Anno 20 0/0, semestre 15 0/0, e trimestre 10 0/0.

## Annuncios illustrados

### UM ANNO

1 pagina . . . . .	150\$000 rs.
1/2 " . . . . .	100\$000 "
1/4 " . . . . .	70\$000 "
1/8 " . . . . .	50\$000 "
1/16 " . . . . .	35\$000 "

Semestre 60 0/0 } Ao preço do anno  
 Trimestre 40 0/0 }

## PEQUENOS ANNUNCIOS

Para commodidade dos annunciantes, a empresa estabelece ainda uma secção de **pequenos annuncios**, os quaes são pagos segundo a seguinte tabella:

Annuncios até 5 linhas, em columna de 1/3 de largura de pagina, 400 réis por cada inserção. Cada linha a mais, 80 réis.





# A Nacional

Companhia Portuguesa de Seguros de Vida

CAPITAL 500:000\$000 réis

Seguros em caso de vida e em caso de morte

Seguros contra desastres pessoais

Seguros de viagem

7, Rua do Alecrim — LISBOA

## EPILEPSIA!!!

E' com a mais completa franqueza, com a maior lealdade que sem ter a

pretenção de curar todos os epilepticos nós recommendamos os

## DRAGÉES GELINEAU

*Confeitos Gelineau* que teem durante trinta annos, dado ao seu auctor completa satisfação e que lhe tem valido o reconhecimento e inalteravel amizade de numerosos doentes; que sempre nos casos ordinarios dão a possibilidade do triumpho e pelo menos a certeza de melhoras nos casos difficeis

**J. MOUSNIER, SCEAUX, Seine (France)** e em todas as Pharmacias.

### Obras primas

ARTIGUIL  
FOR THE HAIR



900 RÉIS

DEVE ESTAR EM  
TODOS  
OS TOILETTES,  
EVITA A QUEDA,  
FACILITA O  
CRESCIMENTO  
E TIRA A CASPA.

PERFUME ESQUISITO  
Vende-se nos bons es-  
tabelecimentos de Por-  
tugal.

DEPOSITO  
PERFUMARIA BALSEMÃO  
R. dos Retrozeiros, 141  
LISBOA

### D. Quichote de la Mancha

Edição illustrada em 3 volumes

Brochado, 200 réis — Encadernado, 300 réis

### Ultimos dias de Pompeia

Edição em 2 volumes

Brochado, 200 réis — Encadernado, 300 réis

A' venda na livraria

**FERREIRA & OLIVEIRA, L.<sup>DA</sup>**

132, Rua do Ouro, 138 — LISBOA

Chamamos a atenção dos nossos leitores para as condições de assignatura, que inserimos ao fim da pagina 8.





Typographie  
DO  
**ANNUARIO**  
**COMMERCIAL**

DE PORTUGAL

Propriedade de **MANOEL JOSÉ DA SILVA**

≡ OFFICINA TYPOGRAPHICA ≡

Movida pela electricidade — Instalação apropriada

*Executam-se trabalhos typographicos em todos os generos, e mui especialmente os que dizem respeito ao commercio, como facturas, memoranduns, livros de escripturação, etc., garantindo-se perfeito acabamento e modicidade de preços.*

Reprodução de planos. Cartas Geographicas.  
Laminas e pergaminhos antigos. Quadros a oleo e aguarella  
em tamanho natural, ampliado ou reduzido

≡ ESCRIPTORIO E OFFICINAS ≡

**Praça dos Restauradores, 27 (PALACIO FOZ)**

≡ CALÇADA DA GLORIA, 5 ≡

Telephone 1:239



**LISBOA**



# SERÕES

LIVROS, REVISTAS E JORNAES

## RECEBEMOS E AGRADECEMOS:

**Alma Femenina** — Acabamos de receber o n.º 9, com excellente colaboração das sr.ªs D. Virginia Quaresma, Dr.ª D. Domitilla de Carvalho, Madame Frondoni Lacombe, D. Edwiges de Sá Moreira, escriptora brasileira; e dos srs. Visconde de S. Boaventura, Julio Borges, Alfredo Guimarães, Mario Relvas, etc., além dos artigos da Redacção. Publica tambem retratos de Carmen de Burgos, Edwiges de Sá Pereira, Anna Fontana, Aida Gonzaga, e outras gravuras interessantes.

**Boletim da Real Associação Central da Agricultura Portuguesa** — n.ºs 6 e 7 — Junho e Julho de 1907 — Summario: O Solanum Comersoni — Representação da Commissão Promotora do Congresso Agricola do Districto do Funchal — Trabalhos da Associação: Assembléas geraes — Representação a Sua Magestade El-rei, sobre a questão das pautas aduaneiras — Commercio das aguardentes e alcooes e concessão de premios de exportação e vinhos — Bibliographia dos mezes de junho e julho.

**A Vinha Portuguesa** — Revista Mensal de Viticultura e de Agricultura Geral, dirigida por F. d'Almeida e Brito — n.º 8 — Agosto de 1907 — Summario — Chronica e Noticias — Vinificação — A uva e o sumo da uva na alimentação — Moinhos para azeitona — Beba-se o vinho! — Consultas — Trabalhos do mez de Setembro.

**Divino amor**, peça historica em verso, por Mario Monteiro — Lisboa, 1906. — O nosso juvenil e talentoso collaborador, arrojou-se a uma interessante tentativa de drama historico, cujo protagonista é o infante D. Henrique. Por toda a obra actua o sentimento patriotico e o entusiasmo por uma grande gloria nacional. Basta isto para recomendar o moço poeta, ao apreço reconhecido dos portuguezes.

**Vida intelectual** — n.º 5 — Madrid — Setembro de 1907. — Insete interessantes artigos sobre o centenario do comediographo Rojas Zorrilla, sobre o Museu Pedagogico Nacional, sobre o theatro catalão, e occupa-se do nosso paiz em criticas levantadas sobre as *Tentações de Sam Frei Gil*, de Corrêa de Oliveira, e os *Contos de Malheiro Dias*. Agradecemos ao nosso illustre collega madrilenho as muito penhorantes referencias que na secção bibliographica faz aos *Serões*.

● **Gladiator**, por Oscar de Pratt — Lisboa, sem

data. — Poemeto inspirado na antiguidade romana — Versificação facil — Bastante sentimento esthetico.

**Miniaturas**, por Affonso Schmidt — S. Paulo, 1906. — Versos de um poeta brasileiro onde se respira a inspiração lyrica do seu paiz. Ha sobretudo uns sonetos dignos de nota.

**Boletim da Associação do Magisterio Secundario Official** — Fasciculo xv — Summario: Relatorios e contes — *Os bastidores da educação d'el-rei D. Se' astião*, por Antonio Baião — *O ensino de sciencias naturaes dos Liceus*, pelo prof. José Julio Rodrigues — *Analyses Bibliographicas*: Theophilo Braga, *Romanceiro Geral Português*; Campos Lima, *A Questão da Univeridade*; Calado Nunes, *Uma Ode de Horacio*; Tude de Sousa, *Regimen Pastoral dos Povos do Gerez*, por Marques Braga — *Concurso de pensões de estudo no estrangeiro* — *Edeficção para o Liceu Central da 1.ª zona escolar* — (Lisboa) — *Bibliographia*: Revistas nacionaes, Revistas estrangeiras.

**Boletim da Associação Commercial de Lojistas de Lisboa** — Junho de 1907 — n.º 30 — Summario — Commemoração Associativa — Sessão solemne realisada em 16 de Junho de 1907 — Aspecto da sola — Quadro de Honra — Carta do sr. Pinheiro de Mello — Cupertino Ribeiro — João José da Costa — Congratulação associativa — Apolinario Pereira — Conselheiro Carvalho Pessoa — Manoel Soares Guedes — Manoel dos Santos Sal — Coelho da Silva — Luiz Filippe da Matta — Manoel Francisco das Neves — Encerramento da sessão — Fernando Mendes — Homenagem: esboços bibliographicos de José Pinheiro de Mello, Agostinho Manoel de Sousa, Alfredo Joaquim da Silva Ramalho, Antonio Guerra Peres, Antonio José da Costa Junior, Domingo Luiz Coelho da Silva, F. A. Martins d'Almeida, Ignacio de Magalhães Basto, João Gomes da Costa, José Romão de Mattos, Julio Felisberto de Carvalho, Luiz Filippe da Matta e Marçal Romeira Pacheco.

**Novos Horisontes** — Agosto de 1907 — n.º 12. — Com o presente numero completa esta publicação o seu primeiro anno. Nos proximos numeros serão disribuidos o frontespicio e o indice. — Redacção e administração, Rua da Vinha — 15, 3.º — Lisboa.

## CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

### Pagamento adiantado

Portugal, Ilhas e Colonias		Brazil	Estrangeiro
Anno .....	2\$200	Anno (12 numeros)	Anno (12 numeros)
Semestre.....	1\$200		
Trimestre.....	600	Moeda fraca.....	12\$000
			Frs..... 15,00

Numero avulso em Portugal: 200 réis

No Brazil e Colonias o preço do numero será marcado pelos nossos agentes





DE AUTOMOVEL .  
(Quadro de Stewart)



# A PAIZAGEM PORTUGUEZA

(Inquerito aos homens de letras e outros artistas)



**S** *Serões* abrem hoje um inquerito sobre a paizagem portugueza. Para isso convidaram os nossos principaes jornalistas, homens de letras, musicos, pintores e esculptores, cujas respostas irá publicando em artigos successivos.

Obvias são as vantagens que este curioso inquerito offerece. Em primeiro logar figura a divulgação dos pontos mais formosos do nosso paiz; em segundo, a propaganda das suas bellezas naturaes, que são muitas, feita por espiritos de eleição, por almas sequiosas de Belleza e de Arte. A paizagem é o scenario da vida. Amiel disse que «a paizagem é um estado de alma». Para cada alma cada paizagem. Para o algarvio, o mar; para o minhoto, a romaria; para o alemtejano, a charneca; para o da Extremadura, a da leziria. Aos contemplativos dêmos as costas do Algarve com seus poentes reverberantes, de oiro, e as emmaranhadas mattas, a vegetação prodigalissima do Bussaco; aos *spleneticos* a animação das cidades; aos humildes, a resignada, primitiva paz da serra.

Frei Agostinho da Cruz, o poeta da meditação, é a paizagem biblica; Cezario Verde, a paizagem das cidades com seus ruidos e metallisações; Julio Diniz, o suave poeta das virgilianas paizagens da aldeia, como Camillo Castello Branco é o inimitavel paizagista de almas.

Se Victor Hugo é o mar, Dante é a treva e Shakespeare o abysmo.

Ha paizagens a que estão acorrentados nomes de escriptores e de homens illustres. Não se pode falar em Guernesey que não lembre Victor Hugo; em Valle de Lobos

que não lembre Herculano; em Ovar que não lembre Julio Diniz; em Villa do Conde que se não recorde Anthero; na Quinta da Barroca que se não evoque Sá de Miranda; nos Areaes de Mira que nos não lembre o nome de Bingre; em Cintra que não surja Bernardim Ribeiro, e, finalmente, em S. Miguel de Seide que não venha logo o nome de Camillo.

Os *Serões* correspondem pois a um desejo do publico. Portugal é um paiz abençoado; um *bouquet* de paizagens. Tem para todos os gostos. A serra e o mar, a charneca e a matta, e raros serão os paizes do mundo que se lhe possam oppôr em bellezas naturaes.

Curioso tambem como documentação litteraria este inquerito é, a todos os respeitoes, digno de interesse, e representa um grande e bello serviço na obra de propaganda, tão necessaria como util, d'esta nossa querida patria.

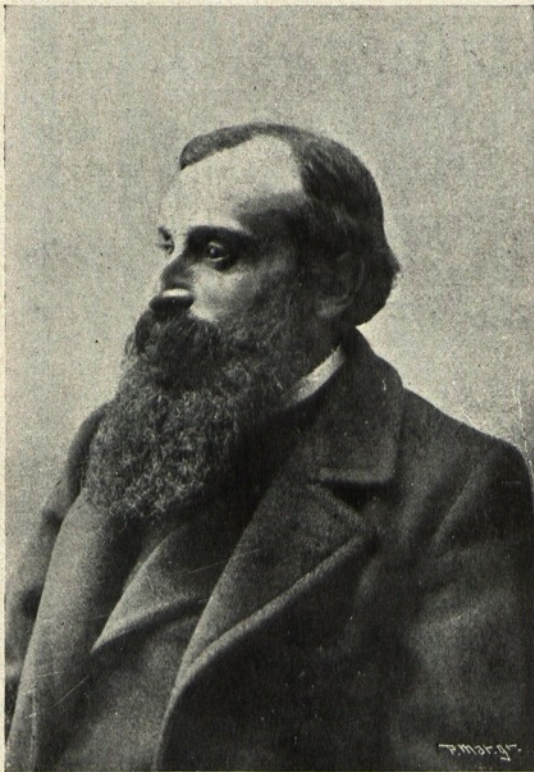
## De GUERRA JUNQUEIRO

Poeta

Guerra Junqueiro, o altissimo espirito de poeta que produziu as brilhantissimas ironias da *Velhice do Padre Eterno*, o indignado auctor da *Patria*, o lyrico cantor dos *Simples* e o artista *raffinée* da *Morte de D. João* deu-nos a sua resposta verbalmente. O grande poeta a quem o medico prohibiu toda a actividade litteraria não quiz deixar de acceder ao convite dos *Serões*. Eis uma pallida idéa da tão bella como scintillante resposta do grande artista.

«O que eu prefiro? O Bussaco e as praias do Sul. A floresta e o mar são as approxi-





GUERRA JUNQUEIRO

mações do Infinito. A floresta é uma oração; o mar uma grande messe de ondas. O Bussaco é como as antigas florestas cheias de religiosidade. Nem as aves cantam. Uma mudez augusta eleva as almas e as reintegra na Natureza. E' por isso que o Bussaco é uma floresta sagrada, divina, espiritual. Paizagem para um santo, para uma grande alma contemplativa e cheia de amor: Beethoven ou S. Francisco de Assis.

.....  
 «E Barca d'Alva, perguntámos? Não corresponde a um refugio espiritual?»

.....  
 «Barca d'Alva é demasiado tragico para mim. A paizagem é dura, escalvada, uma paizagem biblica em que o Deus que alli está bem é Jehovah. O rochedo é só o osso. Scenario para um propheta ou para um bandido: Ezequiel ou o Cura Santa Cruz.»

### De FIALHO DE ALMEIDA

Esriptor

Qual é, em sua opinião, o sitio mais pittoresco de Portugal?

Quererá a pergunta dizer, suponho, qual seja dos mil sitios pittorescos do pais, por

mim admirados e sentidos, aquelle que mais persistentemente reïncide na minha emoção d'artista...

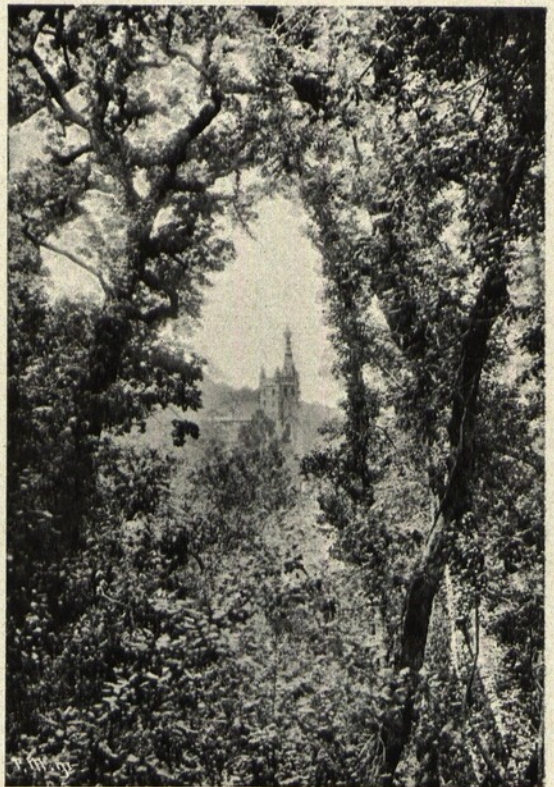
Ou melhor:

Qual dos estados susceptiveis de revelação pela paysagem, aquelle que permanentemente faz fundo na minha emotividade esthetica, inicial...

Ainda assim formulada a pergunta, responder com precisão é impossivel, pois sendo a paysagem um estado d'alma, quantos desses estados se sucedem nas 24 horas d'um temperamento, susceptiveis d'impulsivados por mil e mil determinantes internas, e outros tantos agentes exteriores, fortuitos ou frequentes!?

De mais, que termos absolutos de comparação fixaria eu, entre o typo de pictoresco unidade, e o trecho de paysagem preferido, para poder cathegoricamente afirmar a superioridade d'um ponto sobre o outro?

Conforme as preocupações de momento, o estado de figado, o estado de fundos, as insidias da toxina intestinal, não é verdade? — conforme a estação, a hora do sol, o estado hygrometrico, etc., assim para nós. o sitio mais pittoresco é o Bussaco da Cruz



UM ASPECTO DO BUSSACO



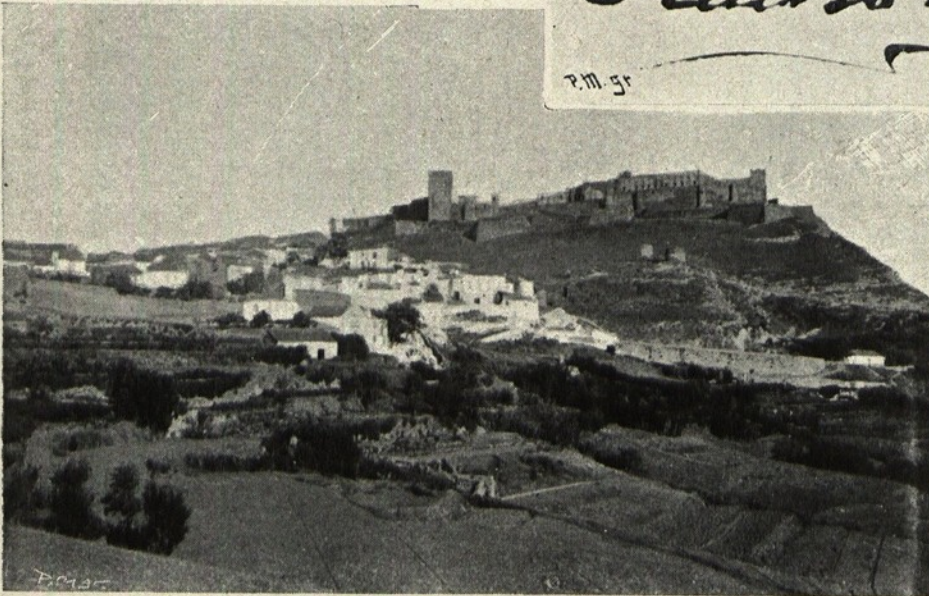
Alta, assim a galopada tragica de valeirões e viaductos da Beira Alta, entre Pampilhosa e Mortagua: assim os panoramas do Bom Jesus, do Castello de Guimarães, da Torre de Beja, do morro de S. Jorge de Lisboa, das Portas do Sol em Santarem, da esplanada de Palmella, da Ponta da Piedade a par de Lagos, da Foya de Monchique, da Serra da Arrabida, do cabo de S. Vicente, do valle do Sousa sentido dos altos de Barrosas, no Alto Minho, dos rios Vizella e Cávado, dos contrafortes do Marão, dos picos do Gerez, das ribas tragicas do Tua, ou dos grandes outeirões de riba-Douro, alem da Regua...

De norte a sul, segundo a cultura literaria, o instinto colorista, o temperamento dramático de quem olha, quantos sugestivos logares de melancolia poetica, d'arrobó mystico, d'idyllo floriansco, de pezadelo, de remorso ou de catastrophe!

Qual seja pois o sitio que eu prefiro?

Um certo nos dias de solitude

outro para o amor d'uma bella mulher ruiva e estrangeira, e ainda outro para dynamitar a queda d'um mundo e entre girandolas de



VISTA DO CASTELLO DE PALMELLA

vagabunda, um certo nos dias de vida imaginativa — este para marcar um plano de batalha, d'especulação financeira, d'intriga ou de revolta; aquelle para sonhar um livro de fantasia macabra ou de novela; e mais

sangue erguer o cadafalso d'um monarcha...

Se portanto o sitio preferido é função de tão complexos factores, de tantos antecedentes confusos, e consequentes imprevistos, como quer você que eu recomende aos seus leitores a vista do Bussaco ou de Palmella, se a maior parte dos

que lá forem *sentil-as* não leva no coração chapa sensível, nem luz de sol que grave o trecho de natureza n'uma maravilhosa prova de psychologia poetica, egual á que a sensibilidade de qualquer iniciado artista póde dar?



Não é preferível, em vez de me perguntar a mim por sitios pictorescos, dar *clichés* de fotografos, com os preços kilometricos do comboio, e aconselhar o publico a que escolha ?

*Fialho d'Almeida.*

### De HENRIQUE DE VASCONCELLOS

Esriptor

Meu caro amigo

O ponto mais pictoresco de Portugal é, para mim, a Avenida, ao domingo. Repare v. no grotesco da população apertada em vestimentas de vêr a Deus, a tristeza das faces macilentas, o andar compassado, procesional, das familias, os rapazi-nhos que procuram namoro, as meninas á cata de marido, tudo isto cruzando sob as arcadas das arvores tosquiadas á fran-zeza, d'onde criticam, escatológica-mente, os pardaes, de vez em quando.



HENRIQUE  
DE VAS-  
CONCEL-  
LOS.

Seu amigo, etc.

*H. de Vasconcellos*

### De AFFONSO LOPES VIEIRA

Poeta

O sitio mais pitorésco duma pátria é aquêle em que tivermos vivido mais e melhor: é o ponto de vista do nosso coração. Para mim, será este donde escrevo. Ha uma grande floresta, — e o mar.

S. Pedro de Muel (Marinha Grande).

*Affonso Lopes Vieira.*

### De SANTOS TAVARES

Jornalista

Obrigado, por imposições de jornalista mi-litante, a permanecer perpetuamente a uma mesa de redacção, conheço apenas Lisboa, e mal.

Cidade erguida sobre sete collinas, basta subir a uma vertente para que, ante os nossos olhos, se estenda um panorama lindo de perspectivas. Ao cair da tarde, sob o céu de um azul limpido, á luz diaphana e agonisante, os aspectos tomam uma expres-são espiritual de paz, enquanto que a mul-tidão se revolve e agita na ressaca das suas ambições, dos seus desesperos. dos seus des-animos e dos seus triumphos.

Creio que, para psychologos, esta cidade, calvario de humildades, é o «ponto mais pit-toresco de Portugal».

*Santos Tavares.*



A AVENIDA DA LIBERDADE

### De D. OLGA SARMENTO

Esriptora

— «Qual é, na minha opinião, o ponto mais pictoresco de Portugal? —»

No continente — o que mais me impres-sionou, até hoje, foi atravessar em automo-vel, n'uma manhã de sol, o *Minho* — até ao *Bom Jesus de Braga*. Mas impressão forte, intensa, mesmo emocionante — da paisagem



d'esta querida terra portugueza — tive-a na Ilha de San Miguel (Açores) visitando o *Valle das Furnas* e o das *Sete Cidades*.

Confesso que nunca encontrei no *meio dia* da França, nem mesmo em toda a Suíça, golpe de vista tão grandioso, a dar-nos o *frisson*, em toda a sua magestade, da natureza, como este que acabo de apontar.

Lisboá, 1907.

*Olga Moraes Sarmiento da Silveira.*

## De ABEL BOTELHO

Romancista

A minha preferencia é toda para as montanhas, para essas convulsas regiões da Beira Alta e do Douro, em que a terra se

ergue n'um empilhamento collossal de môros, collinas, serras, córregos e precipicios, na sua exasperada ancia de escalar o Infinito.

A atormentada revolta de toda essa orographia ascencional e gigante, atirando as suas calvas proeminencias côr de fogo ao céu impassivel, dá-me o grandioso *simile* panoramico da vida; é a fixação kosmica das tremendas agonias, das incertezas, das ardencias, dos terrores e das luctas em que a alma humana se gasta e se consome.

A montanha tem a brava altivéz, a fulva arrogancia creadora do Genio; a planicie é charra e banal como uma Cartá de conselho. Adoro essa paysagem de vôo e de tristeza, porque só ella é compativel com o sonho, só ella me commove e abala n'um

*sympathismo* estreito de sentir; porque sómente encontro a ampliação, flagrante e formidavel, da Dôr, no titanico desdobraimento d'esses *fandagos* petrificados do schisto e do granito, na escalada tragica d'esse sólo gretado e hirsuto, a espaços intumescido por

mamelões adustos, que são a *elephantiasis* do deserto.

*Abel Botelho.*

## De LUCIANO FREIRE

Pintor

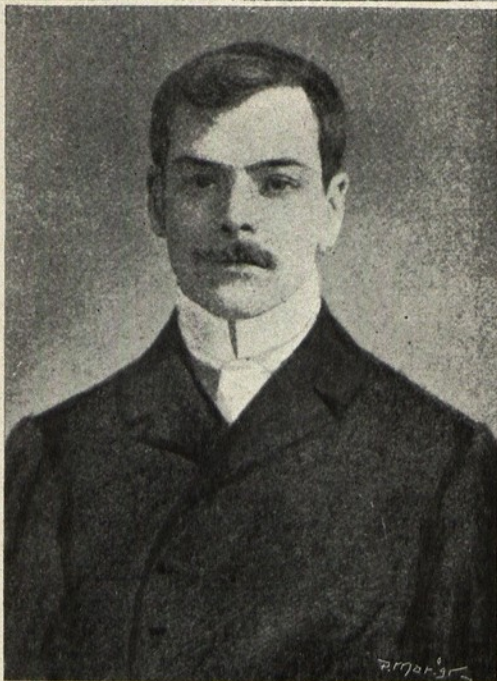
Caro amigo:

Deseja o meu amigo que me pronuncie acerca do ponto de Portugal que julgo mais pictoresco. Eu lhe digo: Condemnado á vida da cidade com todos os seus horrores, cartazes, construcções de *hypothetica architectura* e janotas, e a aturar



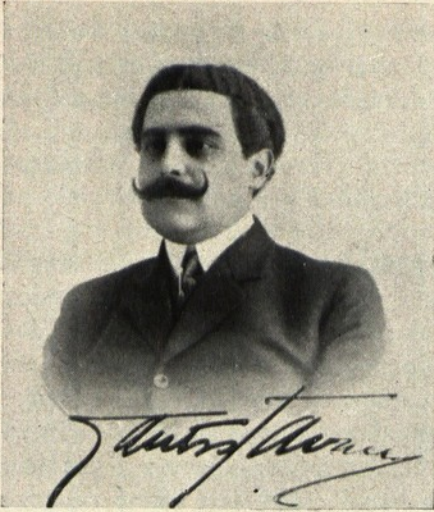
PAIZAGEM DE S. PEDRO DE MUEL

*Cliché de A. Lopes Vieira.*



AFFONSO LOPES VIEIRA





sem opposto! Não era para o publico que eu executaria esses quadros. O publico prefere assumptos comezinhos, paisagens intimas, animadas de figurinhas conduzindo a classica bilha á cabeça, ou batendo eternamente a roupa em pedras de duvidosa consistencia. Quer saber? Conheço uma região de Portugal que muito particularmente me impressiona: é a cortada pela estrada regular que de Guimarães conduz a Arco de Baúlhe, passando pela serra da Lameira, Gandarella, etc., e

pela velha estrada, coeva de Nun'Alvares Pereira, que atravessa as terras de que foi senhorio. Percorrer todo esse trajecto, subir ao Monte de N. Sr.<sup>a</sup> da Graça ou a qualquer d'aquelles numerosos monticulos que bordam o valle do Ta-



A CIDADE (ASPECTO DE LISBOA)

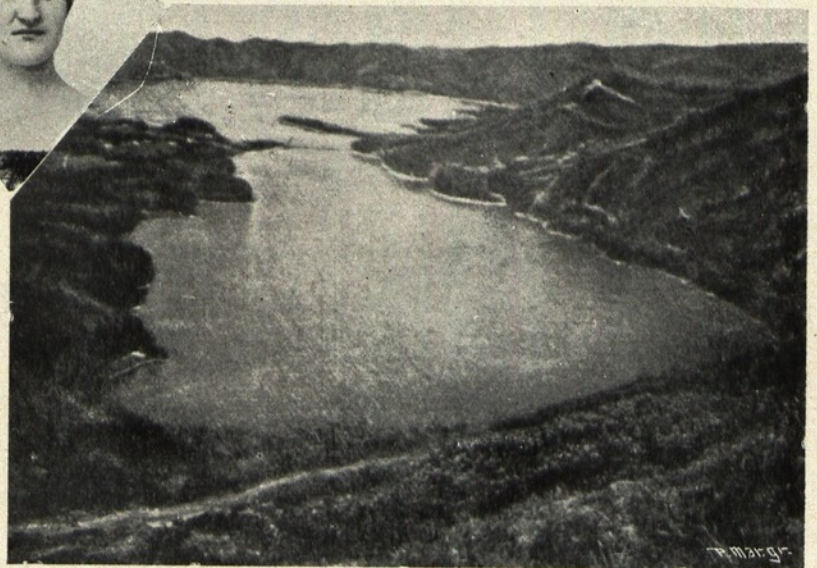
desde os conductores dos americanos logo que saiu de casa, até á poeirada da vassoura mechanica municipal quando recolho, toda e qualquer escapadela ao campo é para mim prazer ineffavel.

D'ahi, a minha incapacidade para certificar preferencias, pois toda a paisagem me dá gozo, mórmente a não maculada pelos endinheirados com as suas hediondas construcções urbanas.

Sinto porém, predilecção especial pelas montanhas; e, se o campo, em geral me apraz, só a paisagem montanhosa me emociona profundamente. Quantas vezes teria concretisado na tela essas impressões, se circumstancias materiaes a isso se não tives-

D. OLGA  
SARMENTO  
DA SILVEIRA

mega, e contemplar os esplendorosos panoramas, á tarde, quando as casitas nas encostas deixam escapar por entre os intersticios das telhas ou do colmo que as cobre, o fumosito da lareira que serenamente se



AS SETE CIDADES (AÇORES)



eleva nos ares... Eu sei lá, afinal, qual o lugar mais pictoresco do meu paiz! Arranje o meu amigo que sejam arrasados os *chalets*, que desapareçam os electricos, os moinhos americanos, as construcções em estilo Manoel... Ignacio, e Cintra triumphará decerto. Se continuarem, porém, a pejal-a com mais *embellezamentos*, e a ter eu de escolher entre Cintra e a Rua do Arsenal de Lisboa, preferiria esta ultima sem hesitar.

Lisboa, 6-7-907.

Do Seu Am.º, etc.

Luciano Freire.

De  
**MAGALHÃES LIMA**

Jornalista

Qual é o sitio mais pictoresco de Portugal?

N'um paiz, como o nosso, onde a natureza, por toda a parte, nos sorri, com a doçura e a bondade de uma mãe carinhosa e prodiga, é difficil a resposta. Muitos dirão que o sitio mais pictoresco de Portugal



é o Bussaco; outros que é Cintra. Mas eu que não esqueço os tempos da minha mocidade — tempos idos, ai de mim, na despreocupação de um bello sonho dourado! — direi que os sitios mais pictorescos

de Portugal são as inconfundiveis margens do Vouga, cantadas pelo Bingre, o saudoso poeta, que muitos desconhecem, deliciosos sitios a que os choupaes e salgueiraes, reflectindo as suas ramadas nas aguas chrystallinas do rio, semelhando figuras phantas-

tas, imprimem a feição de um paraizo ideal, que o amor, cioso e avaro, só concede aos privilegiados da fortuna.

Aveiro é a Veneza de Portugal e o Vouga



REGIÃO MONTANHOSA DA BEIRA

não tem rival nem as suas areias se confundem com quaesquer outras areias do mundo.

Magalhães Lima.

De **COLUMBANO**

Pintor

«Eu não sou um paizagista», foi a primeira resposta de Columbano, ao nosso inquerito. Depois, generalizada a conversa, o grande mestre da pintura portugueza confessou-nos a sua decidida preferencia por Cintra, não a Cintra banal, mas a outra Cintra, a Cintra selvagem, sem casaria, e Cintra natureza em plena exuberancia da vegetação. «Conheço pouco a paizagem portugueza, mas, para mim, do que conheço a é Cintra que prefiro.»

Misanthropo e timido, o ponto escolhido por Columbano é realmente o paraizo de uma alma contemplativa como a sua. A Cintra de Columbano convida a sonhar, convida a ser bom e a tornar a Vida grande consagrando-a a uma grande obra.

Nada lhe falta. Nem essa quietação benedictina dos ermos, nem esse isolamento do mundo gestor de grandes sonhos d'Arte.



De ANTONIO CORRÊA D'OLIVEIRA

Poeta

Entre as variadas respostas que recebemos, a de Antonio Corrêa de Oliveira é, sem duvida, das mais interessantes.

O commovido poeta do *Alivio de Tristes*, do *Ara*, do *Parabolas*, do *Tentações de Sam Frei Gil*, e o paizagista do *Auto do Fim do Dia* e do *Auto de Junho* respondeu em verso, n'um soneto primoroso em cujo prologo mais não queremos demorar o leitor:

### A Paisagem da Beira

O' Paisagem da Beira, ó flor e cruz,  
O' riso e dor, extranha como a face  
Pagã de Cêres quando meditasse  
Nas mysticas palavras de Jesus:

Sêdes de alma com que eu te desejasse  
E bebêsse nos versos que compuz,  
Geraste-as, — como o sol gerou a luz  
Dos olhos com que a gente o contemplasse...

Essencia do que sou e quero e scismo,  
Minha alma vem de ti: é tua imagem,  
A tua sombra espiritual, Paisagem!

No meu vital e cosmico Egoismo,  
Em ti me encontro a mim — e de tal arte  
Que é amar-me a mim mesmo olhar-te e amar te.

ANTONIO CORRÊA D'OLIVEIRA.

De JOSÉ SARMENTO

Jornalista

Perguntam-me os *Serões* qual é, na minha opinião, o ponto mais pittoresco de Portugal. A resposta não é facil para quem tenha percorrido o nosso lindo paiz, desde as quentes e luxuriantes paysagens do Algarve até ás verdes, macias, ternas planicies do Alto Minho ou ás abruptas e aggressivas montanhas de Traz os Montes.

E' mesmo de uma difficuldade complexa, porque implica necessariamente tendencias especiaes, estados de occasião,

rebates do temperamento. Eu tenho *sentido* paysagens que se tem desenrolado diante dos meus olhos e a que o meu espirito

guarda uma eterna, melancolica e doce recordação. Se estivessemos em tempo de romantismos e sentimentalismo, eu diria que ha trechos de terra n'este lindo Portugal encantado, que tem para mim mais valor que todas as riquezas do mundo, —



LUCIANO FREIRE



PAIZAGEM DO RIBEIRO DE VARZEA



pelo muito que eu soffri ao vê-las, pelo muito que ainda soffro ao relembral-as.

E' como se, diante de mim, n'este minuto da minha vida em que a pergunta dos *Serões* me vem surprehender, passassem em tropel, como uma ronda phantastica, todas as bellas coisas que gosei e que chorei. Fecho com delicia os olhos e deixo galgar a memoria á desfilada, demorando-me aqui, percorrendo outra vez logares de desgraça ou de felicidade, ou deslisando como um fantasma por entre os fantasmas das coisas que não voltarei a vêr nos dias da minha triste romaria pelo mundo. E sempre que quero fixar o pensamento, logo elle se desvia e me mostra novas tiras de estrada, novas mattas, jardins

e charneças, vistos á luz doce e limpida do sol ou sob um céu carrancudo de tempestade.

Mas a infancia e a mocidade guardam sempre os seus privilegios de saudade, pelas pessoas e pelas coisas; e como eu cedo abri os meus olhos encantados ao panorama do Bussaco, fiquei sempre com uma ternura especial e intima por essa mysteriosa região, onde o sonho escorre ao longo das suas arvores seculares e murmura nas fontes limpidas e tranquillias, afogado no musgo esmeraldino que reveste os velhos, amigos troncos paradisiacos.



DR. MAGALHÃES DE LIMA

Decididamente, meus amigos, eu voto pelo Bussaco.

.....  
*José Sarmento.*



A RIA DE AVEIRO



No proximo numero publicarão os *Serões* a continuação do nosso inquerito. Entre os varios artigos que esse numero inserirá, conta-se a resposta tão interessante como artistica de Theophilo Braga, o poeta da *Visão dos Tempos* e das *Tempestades Sonoras*, e o investigador e critico da *Historia da Litteratura*, o sabio-artista cuja vasta erudição tanto renome tem em toda a Peninsula; a de Augusto Gil, o poeta que tão admiraveis quadras tem cinzelado; a de João Penha, o admiravel poeta das *Rimas*, o bohemio impeccavel do *Vinho e Fel*; a de Jorge Collaço, o auctor d'esses azulejos preciosos, e a de Valença, o primoroso caricaturista do *Supplemento do Seculo*; as de Julio Dantas, Eduardo de Noronha, etc. D. João da Camara tambem acaba de nos prometter a sua, cujo atrazo é só devido á doença que aquelle nosso querido poeta e querido amigo acaba de atravessar.

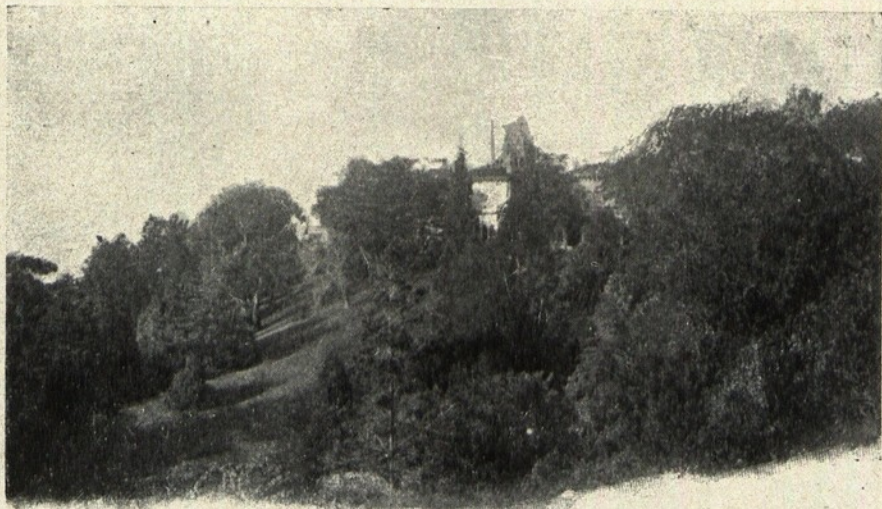
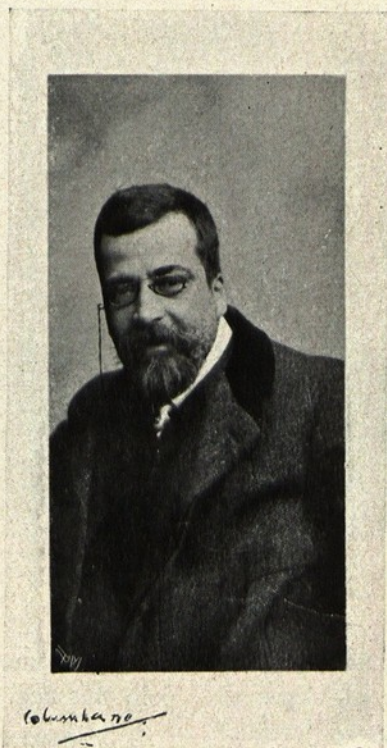
Ratifica-se pois que Portugal é por excellencia o paiz da paizagem.

Corra-se a nossa litteratura e a nossa pintura e digam-nos se os paizagistas não são em maior numero?! Pois não são algumas das estancias dos *Luziadas*, maravilhosos quadros de colorido e de realidade, onde ha paizagens maravilhosas, todas as gammas de tons, todas as alacridades, todas as tintas as mais diversas, as mais opulentas e

as mais estonteadoras? Fernão Mendes Pinto não foi por excellencia um paizagista, assim como paizagistas não foram muitas vezes os auctores ignorados d'essa sombria *Historia Tragico Maritima*?

Herculano tinha o amor da paizagem como Camillo. Na sua obra Herculano tem uma grande dose de descriptivo e em Camillo o amor da natureza é extraordinario, especialmente n'esse Minho que elle tão bem soube ver, e soube sentir. Eça de Queiroz tem nas *Cidades e Serras* paginas de paizagem portugueza que são verdadeiramente extraordinarias no seu potencial de descripção. Castilho e Garrett nos idylicos quadros da Natureza. Conhecem decerto o valle de Santarem. E a *Joanninha dos olhos verdes*? Fr. Luiz de Souza e tantos outros desde o padre Carvalho, da *Corographia*, até aos escriptores contemporaneos, todos se teem comprazido em florentissimos descriptivos de

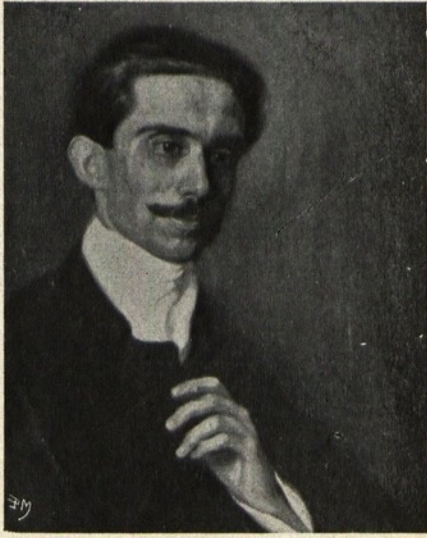
recantos maravilhosos, trechos de sonho que são realidades, esboços de paizagem sem rival no mundo e sem rival tambem no encanto, riquezas vistas ou sonhadas, d'este nosso Portugal.



UM ASPECTO DE CINTRA



Na pintura portugueza bastaria citar esse genial e acabrunhado Silva Porto, interpretador da paizagem como ninguem; Malhóa,



ANTONIO CORREIA D'OLIVEIRA  
*Retrato de Antonio Carneiro*

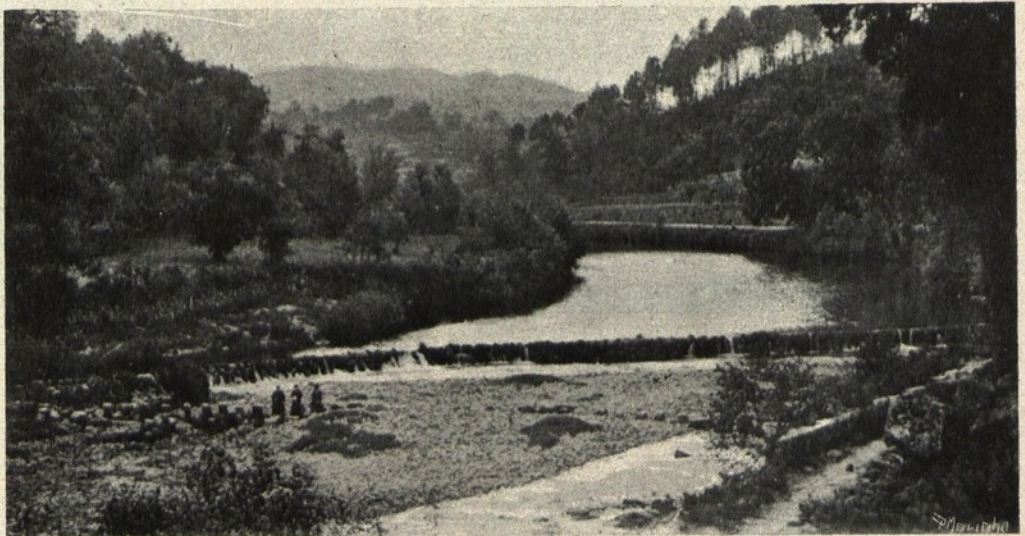
o dos aspectos da aldeia; Henrique Pinto; Vaz, o da paizagem maritima; Condeixa e tantos outros, não esquecendo Assumpção, o precursor.

Mas melhor do que tudo, leitor, é vêr, certificar-se a gente do que seja esse Bus-saco de que as palavras de Junqueiro fal-lam tão entusiasticamente e a prosa de José Sarmiento com tanto amor: vêr o que seja esse S. Pedro de Muel, onde «ha uma grande floresta e o mar», preferido de Affonso Lopes Vieira, o poeta pagão do «*Ar Livre*», o livro da na-tureza; ver essa Beira que Abel Botelho viu nos seus as-pectos mon-tanhosos ba-talhadores e taciturnos e Corrêa de Oliveira, o poeta das religiosida-des commo-vidas, no murmuro suspirar das

suas oliveiras, dos seus choupaes e dos seus rios de agua corrente e clara; ver o que seja esse Minho de vegetação uberrima e paiza-gem opulentissima, terra de romarias, de entusiasmos e de optimas moçoilas, em que o leitor já decerto ouviu falar, se o não ama por ser de lá ou o conhecer de perto, e de que a bella prosa sincera e artistica de Lu-ciano Freire, o pintor de Nun'Alvares, e a de D. Olga da Silveira, falam com tanta admi-rativa affeição; ver esse Aveiro, que Maga-lhães de Lima recommenda entusiasta e saudoso, e essa Cintra tão typicamente curiosa que Columbano, pintor e taciturno prefere. Ver, finalmente, todos os pontos de Portu-gal a que n'uma rapida e synthetica lem-brança Fialho d'Almeida, o extraordinario artista dos *Cefeiros* e o colorista formida-vel do *Paiç das uvas* faz passar ante os nossos olhos extasiados como n'um kaleidos-copio uma soberba fita de vistas panorami-cas, como bellezas que uma vez vistas eter-namente se conservarão na nossa lembrança e na nossa saudade.

E, é impossivel que o leitor se não tente.

Portugal é um paiz pouco conhecido até dos proprios portuguezes. Cumpre integral-mente no papel que lhe pertence. Quando se tem feitos que um Camões cantou e paizagens que um Bayron mostrou ao mundo em ver-sos immortaes tem-se o mais difficil. Cum-pre a todos nós portuguezes encetarmos a vulgarisação da terra portugueza, abrindo ante os olhos da Europa as mil preciosida-des de um solo sem rival, toda essa riqueza de ballada deslumbradora e innegualavel.



S. PEDRO DO SUL



Parece que a Deus, o Deus da criação, aprouve derramar sobre a península riquezas á flux, e quiz Portugal o Eden das galas e das bellezas. Clima, terra, sol, onde os ha melhores? Só quando se correu mundo debaixo da intemperie e se calcurriou a Europa olhando a loucura do barometro, é que se é verdadeiramente patriota. Então apparece n'um nimbo de sonho a Terra mater. E' quando a saudade entra a pungir, «deliciso pungir de acerbo espinho» como dizia Garrett, o exilado.

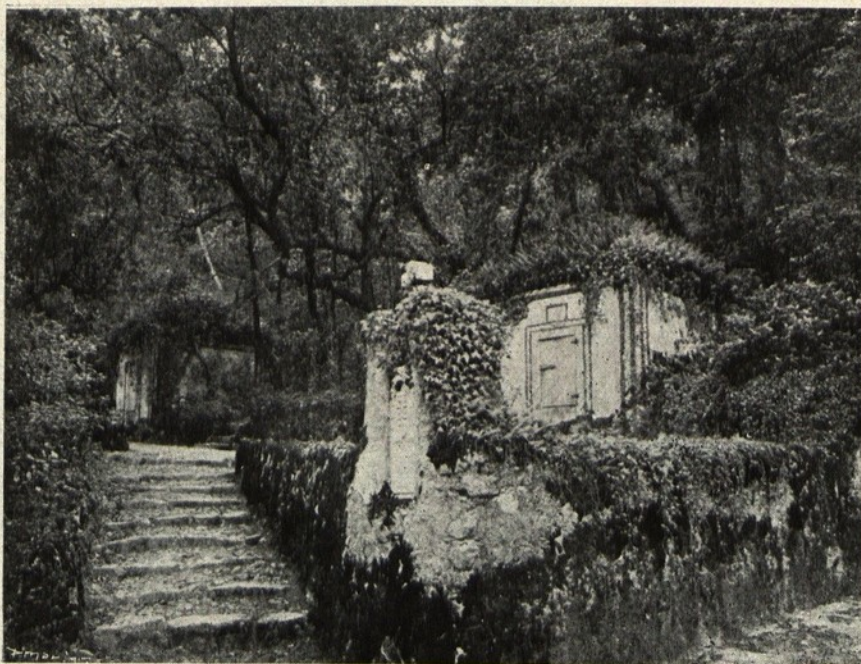
As proprias cidades portuguezas, ainda as maiores, offerecem o aspecto de se estar sempre em familia, como



aquellas cidades da Hollanda que a penna illustre de Ramalho Ortigão tão bem soube paisajar e descrever.

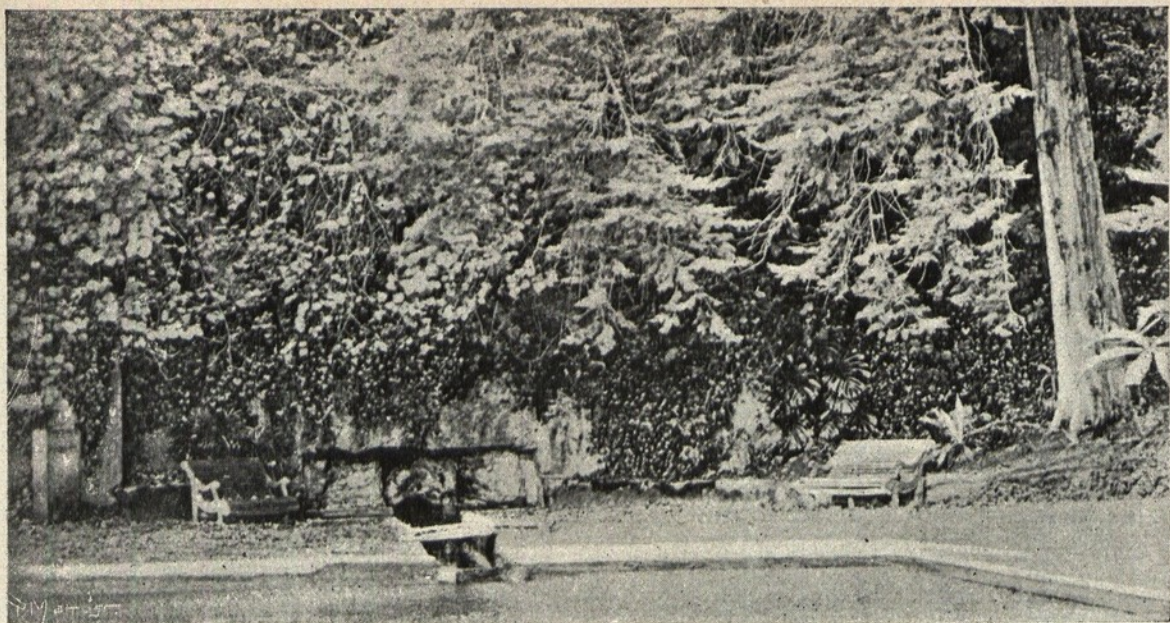
E tudo, tudo parece que n'este abençoado paiz de sol, debruçado sobre a ignota grandeza do Oceano, d'esse legendario Oceano das caravellas e conquistas, se concluiu para no mesmo pacto se fazer amar de naturaes e estrangeiros, ainda que elles tragam impressas na memoria as visões mais lindas e as perspectivas mais surprehendentes e as mais assombrosas decorações.

E como não ha de ser amada uma Patria d'estas, e como ella não merece ser resgatada do Esquecimento.



BUSSACO





ANTIGA FONTE NOVA — QUINTA DO POMBAL

## A FONTE DOS AMORES

*Prova-se a existencia d'uma «Fonte dos Amores» anterior aos «Luziadas» e que, sendo denominada assim ainda hoje, nada tem com os amores de Ignez. — Diz-se onde ficava a verdadeira «Fonte» e qual o sitio que lhe deve corresponder na actualidade.*

**H**A lendas que se arreigam, que clamam por tal fórma no espirito do povo que é difficil senão impossivel fazel-as ceder um palmo de terreno ao maior ou menor numero de probabilidades, de recursos, mais ou menos admissiveis, tendentes a reconstituir qualquer verdade historica.

Em Coimbra, terra de poetas, povoada de lendas as mais caprichosas, se alguem procurar saber qual o sitio provavel da verdadeira *Fonte dos Amores*, o povo indicará a Quinta das Lagrimas e, olhando de soslaio, convicto da ignorancia da pessoa com quem está tratando, rir-se-ha da pergunta, afirmando gravemente, solememente, ser aquella a unica, a antiga, a authentica *Fonte dos Amores* e, deixando-se levar pela sua candida e interessante ingenuidade, dando-se ares de letrado, dirá que o vermelho que tinge o fundo da fonte, devido, julgo eu, a qualquer alga que ali se formou, é o

sangue... e que uns fios dourados, raizes de plantas aquáticas que saem da nascente, são, sem tirar nem pôr, os cabellos de D. Ignez de Castro!... E tudo isto porque o nosso grande épico, essa alma extraordinaria, alma colossal de portuguez que foi Luiz de Camões, se lembrou de dizer no Canto III, est. CXXXV dos seus *Luziadas* — que :

*As filhas do Mondego a morte escura  
Longo tempo chorando memoraram ;  
E por memoria eterna, em fonte pura  
As lagrimas choradas transformaram :  
O nome lhe poseram, que inda dura,  
Dos amores de Ignes, que ali passaram  
Vede que fresca fonte rega as flores,  
Que lagrimas são agua e o nome amores.*

D'ahi o erro em que teem cahido os mais abalisados investigadores collocando-a, uns, aqui, outros, além, e, ainda outros, dizendo



não ser verdadeira a da Quinta das Lagrimas sem provarem em que se fundam para tirarem esta conclusão. . .

E afinal não se chega a saber onde é que a tal Fonte existiu! . . .

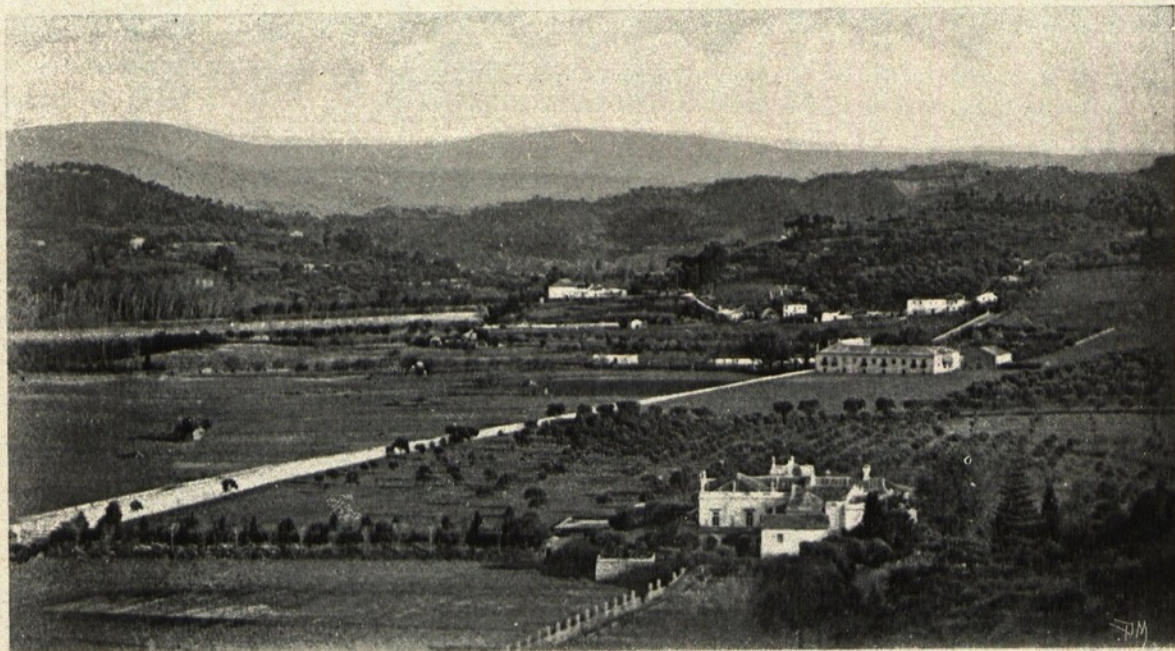
Abandonemos, por agora, os contemporâneos que teem divagado de mais sobre o assumpto tornando-o demasiadamente intrincado e vamos procurar nos antigos alguns dados que nos possam esclarecer e servir de bussola para demandarmos qualquer porto de salvamento n'esta tremenda confusão produzida pela multiplicidade de opiniões de

trevé-se claramente que foi buscar a sua origem ao ultimo verso da estancia já citada:

*Que lagrimas são agua e o nome amores*

E tanto assim deve ser que o primeiro documento em que ella nos apparece com esta denominação é uma escriptura que pertence ao Cartorio de Raymundo Antonio de Macedo, que era tabellião em Coimbra na data em que foi lavrada — 21 de julho de 1730.

Já em outubro de 1360 consta d'um



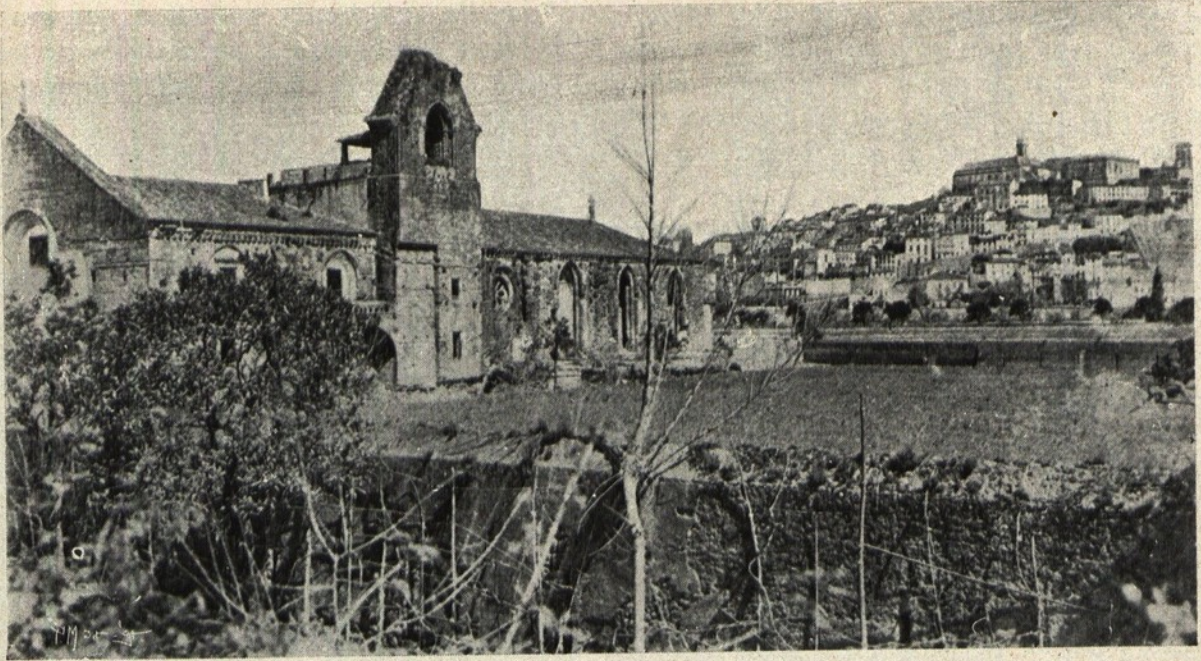
A ESTRADA DA VARZEA. A' DIREITA FICA A «QUINTA DAS LAGRIMAS» NO PRIMEIRO PLANO, DEPOIS A QUINTA DA VARZEA ACTUALMENTE PROPRIEDADE DO SR. VISCONDE D'ALVERCA

auctores e pela má interpretação que deram a uma ficção do Poeta. Na verdade, antes da publicação dos *Luíadas* já nos apparece, em 1554, um poemeto de Ignacio de Moraes — *Conimbricæ encomiu* — reproduzido no jornal *O Instituto* (agosto e setembro de 1887) que nos fala d'uma *Fonte dos Amores*, mas assim denominada em virtude d'uma lenda muito differente da que vem na estancia de Camões.

Em nada, absolutamente em nada, se relaciona com os amores de Ignez e era, como ainda hoje é, a antiga *Fonte Nova* na *Quinta do Pombal*, actualmente *Quinta das Lagrimas*. Do proprio nome da Quinta en-

mandado das Justiças de Coimbra que ninguém tratasse mal — *o cano da agoa, que vae da Fonte dos Amores para o mosteiro de Santa Clara, sob pena de fazer trinta dias na cadeia.* — Posto isto talvez haja ainda alguém que queira vêr n'esse mandado um enorme desejo de conservar a fonte por andar ligada a ella qualquer recordação da morte de Ignez, o que não pode ser, conforme demonstramos — mas, n'esse caso, diremos que a razão de tal sollicitude por parte das Justiças devia ter sido a muita vontade de agradar á Rainha D. Izabel, a quem o povo adorava, e que vivia n'esse tempo em Coimbra, — pelo facto de ter esta adqui-





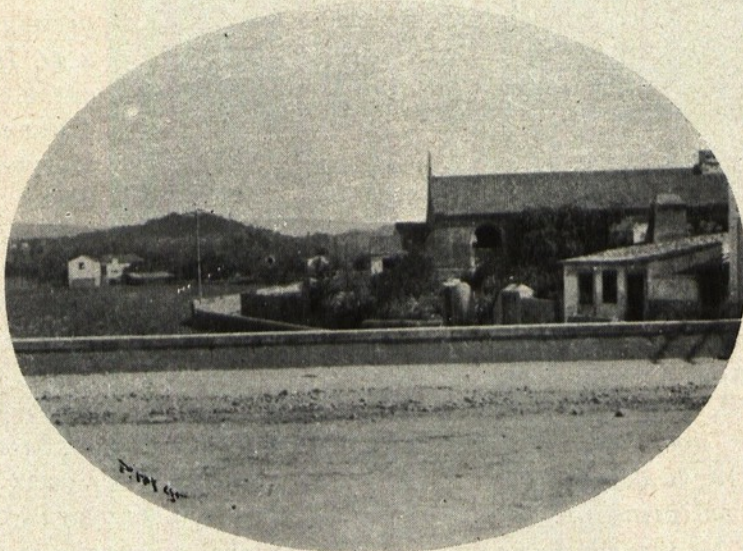
EGREJA DO ANTIGO MOSTEIRO DEIXANDO VER AO FUNDO PARTE DA CIDADE

rido, em julho de 1326, por escambo feito com o mosteiro de Santa Cruz, duas fontes chamadas *do Pombal*, destinadas a abastecer de aguas o convento. Este contracto, que foi confirmado por diploma de el-rei D. Affonso IV no dia 1 de outubro, auctorisando sua mãe a dispôr das fontes como muito bem lhe approuvesse, foi o cumprimento do vehemente desejo que a Rainha tinha mostrado de juntar as aguas das duas fontes e encanal-as para a cerca do mosteiro o que fez, passado pouco tempo, correndo o cano de oeste a léste no extremo norte da Quinta do Pombal. D'aqui se conclue a existencia d'uma *fonte dos amores* que nada, mesmo nada, tinha com os amores de Ignez anteriormente aos versos de Camões e que já então era, como hoje — *rica de la natura y pobre d'arte*, como disse Sá de Miranda na *Fabula do Mondego*.

Depois de ter demonstrado não ser esta a verdadeira fonte mas sim uma outra com o mesmo nome devido a lenda muito diversa, e tão diversa que nem Camões faz a minima allusão a ella, o que seria muito pouco crível, julgamos nós, caso tomasse por authentica a referida fonte — depois de termos deixado perceber que o Poeta sempre havia de harmonisar a sua lenda com a outra já existente se ambas ellas envolvessem referencias aos amores de Ignez, o que succederia com certeza caso a fonte fosse a

mesma, vamos apresentar alguns dados pelos quaes se pode saber o logar onde ficava a tão cantada, a verdadeira *Fonte dos Amores*.

Côrte-Real, no seu livro — *Bellezas de Coimbra* — falando sobre o assumpto de que estamos tratando, faz-nos esta descripção a pag. 48: — *No campo que serve hoje de horta, é que ficavam os*



UMA PARTE DO CONVENTO VELHO DE SANTA CLARA  
VISTA DO LOGAR QUE SE DENOMINAVA «O' DA PONTE» QUANDO AINDA EXISTIA  
A PONTE DE PEDRA

(Cliché do sr. Platon Peig)



*Claustros do Convento. Tinha vistas aprazíveis. As suas faces erão sustentadas por uma serie de arcos de pedra, uns grandes, outros pequenos, uns abertos, outros fechados com redes da mesma pedra, onde brilhava a sublimidade da arte, e o engenho do artifice. No meio do claustro se via um grande tanque, em que se precipitavão muitas fontes por diferentes figuras. A maior rebentava da bocca de uma serpente, que estava enroscada no braço de uma nympha. Ora uma d'estas fontes havia necessariamente de ser a Fonte dos Amores, visto ficar na horta que occupa o logar onde*

*d'aquella catastrophe pathetica, que deo á Historia Portugueza a melancholia da tragedia e assumpto ao mais bello Episodio do Cantor do Gama.*

Faria e Sousa, nas *Rimas de Camões*, P. 2.<sup>a</sup>,



A VERDADEIRA FONTE DOS AMORES DE IGNEZ, NA INSUA QUE FICA JUNTO DO VELHO MOSTEIRO

(Cliché de M. Figueiredo)



O «CANO DOS AMORES» SEGUINDO AO LONGO DA «QUINTA DAS LAGRIMAS» (QUINTA DO POMBAL)

(Cliché do sr. Mesquita de Figueiredo)

existiam outr'ora os claustros do Convento.

Isto mesmo nos diz Fr. Manoel da Esperança na *Historia Seraphica*, parte II, livro VI, cap. XVII, pag. 35: — vinha de fóra a agua, por um cano, que chamou DOS AMORES por razão de uma fonte deste nome, onde tem o seu principio.

Côrte-Real, que foi verdadeiro na descrição dos claustros, já não procedeu da mesma forma quando affirma a pag. 30 que: — o velho Palacio d'esta Quinta foi o theatro

pag. 37, diz-nos tambem: — Està fonte que se chamou dos amores por essa razão já dita estava nos jardins do palacio... O principe não podia falar a D. Ignez todas as vezes que o desejavam ambos... Valia-se para isso d'aquella agua e d'aquelles aqueductos porque por elles e por ella enviava os papeis que lhe escrevia.

Rompeu, parece, em certa parte o aqueducto e mettendo por ahi os papeis, levados pela agua, iam sahir ao jardim onde Ignez acudia a recebê-los. Parece deprehender-se d'estas linhas que D. Ignez, a admittirmos a lenda, recebia as cartas no jardim do Palacio da Quinta que não era outra senão a do Pombal e isto não se pode admittir como verosimil, pois sabe-se e diz-nos Fr. Manoel da Esperança, no L. 6, c. 10 da sua *Historia* que: *E' tradição em Coimbra, que o In-*



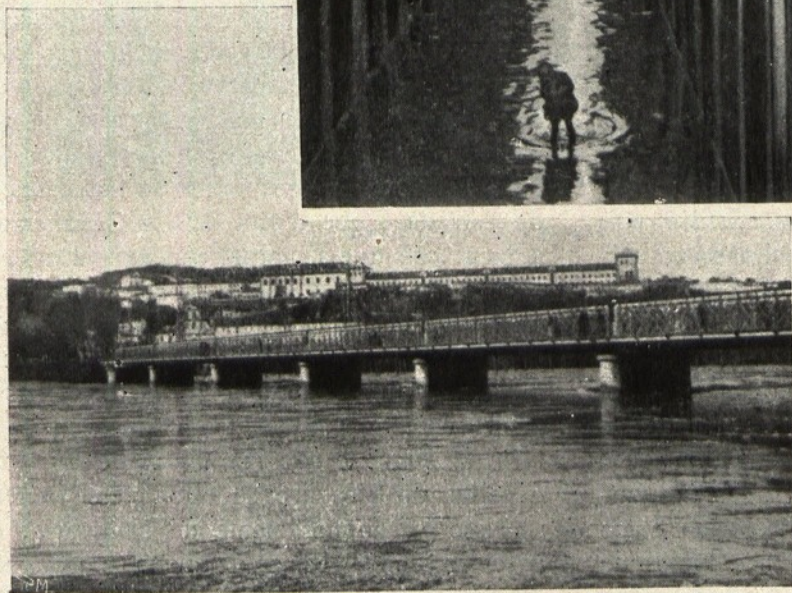


A CHEIA INVADINDO AS RUAS DA CIDADE

fante D. Pedro remettia por elle a D. Ignez de Castro os seus escriptos de amores, quando ella estava no Convento. Fr. Raphael de Jesus, na *Monarchia Lusitana*, vol. 7, pag. 513, declara tambem que: «... o



UMA CHEIA DO MONDEGO INVADINDO A RUA DO CORVO



UMA CHEIA DO MONDEGO. A PONTE NOVA E O NOVO CONVENTO DE SANTA CLARA

principe D. Pedro mudou sua casa para Coimbra, levando consigo a sua consorte D. Ignez de Castro...» — «Pela amenidade e pelo retiro se aposentou nos paços da Rainha Santa, crendo que nos longes da vista amortalhavam as murmurações da suspetia.»

Ruy de Pina diz que Ignez de Castro vivia nas casas do Mosteyro de Santa Clara.

Portanto recebia as cartas não no jardim da Quinta do Pombal mas nos claustros do Convento, d'esse velho Mosteiro cujas dependencias estabeleciam uma linha divisoria ao longo da actual estrada da Varzea até á rua das Parreiras, que representa o inicio d'esse velho e historico burgo de Santa Clara.

Provada assim a existencia de varias fontes dentro do Convento e, para mais, dentro do Claustro em communicação directa com a *Fonte Nova* ou *Fonte dos Amores* da Quinta do Pombal, resta-nos confessar o que pensamos ácerca do assumpto, o que faremos em muito poucas palavras, dizendo reconhecer-mos a todas as fontes que existiam nos Claustros, o direito de se cha-



marem *dos Amores* pois que Ignez viveu junto de todas ellas mas, se quizermos tornar real a lenda que Camões creou, diremos que a verdadeira *Fonte dos Amores* devia ficar pouco mais ou menos onde existe agora, sob um alpendre, uma fonte que denota ser bastante antiga e que bem pode ser a mesma, a propria, pois que ainda recebe directamente as aguas que veem encanadas da Quinta conforme as narrações das chronicas. Para mais, fomos encontrar, na parede, uma pintura qualquer que desapareceu com a acção do tempo mas que ainda nos transmittiu, ao fundo, estas terminações de palavras, na disposição em que as transcrevemos:

FLORES  
MORES  
XXXV

que são, nem mais nem menos, o final da estancia de Camões:

*Vêde que fresca fonte rega as flôres  
Que lagrimas são agua e o nome amores.*

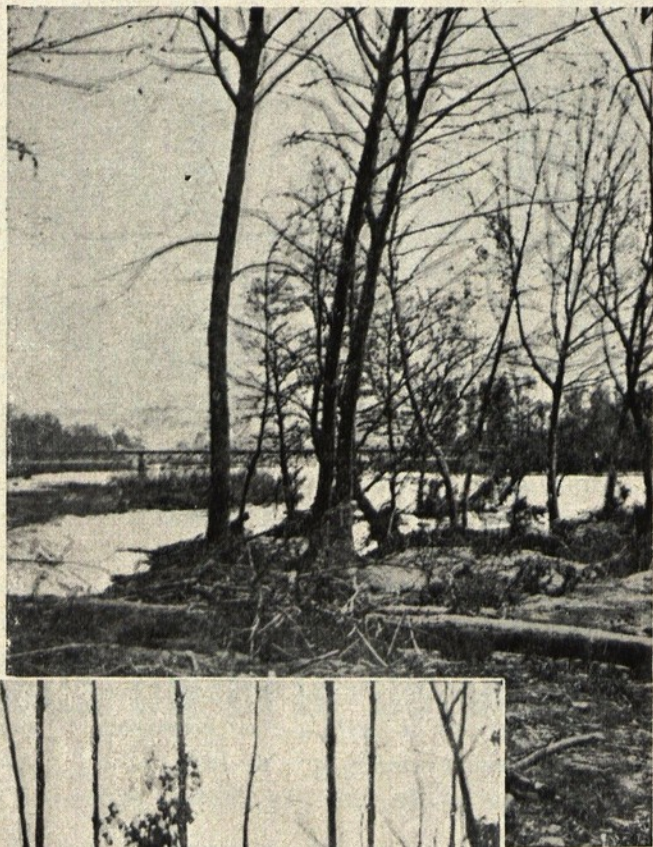
Perguntamos agora — qual a razão que levou os modernos, antigos em relação a nós, a escreverem estes dois versos a encimar a bica d'esta *Fonte* que, como disse, deve ser bastante velha? Só ha uma conclusão a tirar — é que elles entenderam, como nós, ser aquella a verdadeira fonte por ficar nos Claustros, por receber aguas pelo citado cano do qual se vê um pedaço a descoberto e que é muito symetrico e um pouco inclinado, o que nos faz acreditar no resto da lenda em que o nosso povo, sempre bom e crédulo, piamente crê. A barquinha de cortiça presa por um cordel para transportar a correspondencia amorosa de Pedro e Ignez pode muito bem ser que existisse, pois que, sendo o cano um pouco inclinado actualmente, mais o devia ser então, a partir do *Roxio*, como chamavam ao actual *Rocio* na época em que se deram os tragicos acontecimentos que então passaram sem reparo, pois abundavam os casos d'esta natureza, e dos quaes Luiz de Camões fez uma immensa tela cheia de colorido, com toques deslumbrantes de luz, um quadro historico cheio da mais viva emoção, pondo nos labios de Ignez, aos pés de Affonso, as mesmas palavras que Valmiki, no *Ramayana*, poz nos

labios de Yaginadata cahida aos pés de Daçaratha. E disse ha pouco que o *cano* devia ser mais inclinado, a partir do *Rocio*, porque entre este e as dependencias do Convento que ruiram entre 1559 e 1600, foi construida a estrada da Varzea que fica muito acima do caminho velho e, na *Fonte* de que nós falámos e que tomamos como verdadeira, o cano apparece-nos quasi ao nivel da nova estrada. D'aqui se vê claramente que elevando a estrada quizeram tambem elevar, n'essa parte, o cano por onde as aguas iam sahir ao Convento desde 1326, para desenterrar a *Fonte* das areias que as enchentes do Mondego arrastavam para ali e que fizeram com que, a 8 de julho de 1330, quatro annos depois, fosse sagrada uma nova igreja n'um pavimento superior do Mosteiro que hoje se encontra meio submerso e que fizeram tambem com que D. João IV mandasse lançar em 3 de julho de 1649, a pedra fundamental d'um novo convento no Monte da Esperança, e que hão de fazer com que a actual Coimbra desapareça tambem. Poderão dizer-nos agora que a construcção da estrada data de ha pouco tempo e que a *Fonte* já teria desaparecido nas areias. A isto responderemos que o Convento, embora pareça o contrario, está pouco submerso e na data em que se construiu a estrada da Varzea devia vêr-se ainda alguma coisa da *Fonte* e tanto bastava para que a desenterrassem. Ainda ha poucos annos, quando se demoliu a antiga ponte de pedra poudes vêr-se n'ella uns restos da primitiva ponte dos seculos XII e XIII. Mas isto seria apenas para provarmos d'uma fórmula categorica tudo o que temos dito porque, dando logar ás conjecturas, quer-nos parecer que a fonte com o seu alpendre já tinha sido elevada pelos antigos antes da construcção da estrada e que n'esta data só levantaram a bica, pois que a pintura que existia na parede e os versos a que já nos referimos são com certeza muito anteriores, visto termos encontrado, dentro do Convento, n'uma capella, um quadro pintado na parede exactamente com as mesmas tintas que empregaram na *Fonte*, e não iam pintar quadros nas capellas do Mosteiro se elle, n'esse tempo, servisse vergonhosamente de abegoaria, de palheiro e não sabemos de que mais como tem servido nos ultimos tempos e serve actualmente. Isto é que não admite duvidas. E



uma vez que nos inclinámos a admitir a lenda da barquinha de cortiça e que dissémos acreditar, para isso, na sufficiente inclinação do cano, o que nem talvez fosse preciso devido á força da corrente entre pedras bem talhadas que lhes servem de leito em todo o seu percurso, vamos agora interpretar uma passagem dos auctores da fôrma que nos parece mais razoavel e mais proxima da verdade dos factos. Algumas chronicas e alguns investigadores teem dito, como Faria de Sousa, na P. 2.<sup>a</sup>, p. 37 das *Rimas de Camões*, que D. Pedro: — *Rompeu parece em certa parte o aqueducto e mettendo por ali os papeis, levados pela agua, iam sahir ao jardim onde Ignez acudia a recebel-os. De maneira que o amor vinha nadando, vinham as chammas amorosas passadas por agua.* Resta-nos saber qual o logar em que o cano foi aberto. Parece-nos, iamos até jurar, que esse sitio

do seu bem curto idyllio. Ora porque razão não havemos nós de crêr que D. Pedro, andando á caça pelo monte da Esperança como costumava, e perdendo Ignez sua esposa de



UMA ENCHENTE NO CHOUPAL

EFFEITOS DE  
UMA CHEIA  
NO CHOUPAL.

*vista e falla, rompessem' este sitio o cano então meio encoberto pelo tojo que havia no Roxio,*

foi o que hoje o povo, muito especialmente, chama o *cano dos amores* e que, sendo uma parte do referido cano que vinha da Quinta do Pombal, fica hoje, a um canto do Rocio, muito escondido. Vê-se que lhe foi arrancada uma pedra da parte superior e essa abertura serve actualmente de lavadoiro. A gente das vizinhanças crê que era para ali que D. Pedro e D. Ignez iam passar algumas horas

segundo rezam as chronicas, e não cessasse *de lhe enviar recados* por intermedio d'essas aguas? Para mais não se justifica o motivo porque o cano nos apparece roto n'este sitio e as aguas, não sendo ali presas, continuam a correr para a verdadeira *Fonte dos Amores*. . . Se lhe tivessem tocado para ali fazer um lavadoiro e não tivessem somente collocado ali uma pequena pia para aprovei-



tar as aguas, haviam de obstar, de certo, a que as aguas, depois de sujas na lavagem das roupas, continuassem a servir uma Fonte. Alguns escriptores, referindo-se a este lugar, dizem parecer-lhes não estar situado no plano primitivo e nós dizemos que sim visto ficar situado no monte onde não foi preciso alterar nada porque vae descendo sempre até ao nivel do Mondego, ao qual ainda fica muito superior, ficando sómente inferior em relação á nova estrada, o que torna mais verosímil a nossa afirmação.

Ainda ha bem poucos dias, quando o nosso amigo sr. dr. Mesquita de Figueiredo, se dispunha a photographar o local a que nos referimos, tivemos occasião de vêr que o cano, n'esse sitio, ao entrar novamente na Quinta das Lagrimas, fica assente em rocha que nenhuns vestigios apresenta de ter soffrido quaesquer alterações.

D'esta maneira, dando uma fórma concreta á ficção de Camões e á tradição oral, temos, a duzentos metros do Convento velho, a verdadeira *Fonte dos Amores* existente ainda, sob um alpendre, n'uma insua e possuímos o local onde D. Pedro, esse *doido com intervallos lucidos de justiça e de economia*, como lhe chamou o nosso grande Herculano, lançava a barquinha com as cartas para Ignez.

E á antiga *Fonte Nova*, á *Fonte dos Amores* que muita gente julga verdadeira, só lhe resta o orgulho, aliás bastante justo, de ter mandado as aguas da sua nascente para os logares em que a *misera e mesquinha* amou e foi amada.

Alguem houve que attribuiu a transplantação da lenda para a Quinta das Lagrimas ao facto, que nos parece bastante accetavel, de uma proprietaria se ter chamado D. Antonia Ignez de Castro e d'ahi o povo chamar a essa propriedade a Quinta de Ignez de Castro. O dr. Teixeira de Carvalho faz referencias a esta versão n'um artigo que publicou na *Gazeta Illustrada* (Coimbra) n.º 22, dia 26 de outubro de 1901.

E' muito possivel que assim seja. Nós, porém, achamos que não tem razão de existir, perto da antiga *Fonte Nova*, uma lapide com a estancia CXXXV dos *Luziadas* que, para maior vergonha, dizem ter sido mandada collocar ali por um inglez qualquer... E para mostrar que foi completa a má interpretação

d'esse bello Episodio dos *Luziadas* basta dizer que a lapide, encerrando a estancia de Camões, tem estas palavras a encimál-a :

#### FONTE DAS LAGRIMAS

Ora o verso com que o Poeta terminou a estancia CXXXV diz o seguinte :

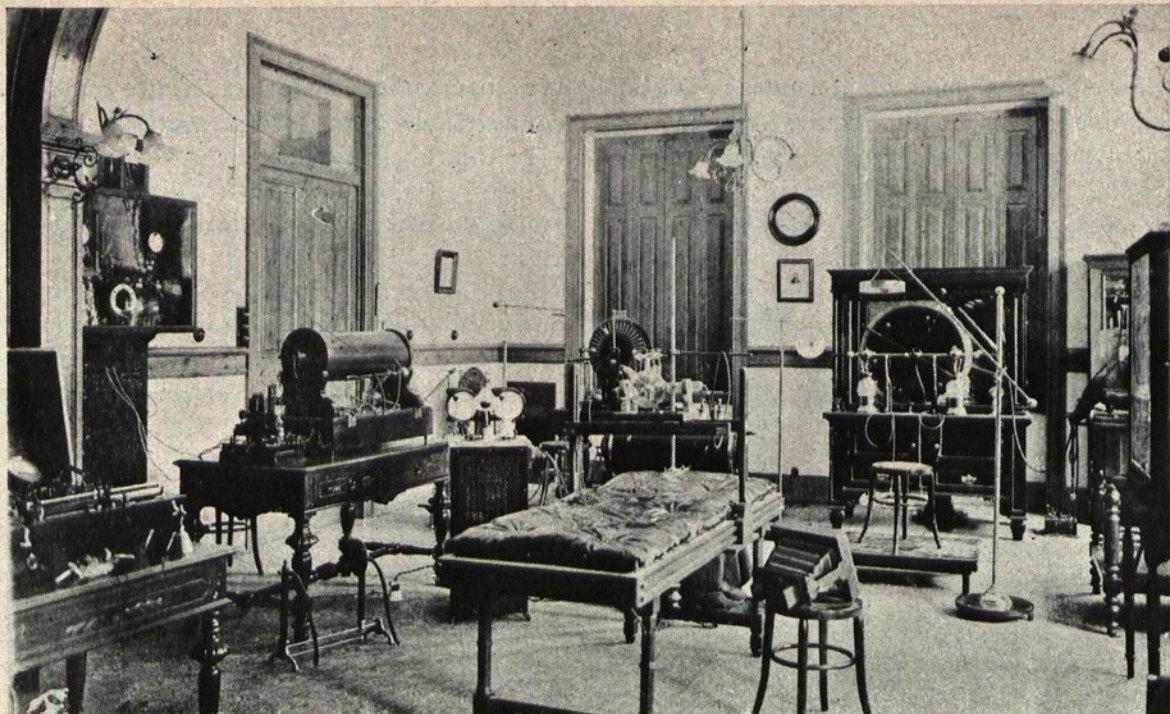
*Que lagrimas são agua e o nome amores.*

Logo o nome da Fonte nunca poderá ser *das Lagrimas*. . . Mas, para evitar futuros enganões d'esta ou d'outra natureza, urge que a lapide, depois de corrigida, passe para junto da verdadeira *Fonte dos Amores*, e já que o actual proprietario tem conservado tão bem essa falsa fonte, melhor e com mais entusiasmo deve conservar a que nos parece authentica e não a deixar cahir na mais lamentavel falta de respeito e criminoso abandono em que tem collocado o velho Mosteiro, esse augusto e venerando templo que encerra bastantes recordações historicas e faz reconstituir em nossa mente toda uma época cheia de brilho e de esplendor embora empanada, ás vezes, por acontecimentos os mais tragicos e os mais surprehendentemente tristes e incompreensíveis. E o estado triste de desprezo em que se encontra o Mosteiro é tanto mais para lamentar quanto é certo ter sido ali o refugio da princeza Santa Joanna, ter sido ali recebido o Mestre d'Aviz, ter prégado, no seu pulpito, o arcebispo D. Frei Bartholomeu dos Martyres, ter sido d'ali que Ignez sahiu do tumulo para receber as honras de Rainha e ter sido aquella a igreja onde D. Duarte se quiz casar *por se estrear bem*.

E é d'esse monumento por todos os motivos digno de mais respeito e de melhor sorte que se faz um celleiro quando muito facil seria fazel-o resurgir das areias, em toda a sua magnificencia, como se deprehe de da leitura da *Memoria do Mondego e barra da Figueira da Foz*, de Adolpho de Loureiro. E nada direi ácerca do *cano dos amores* pois que, tendo demonstrado o papel que elle devia ter representado nos amores de Ignez, tratei-o com muito mais respeito e mais justiça do que é costume n'este desgraçado paiz tratar-se tudo aquillo que mais directamente nos interessa! . . .

Mario Monteiro.





UMA SALA DE APLICAÇÕES MEDICAS DE ELECTRICIDADE COMPREHENDENDO OS RAIOS ROENTGEN

# Os actuaes processos da arte de curar

POR

VIRGILIO MACHADO

(Conclusão)

## A Electricidade na Medicina

São mais de setenta os methodos, todos elles nitidamente differenciados, de applicação da electricidade no tratamento das doenças. Comprehende-se que corresponda a cada um d'elles uma acção propria ou especial.

Não o estranhará quem attender á maleabilidade e docilidade com que a energia electrica se transforma nas outras modalidades dynamicas.

Transforma-se a electricidade em movimento, ahi exemplificado todos os dias, na tracção electrica, no telegrapho e no telephone; transforma-se em luz no arco voltaico e nas lampadas d'incandescencia; transforma-se em calor, ainda no arco voltaico ordinario ou levado in-

tencionalmente ás mais altas temperaturas dos fornos electricos, onde se fabrica o diamante artificial; transforma-se em acção chimica, quando atravessa certas soluções de acidos, bases ou saes, dando os resultados aproveitados pela electrochimica, a galvanoplastia, a electrogravura, etc.

E que numerosa não é a variedade dos modos electricos utilizados em medicina, umas vezes no diagnostico, outras na therapeutica!

Rapida enumeração confirma o asserto: *Electricidade estatica ou franklinica; E. galvanica ou voltaica; E. faradica ou induzida; Correntes d'alta frequencia de Tesla, de Morton, d'Arsonval, etc.*

Correspondem a estas modalidades methodos numerosos d'applicação.

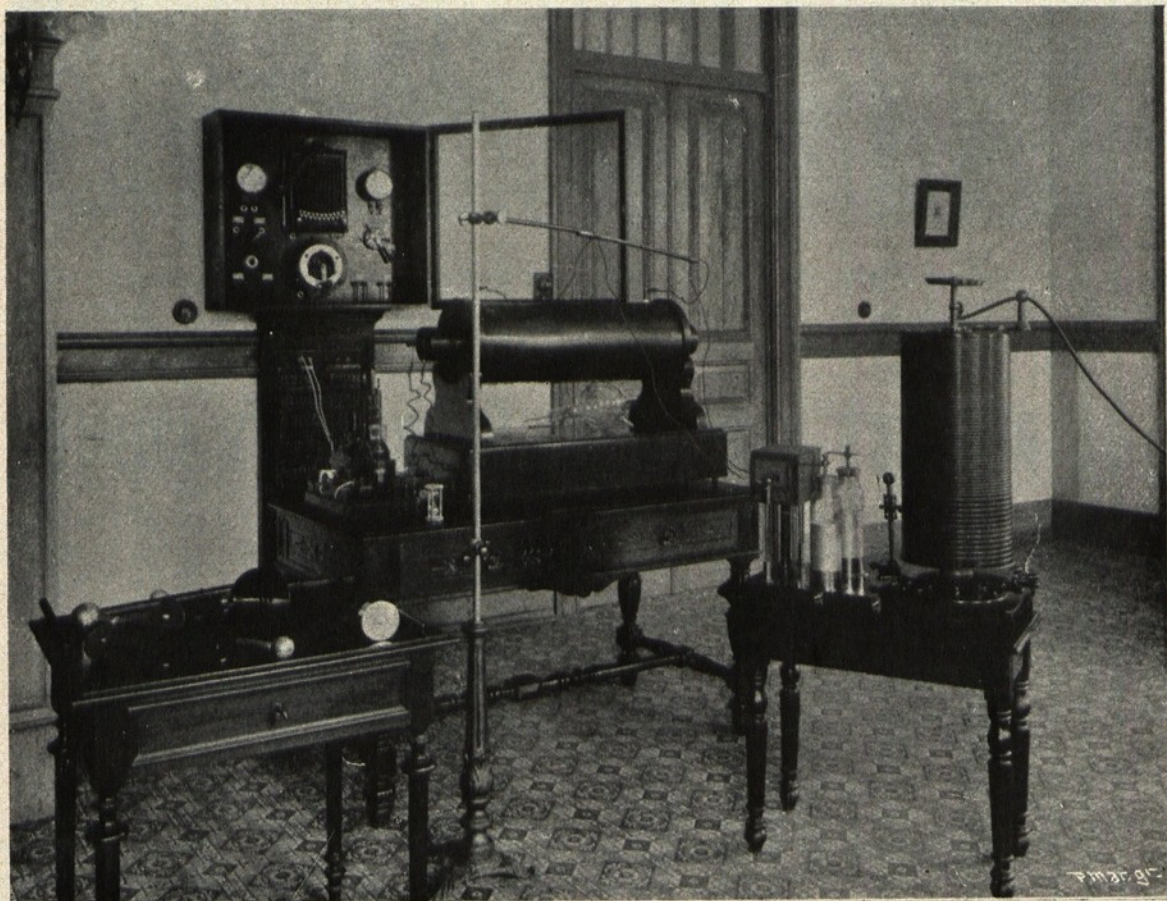


Citaremos os mais importantes: Ducha franklinica; Banho franklinico; Aplicações disruptivas (Correntes franklinicas induzidas, correntes franklinicas ondulatorias); Aplicações conductivas (correntes franklinicas induzidas, correntes ondulatorias induzidas); Galvanofaradização; Correntes sinusoidaes; Correntes de alta frequencia; Correntes de alta tensão e de alta ou de baixa amperagem; Banhos hydrogalvanofaradicos; Banhos hydro-electrosinusoidaes; Cataphorese medica-

teria, neurasthenia, choréa ou dança de S. Vito, em nevralgias (sem lesão estructural);

2.º Uma acção excitante, aproveitada na cura de paralyrias (sem lesão estructural definitiva), atonia do estomago, dos intestinos ou da bexiga;

3.º Uma acção trophica ou estimulante da nutrição, utilisada no tratamento de atrophias musculares, por inactividade funcional, em casos de anemia e na convalescença de doenças graves;



MATERIAL PARA A PRODUÇÃO DAS CORRENTES ELECTRICAS D'ALTA FREQUENCIA

tmenosa; Electrolyse medicamentosa ou introdução electrolytica de medicamentos no organismo humano; Ozonização do ar inspirado, etc.

#### Acções da electricidade sobre o organismo

A estes methodos se recorre, e com variada technica, segundo as circumstancias, para d'elles obter:

1.º Uma acção calmante e tonica, utilisada, por exemplo, em certas manifestações da hys-

4.º Uma ou outra d'estas acções, segundo os casos, empregada na cura de perturbações nervosas localizadas nas articulações, no corpo thyroidêo, no utero, nos ovarios, etc., compromettendo a normalidade do seu funccionamento e da sua nutrição.

Notaveis são, por exemplo, os resultados do tratamento electrico na cura da nevropathia intestinal, denominada vulgarmente enterocolite muco-membranosa, a myxonevrose intestinal de Ewald; na cura do bocio exophthalmico (Doença de Basedow ou de Graves), fórmula



frusta ou attenuada, e ainda na cura de certas doenças na pelle devidas a desequilibrios d'inervação.

### Tratamento pelos raios Roentgen (raios X)

De muito perto-se liga com a electricidade o estudo dos raios X.

Fazendo passar uma descarga electrica, no seio d'uma empola de vidro, onde se fez o vacuo, até um millione-simo d'atmosfera e onde entram duas peças metallicas convenientemente distanciad, no interior da mesma empola, obteem-se as maravilhosas radiações (raios Røntgen) cujas surprehendedentes propriedades são hoje bem conhecidas pelo vulgo.

Vieram enriquecer a arte do diagnostico, ampliando os seus meios d'investigação.

E' largo o seu campo d'applicação no estudo das doenças dos ossos, articulações, pulmões, pleuras, aorta e outros grossos vasos thoracicos e ainda no exame d'algumas doenças do estomago, figado, rins, cerebro, etc.

No dominio da therapeutica, que toma então, como já dissemos, o nome de *roentgotherapia*, contam os raios X os seus melhores triumphos, na cura da ulcera roedora da face, cancros ou epitheliomas superficiaes da pelle, lupus tuberculoso, na doença geral do sangue e systema lymphatico chamada leucemia, em algumas doenças de pelle: a tinha, o acne, a sycosis, etc.

Devem, em parte, as suas propriedades curativas a raios X e a raios cathodicos as radiações dos tubos de vacuo excitados pelas correntes d'alta frequencia muito empregados nos Estados Unidos da America do Norte, no tratamento de inflamações das mucosas do nariz, dos ouvidos, etc.

### Tratamento pelas substancias radioactivas

O radio, o uranio, o thorio, o polonio e as substancias radioactivas, em geral, emittem, entre outras radiações, umas que se assemelham aos raios X, pelas suas propriedades, e és quaes devem ser attribuidas, pelo menos, em parte as acções d'essas substancias sobre os organismos animaes.

As indicações para o emprego therapeutico do radio identificam-se com as que apontamos para os raios Røntgen.

Ha circumstancias em que é difficil o emprego d'estes raios e em que o radio aproveita, por ser mais facilmente adaptavel á região em tratamento, no interior do esophago ou do recto, por exemplo.

### Aguas mineraes e climas

Já dissemos que os cultores da physiotherapia comprehendem tambem no seu arsenal a valiosissima therapeutica hydromineral designada pela palavra medica *thermotherapia*.

E' o nosso paiz um dos mais ricos em aguas mineraes, com variadissima composição, temperatura e radioactividade, e por isso apropriaveis á cura das mais diversas molestias. A sua lista que é longa torna-se dispensavel, porque as virtudes das aguas medicinaes portuguezas já as tornaram bem conhecidas dos numerosos achacados que d'ellas solicitam a cura para os seus soffrimentos.

E' a escolha d'um clima apropriado ao tratamento de varios estados morbidos um dos temas mais ponderados pelos sectarios da therapeutica physica.

Assim aconselham o clima maritimo, em casos de escrofulismo, lymphatismo, nutrição deprimida e nos casos em que se peça ao meio atmosferico uma acção tonica e ao mesmo



UMA CREAÇA SUBMETTIDA  
Á ACCÃO DE CORRENTES ELECTRICAS QUE CIRCULAM N'UM  
SOLENOIDE CONVENIENTEMENTE ISOLADO





APPLICAÇÃO LOCAL DE CORRENTES ELECTRICAS QUE CIRCULAM  
N'UM SOLENOIDE ISOLADO

tempo calmante. E' esta, mas isoladamente, a acção attribuida ao clima humido não marítimo.

A acção estimulante ou muito excitante do clima de montanha ou d'altitude aproveita a alguns neurasthenicos, mas é, em geral, prejudicial ás hystericas, aos epilepticos, aos cardiacos, aos arteriosclerosados, aos doentes dos rins, aos velhos, etc.

Aproveitando a acção dos climas associada a determinados preceitos da hygiene geral, ha hoje, por esse mundo fóra, milhares de sanatorios, com attribuições curativas variadas, segundo a região em que se encontram installados, seu regimen interno, etc.

#### A dieta no tratamento das doenças

Os apóstolos da physiotherapia observam tambem, na cura dos seus clientes, os preceitos rigorosos da *dietotherapy* que bem se pode chamar uma sciencia muito especial, extensa e complexa.

A qualidade e a quantidade de cada alimento,

o numero das refeições, os intervallos que as separam e ainda outros preceitos accessorios variam immensamente segundo a molestia a cujo proposito é instituida a respectiva dietetica. Ha já valiosos tratados sobre o assumpto e muitas publicações isoladas e especiaes, com a indicação da dieta alimentar e outras prescripções de hygiene geral, que convem observar em casos de arthritismo, diabetes, obesidade, tuberculose, gotta, molestias do coração e das arterias, neurasthenia, doenças do estomago e dos intestinos, infecções febris, doenças da pelle, etc.

Em volumes consagrados ao estudo da dietetica em geral, são tambem indicados os preceitos de certas dietas ou regimens especiaes: o regimen de leite; o regimen vegetariano; a cura d'uvas; a cura pelo leite desnatado; o regimen da abstenção do sal de cosinha; o regimen inglez V. E. M. (vegetables, eggs, milk) vegetaes, ovos e leite; o regimen mixto, carne muito pouca e uma só vez por dia, ovos, legumes, fructos, etc.

Como se pode concluir do que fica dito resumidamente, muito numerosos e variados são os methodos e processos curativos utilizados pela physiotherapia, sciencia accentuadamente progressiva e na eminencia de adquirir, na medicina, a situação predominante a que tem direito.

#### A physioterapia não deve ser o methodo exclusivo de tratamento

Pecam os mais fervorosos sectarios da moderna therapeutica, hoje cultivada e ensinada com elevação nos centros scientificos mais adiantados, onde lhe chamam a *therapeutica avançada*, quando a seu respeito professam um exclusivismo exaggerado, pondo de parte os recursos pharmacologicos e outros utilizados até aqui pela medicina conservadora ou tradicional.

A reacção veiu do seu abuso mais do que d'um uso discreto, prudente e racional.

A applicação injustificada, e por largo tempo feita, de varias drogas, dezenas de vezes independentemente de prescripção medica, produziram uma boa somma de inflammações d'estomago e respectivas dyspepsias, inflammações mais ou menos graves dos rins, etc.

Os vinhos amargos applicados em larga escala, com o fim de despertar o appetite, para os alimentos; os vesicatorios, inutilmente e



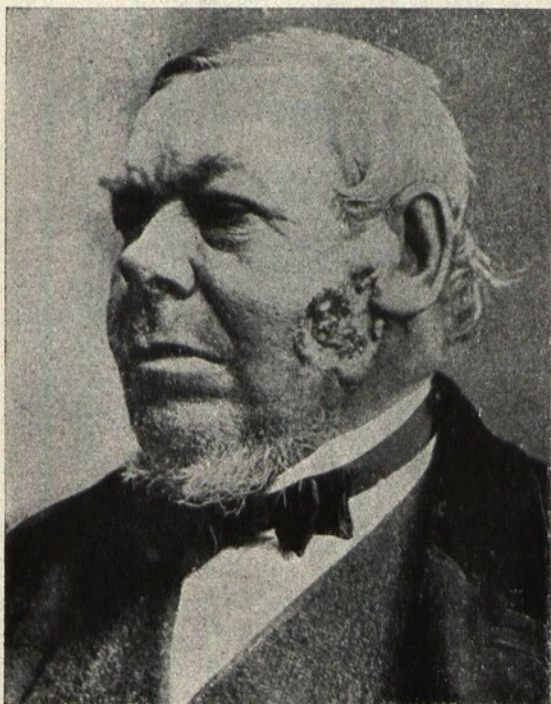
muitas vezes desvantajosamente, empregados no tratamento das pneumonias; o uso excessivo de medicamentos chimicos em doenças, que, sem elles, se curam perfeitamente, lançaram sobre a velha medicina um descredito que nem sempre se pode justificadamente generalisar.

O precioso mercurio, os preparados iodados, o arsenico, os salicylatos, a dedaleira, a quinina, o opio e seus derivados, os brometos e ainda outras substancias são agentes therapeuticos que, por emquanto, difficilmente serão substituidos, no tratamento das doenças em que

ter as causas das doenças, em uns casos, os seus symptomas ou consequencias em outros.

Podê mesmo ir mais longe, prevenindo ou impedindo a invasão do organismo por determinadas infecções.

Assim procede quando emprega a vaccinação preventiva, impropriamente comprehendida, com a vaccinação curativa, sob a rubrica generica de *Vaccinotherapia*. Além da vaccina antivariolica, isto é a vaccina preventiva das bexigas, chamada tambem vaccina jenneriana ou humana, quando se faz de braço a braço, ha a mencionar as vaccinas pastorianas contra



UM EXEMPLO DE TRATAMENTO DE UM EPITHELIOMA DA FACE PELOS RAIOS ROENTGEN

devem, com solido fundamento e certeza de exito, ser aproveitados.

Quando a chimica mais nada tivesse dado á arte de curar, além do chloroformio que abule a dôr e os antisepticos, que permittiram os arrojões triumphaes da moderna cirurgia, bastante tinha dado, para exigir, de direito, a nossa profunda gratidão.

#### A vaccinotherapia

Mas não é só á physiotherapia e a alguns medicamentos chimicos, com utilidade scientificamente demonstrada, que o medico moderno vae buscar as armas necessarias para comba-

o carbunculo e contra a hydrophobia ou raiva. Teem dado tambem resultados muito animadores a vaccina antipestosa de Haffkine, empregada na India; a vaccina anticholerica do mesmo bacteriologista e a vaccina antityphica segundo o methodo de Wright, usada unicamente no exercito inglez.

#### A sorotherapia

Ao lado das vaccinações, justo é que se fale do tratamento das doenças infecciosas, pelo soro sanguineo proveniente de animaes vaccinados ou immunisados contra essas doenças. Este methodo de tratamento que se deno-



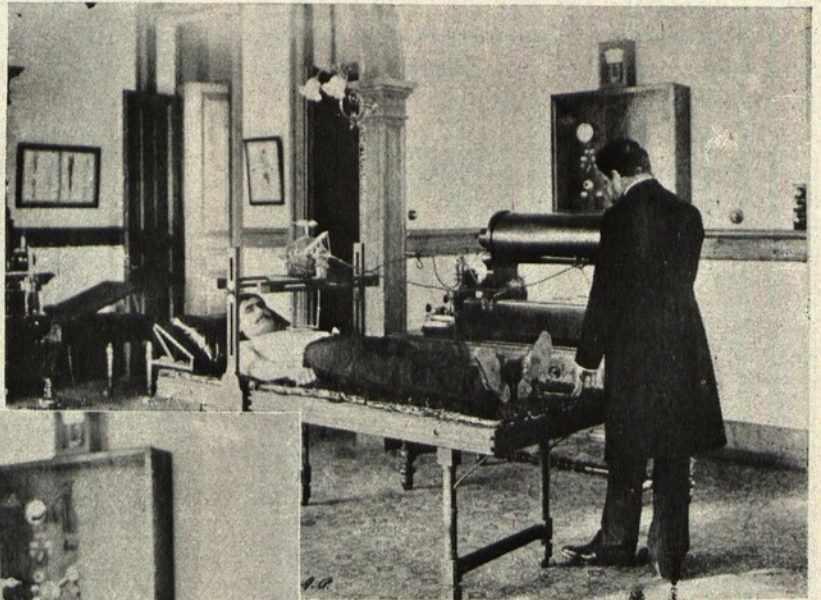
mina *sorotherapia* é já hoje muito conhecido, entre nós, pela sua applicação á cura da diptheria. Empregado é tambem o mesmo methodo, com intuitos curativos ou preventivos, e mal apropriado é então o nome, no tetano, na peste, na febre typhoide e no envenamento pela peçonha de qualquer serpente seja qual fôr a sua especie.

Outras sorotherapias, sobretudo a da tuberculose e a do cancro tem sido applicadas com resultado vario, mas sem duvida, em alguns casos, notavelmente promettedor.

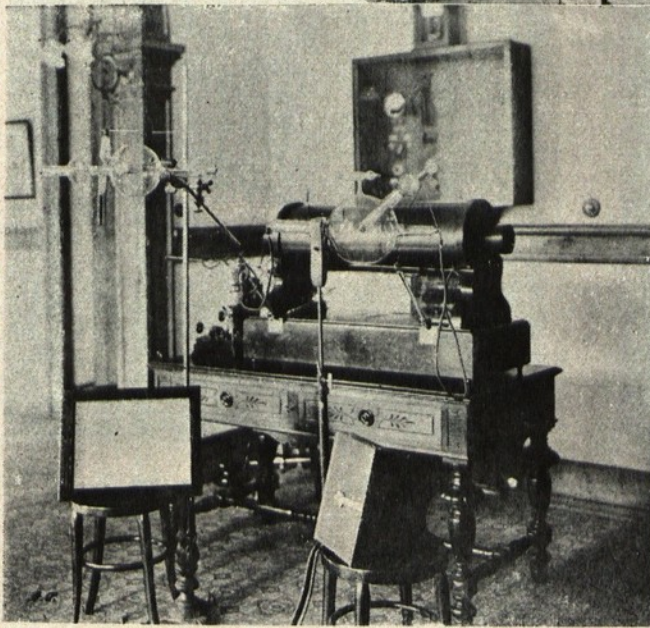
Estão ainda em estudo os methodos de tratamento fundados na inoculação de culturas de bacterias ou das toxinas, (venenos por ellas segregados), para prevenir ou curar algumas in-

Esta therapeutica especial emprega os órgãos d'animaes, ou extractos d'esses órgãos, geralmente em doenças do figado, ovarios, pancreas, rins, glandula thyroidêa, etc.

Funda-se este methodo therapeutico, em certas bases muito racionaes d'ordem physiologica, e presta incontestavelmente serviços de valor, em casos de insufficiencia funcional de alguns órgãos, por lesões que lhe em-



APPLICAÇÃO DOS RAIOS ROENTGEN A UM EXAME RADIOGRAPHICO



MATERIAL PARA A PRODUÇÃO DOS RAIOS ROENTGEN (RAIOS X)

fecções. A taes methodos se applicam os vocabulos de *bacteriotherapia* e *toxinotherapia*.

### Opotherapia

No grupo das medicações de origem animal a que pertencem as vaccinas e os sôros curativos, as culturas de bacterias ou as suas toxinas, comprehende-se tambem a *medicação opotherapica* ou *organotherapia*.

baracem a sua actividade normal.

Alguns casos ha em que o medico deve, apesar de todo o vasto arsenal therapeutico, abster-se de qualquer intervenção perturbadora da marcha natural e expontanea de muitas doenças para a cura.

Formam estas uma extensa provincia da pathologia, dando ensejo a apreciar, pela sua abstenção, vigilante até opportuna intervenção, o medico verdadeiramente conhecedor da sua difficil missão profissional.

Hoje, mais do que nunca, accentua-se, por parte dos doentes, uma pronunciada reluctancia para aceitar certas medicações principalmente as de natureza chimica, e a proposito de qualquer molestia.

Esta reacção derivou sobretudo do abuso feito pelos leigos, independentemente de qualquer conselho medico, de certos preparados pharmacologicos já doseados, promptos para ser ingeridos, sem necessidade de prescripção



clínica, em relação ás quantidades, modo de administração, etc.

Ainda ha pouco um dos mais notaveis professores da Faculdade de Medicina de Paris dizia, com magoa, em uma Sociedade scientifica, que um grande numero de doentes fogem de França para o estrangeiro, não tanto para utilizar nas Casas de Saude, o repouso e a boa hygiene em geral, como para supprimir a continuação do envenenamento chronico pelo uso ou abuso prolongado dos medicamentos.

### Psychotherapia

Casos ha muito espezias, em que a intervenção do medico deve ser puramente de ordem espirital.

E' sem duvida um dos mais delicados problemas da arte clinica.

O capitulo da therapeutica que lhe diz respeito denomina-se a *psychotherapia*.

Por esta palavra se tem designado o tratamento de certas doenças pelos meios psychicos.

São elles a persuasão, a sugestão, a fé, a educação, a emoção, etc.

Denomina-se a psychoterapia, em attenção ás regiões cerebraes da subconsciencia ou da consciencia, sobre que os meios psychicos devam influir: psychoterapia inferior, therapeutica suggestiva ou hypnotismo no primeiro caso, ao passo que no segundo se chama *psychotherapia total* ou superior.

Arte difficil e muito delicada a da *psychotherapia*, em que se aproveita, como deixámos indicado, n'uma direcção therapeutica, a poderosa influencia do espirito sobre o corpo.

Nem sempre logrará exercer, com exito, a therapeutica psychica quem desejar pô-la em pratica, sem conhecer a fundo as suas regras.

Medicos d'alta envergadura scientifica, possuindo larga erudição e experiencia, frequentes vezes nada conseguem com as suas tenta-

tivas de *psychotherapia*, porque não a estudaram sufficientemente.

Alguns clinicos, porque possuem dotes espezias muito apropriados á pratica d'esta therapeutica, applicam-n'a inconscientemente, ou sem intenção, e com exito notavel.

A *psychotherapia* exige, nem sempre, mas em complexos e numerosos casos clinicos, um estudo muito profundo de alma humana nas suas relações com determinados estados pathologicos, influido n'elles ou sendo por elles influenciada.



EXAME ROENTGOSCOPICO DO INTERIOR DO THORAX

### Requisitos para o bom exito da *psychotherapia*

A *psychotherapia* exige do medico numerosos requisitos. A enumeração dos principaes dará a medida da sua importancia:

Solidos conhecimentos psychologicos; vasta experiencia clinica; muita bondade e paciencia para attender com interesse, e sem enfado os queixumes dos doentes; *sympathia* pela sua infelicidade; carinhosa tolerancia para os seus reparos e desabafos, mantendo todavia o

prestigio e a auctoridade medica; muita dedicacão para lhes evitar nocivos esmorecimentos, finalmente capacidade para demonstrar sem exaggeros mas com firmeza a propria convicção sobre a utilidade das praticas *psychotherapicas* a que o doente estiver submettido.

São estas, além das que foram enumeradas, as mais frequentemente usadas e variando segundo os casos: o isolamento, a assistencia de estranhos, o repouso, fixação dos periodos e da natureza dos exercicios corporeos, occupações mentaes, natureza das distrações, etc.

### O tratamento actual das nevroses

Hoje todos os medicos, poupam as drogas, esses grandes nevrosados representados prin-



principalmente pelos hystericos, pelos neurasthenicos e pelos hypochondriacos.

Já nenhum clinico lhes prescreve um narcotico, em caso de insomniã, porque esta se debella sem preparados chimicos.

Não ha hoje medico algum que applique qualquer medicação chimica a todos os nevrodyspepticos, todos esses individuos atormentados por nevroses gastricas, essa enorme legião de doentes com os seus males mantidos e aggravados, muitas vezes por conta propria e sem conselho medico, pelo uso dos preparados pharmacologicos, muito uteis, em outras circumstancias, todos esses vinhos amargos, elixires digestivos, desinfectantes causticos, etc.

Nenhum medico, no momento actual, prescreve preparados chimicos a essa legião de nevrosados do coração, dos intestinos, etc., porque esses doentes são curaveis pela hygiene geral, dieta alimentar, sem exaggeros tyrannicos, medicação tónica geral realisada pelos agentes physicos e naturaes, sobretudo quando se lhes associe um habil e muito discreto tratamento psychico.

E não se diga que é novo este ramo da therapeutica. Já nos tempos da medicina sacerdotal eram empregadas, com exito, certas praticas de psychotherapia empirica embora muito grosseiras e nada scientificas.

Não é este o logar para divagações sobre a historia do psychotherapia methodica e rigorosa; interessante será porém o conhecimento dos actos de ordem mental por ella utilizados na sua applicação quotidiana. Entre estes, o primeiro e um dos mais importantes consiste em conquistar absoluta confiança do doente. Só depois poderá o medico dissipar os seus terrores, preoccupações, duvidas e hesitações,

procurando paciente e habilmente educar-lhe a vontade e dirigir com sabia ponderação as suas faculdades de raciocinar.

Vastissimos e muito valiosos são os methodos e processos adoptados actualmente pela medicina na arte de curar.

O seu successo tem como principal condição um diagnostico rigoroso. Applicações therapeuticas que se não apoiem em rigorosas bases scientificas poderão, em numerosas circumstancias, ser inuteis ou até mesmo gravemente prejudiciaes.

Felizmente taes bases podem ser solidamente estabelecidas, porque os methodos de exame, adoptados na classificação das doenças, adquiriram um grau elevado de perfeição.

A mechanica, a physica geral, a optica, a electricidade, a roentgologia, a chimica, etc. têm fornecido aos medicos, habilitando-os ás investigações de diagnostico, numerosos instrumentos de observação, reagentes de analyse, etc., de modo a permittir-lhes um exame completo dos doentes.

E' por isso que entraram já, na pratica corrente da arte medica, os exames do interior do organismo pelos raios X, as analyses chimica, physica

e bacteriologica da urina, da expectoração, do sangue das fezes, etc. Só em artigo especial poderiam ser mais amplamente vulgarizadas as noções geraes relativas a este assumpto.

Todos os methodos modernos de observação, indicando ao medico a intervenção sem hesitações, em uns casos, a abstenção prudente, em outros, que elle deve bem conhecer porque a primeira preocupação dos clinicos é sem duvida a de não prejudicar o cliente que lhe pede a regeneração da sua saude ou a conservação da vida!



EXAME ROENTGOGRAFICO D'UM COTOVELLO





## A Almiranta afundada



**C**ostello? Costello?  
— Exacto, Costello  
— replicou o velho barbeiro de Tobermory.  
— Mas esse apellido é irlandez e não escociez.  
— Pois eu sou irlandez — retorquiu o barbeiro — mas o apellido é que o não é. Arranjaram-n'o á irlandeza, é certo, mas é nome antigo de Hespanha. Da parte dos meus avoengos, eu sou hespanhol, e o verdadeiro apellido é Castillo.

— Costello? Castillo? — echoei. — Como é que de hespanhol se tornou irlandez o apellido?

Foi assim que travei conversação com o velho Costello, barbeiro na aldeiola de Tobermory, na Ilha de Mull, ao largo da costa oeste da Escocia. Tanto o barbeiro como a

aldeia eram ambos velhos. Costello era um homem baixo, de cabelo branco e comprido, olhos pretos e brilhantes, como os olhos de um rapaz. Mas a cara é que era velha, toda sulcada de rugas, o passo vagaroso, as costas um pouco abaúladas; carregavam-lhes em cima setenta e dois annos. Tinha uma voz quebrada e senil, e as mãos tão tremulas que me fez varios lanhos ao barbear-me. Havia cincoenta e dois annos completos que elle exercia o officio em Tobermory. Tobermory é o nome dado a uns sessenta casinhotos de pedra solta, espalhadas a esmo n'um recanto da enseada pedregosa que defronta com a entrada do estreito de Mull. Lá fóra cahia uma chuva pesada, e o temporal açoi-tava o mar. Os caminhos estavam intransitaveis com lama, e por isso tive de interromper n'aquelle logarejo, a minha pesquisa de sitios pittorescos para desenhar. Do aposento contiguo, escuro e de tectos baixos, vinham aromas picantes de comida. A mulher do barbeiro, matrona alentada de touca, de uns sessenta e oito annos, alli estava a preparar a ceia. A um canto da parede e do tecto pendia uma gaiola de vime, dentro



da qual pulava de um para o outro lado um estorninho muito esperto. De quando em quando, a avesita gritava com um crescendo esganiçado no segundo verso, terminando quasi n'um guincho e afrouxando de repente para o terceiro :

— P'ra dentro do mar, p'ra fóra do mar,  
Tudo que é meu, que é meu, que é meu,  
A's mãos me ha de voltar.

— Alli a patrôa é escoceza — replicou Costello — é d'aqui de Tobermory. Casei com ella, tinha eu vinte e seis annos. Quando vim para aqui, não tinha mais de vinte annos, era ainda um rapazote.

— Mas como foi que Castillo, que é hespanhol, desandou em Costello, que é irlandez ? — perguntei eu, a parafusar sempre n'aquelle mysterio.

O barbeiro era homem lido. Tinha um canto da loja guarnecido de renques de livros, e livros de bons auctores. A sua linguagem, embora maculada de giria local, era n'um inglez vernaculo e decente, com laivos de archaismo.

— Lá por essas suas terras distantes da America, ha de ter ouvido falar muita vez na Invencivel Armada ?

— Se ouvi ! «Foram ventos do céu que a dispersaram !»

— Os ventos dispersaram-n'a, e Drake mais Howard escangalharam-n'a. Apraz aos inglezes dizer que tudo foi pelo vento do céu. Houve navios que se afundaram, outros que arderam, outros que foram despedaçar-se nas costas de Flandres, outros ainda que foram arrastados para as costas littoraes da Irlanda e da Escocia. De cento e trinta navios, só cincoenta e tres, entre galeões e galeças, voltaram desasados e tristes á Hespanha e á presença do rei Philippe. Das naus que deram á costa na Irlanda salvaram-se muitos mareantes. Alguns foram chacinados pelos camponios ferozes ; outros escaparam, ficaram por alli, e casaram com mulheres da terra. Muitos apellidavam-se de Castillo, por terem vindo de Castella. De Castillo fez-se Costello, e hoje em dia ha Costellos a rodo. Assim é que os meus antepassados eram Castillos e eu cá sou Costello.

Realmente tudo isto era simples, mas singular e assombroso. Pelos labios do velho coava-se a voz do passado. Os olhos, n'a-

quelle rosto enrugado, tinham não sei que brilho magico, olhos como a noite que havia seculos espreitára por debaixo de umas sobranceiras de corsario. Na voz do encanecido barbeiro havia accentsos de bardo e de propheta. O velho assemelhava-se a um elo entre dois povos e duas épocas muito afastadas. Era como um summo sacerdote decrepitado nos ritos rigorosos do Tempo, um oraculo vocal perante o altar dos grandes feitos e dos mortos heroicos amortalhados na historia. Não se havendo tornado irlandez pelo nascimento nem escocez pelo ambiente, Costello ou Castillo estava alli de pé, lidimo hespanhol de Hespanha, como se houvera emergido de qualquer painel de Velasquez ou Murillo. O espirito d'aquelle homem, tal como de subito se revelava, era todo iberico, sem cousa alguma de hibernio. Pairava sobre elle como que a obsessão do marinheiro de tempos idos. Um impulso intimo o moveu a contar a historia, a dar o seu recado. Assim, á medida que falavamos, o velho descendente dos mareantes da Invencivel ia-se abrindo comigo. Eu ganhara-lhe a confiança pelo interesse que por elle mostrára e pelo rapido esboço que fizera a lapis da sua pittoresca cabeça, emquanto elle barbeava os aldeãos. Fôra-se embora o ultimo labrego, depois de tosquedo e escanhado. A borrasca continuava bravia e lugubre. Resolvi-me portanto a acceder ao convite instante e a pernoitar em casa do barbeiro de Tobermory. Depois de saborearmos a suc-



A MULHER DO BARBEIRO, MATRONA ALENTADA DE TOUCA,  
ALLI ESTAVA A PREPARAR A CEIA



culenta e deliciosa ceia, sentámo-nos os tres em volta da lareira, cujo lume crepitante sobrelevava ao do candeiro de latão, pendente do tecto. Na gaiola o estorninho soltava uns pios somnolentos.

— O grande navio de um dos almirantes, a almiranta *San Martin*, foi atirado pelo temporal para longe dos destroços da esquadra. Correu ás cegas para o norte, vagueando á matroca pelo mar de Irlanda. Era

barras de ouro e dobrões e ducados de Hespanha. E foi esta que de noite se afundou em Tobermory. Ninguem tal soube; só tres mareantes escaparam, e um d'elles veio ter á Irlanda, a juntar-se com os camaradas salvos das naus despedaçadas. Um d'estes foi meu avoengo. Por isso é que o segredo da almiranta perdida ficou em nossa familia por mais de tres seculos. Mas nenhum de nós tinha posto nunca pés fóra da Irlanda.



«POR ISSO É QUE O SEGREDO DA ALMIRANTA PERDIDA FICOU EM NOSSA FAMILIA POR MAIS DE TRES SECULOS»

um poderoso galeão, um castello altaneiro, cujas obras mortas estavam á prova da mosquetaria, e tinha sido baptisado pelo arcebispo de Cordova. Encalhou e foi a pique em Tobermory, a menos de milha e meia d'aqui. Algumas das naus suas companheiras desfizeram-se pela costa norte de Irlanda. Mas a almiranta *San Martin* era a maior de todas. Trazia a insignia de D. Diogo Florez, um dos almirantes do duque de Medina Sidonia. Era a nau que tinha o thesouro da Armada. Trazia os porões abarrotados de

Fui eu o primeiro a sahir de lá, e vim a toda a pressa para Tobermory, ainda era muito moço. Aqui vim, para vêr se encontrava os destroços da almiranta nos baixios de Tobermory — e talvez que o thesouro — o meu e o dos meus — nas entranhas da nau.

O ouro nunca apodrece, nunca apodrece o sobro hespanhol — e a almiranta era feita do mais rijo. Fiz em segredo as pesquisas, porque, se constasse que se encontrara o thesouro, a corôa havia de repu-



tal-o achadego regio, e reclamal-o do proprio mar.

— P'ra dentro do mar, p'ra fóra do mar,  
Tudo que é meu, que é meu, que é meu,  
A's mãos me ha-de voltar —

clamou o estorninho, despertando de repente.

— Este passaro desata logo aos berros, em ouvindo phrase que termine com a palavra «mar» — observou Costello — Por conseguinte, dia a dia, anno a anno, milha a milha, quando a maré estava baixa, eu andei a sondar os bancos e os baixíos por essa costa fóra. Palmo a palmo fui deitando o prumo, estudando a direcção das correntes, esquadrinhando o fundo com um oculo. Assim trabalhei vinte e cinco annos, sem encontrar vestigio da nau. Até que por fim... O senhor deve entender que muitas cousas vieram parar á praia. Um dia um faroleiro achou um caixote de cobre com a firma do rei Filipe, e d'ahi a pouco uns pescadores apanharam nas redes uma porção de bainhas de espadas, canos de arcabuzes e pregos de cobre. Comprei tudo — veja, ahí estão.

O caixote estava cóberto de uma camada espessa de azebre; em relevo via-se o monogramma do rei de Hespanha. As bainhas das espadas e os canos dos arcabuzes eram barras de ferrugem compacta, onde aqui e além se percebia um lampejo de metal brilhante. Os pregos estavam deformados, torcidos e verdes. Afigurou-se-me que tocava nas mãos que outr'ora lhes haviam tocado.

— Tudo isto — disse o barbeiro — vinha da almiranta. Mas onde parava ella?

— Ha companhias para descobrir naufragios, que dispõem de mergulhadores e escaphandros; uma d'essas poderia descobrir a nau — suggeri eu.

— Pois sim! e regalava-se com todo o ouro e mais com a gloria, depois de reparar com a corôa. Nada d'isso! Se os Costellos não puderem descobrir e arrecadar o thesouro, o melhor então é deixal-o no fundo do mar, que o guarde até ao dia de Juizo.

O vento bramia em volta da casa e sacudia com violencia as janellas; a chuva fustigava com bategas surdas as vidraças, que reverberavam o lume da lareira. De muito longe vinha um como retumbo em vão, profundo e intermitente.

— Não ouve o mar? — exclamou Costello, enrubicados os cabellos brancos e fuzilantes os olhos ao clarão das labaredas.

E logo o passaro desatou a gritar, como enfeitado:

— P'ra dentro do mar, p'ra fóra do mar,  
Tudo que é meu, que é meu, que é meu,  
A's mãos me ha de voltar.

— Aquillo são os vagalhões do Estreito. Estão a bater na costa e a comel-a. Comem a terra aqui e amontoam-n'a mais adeante. Dão e tiram, é o que fazem as ondas. Hão de restituir-nos o ouro da nossa gente, o ouro que era d'elles. Lá está ainda o grande almirante, de guarda ao thesouro encerrado no casco, e o pégo ha de largal-o por força.

Era impressionante o modo por que falava o barbeiro de Tobermory; na sua voz repercutia a voz dos seus tostados avoengos. O estorninho não se aquietava na gaiola, irritado com a desusada falacia nocturna e com o estrondo do temporal. O presente rasgava-se de novo como um panno bipartido de theatro, e na imaginação surgia brilhante o passado. Das eras volvidas escorriam visões em tropel: as soberbas naus açoutadas pela tormenta, as enormes e sumptuosas fortalezas marinhas, engalanadas de flamulas e gloriosos galhardetes e brazonadas velas, submergindo-se angustiosamente em plagas incognitas, afundando comsigo a esperança, a gloria, a opulencia da arrogante Castella. Reçumavam fé e esperança, indestructiveis e perduraveis como o ouro fulvo e o mar salgado, as palavras de Costello, barbeiro em Tobermory e herdeiro do almirante.

— Na costa léste da Inglaterra — continuou elle — segundo o que li, está o Oceano roendo leguas e leguas de terra. Em Lereness, a duas milhas da costa a esboroar-se, vê-se ao largo uma rocha, e sobre ella um poste que em tempos se aprumava de frente de uma estalagem. Estão a levantar pelas arribas fóra muralhas de granito para suporte das terras, mas as ondas não cansam nunca, os homens sim. Ha sitios em que o mar derriba as terras, outros em que as vae amontoando do fundo para cima. Aqui mesmo em Tobermory, com as revessas de agua, derrue de uma banda e amontôa da outra.





UNS PESCADORES APANHARAM NAS REDES UMA PORÇÃO DE BAINHAS DE ESPADAS, CANOS DE ARCABUZES E PREGOS DE COBRE

— Mas a almiranta — insisti eu — e o thesouro... que me diz d'elles?

Calou-se então Costello, barbeiro de Tobermory, herdeiro do thesouro da nau *San Martin*, da Invencível Armada. Respondeu por elle o Oceano. Os seus bramidos rouquenhos e trovejantes, retumbando pelas furnas da costa, proclamavam sua guarda e seu dominio sobre o navio afundado e sobre o ouro que elle continha. Aquella noite, não disse o velho Costello mais uma palavra ácerca do navio ou do thesouro. A sua confiança em mim chegara a certo ponto, mas não ia mais além. Suspirava por que lhe falassem da America.

— Isso sim! — dizia elle — N'essa terra diz que o ouro se acha quasi a rôdo pelas ruas, e os montes mais os campos estão abarrotados d'elle. Mas aqui não ha sombra de tal — só o mar é que o tem — só o mar.

Mais uma vez o passarolo repetiu o eterno estribilho, mas de um modo entaramelado e machinal, como a dormir. Então a patrôa, com a sua touca de renda e os seus cabelos de prata, leu um trecho de uma pesada Biblia. No velho aposento erguia-se a voz tremula e monotona, e o bramido do Oceano era como um echo longinquo d'essa voz. Os

sonoros versiculos da Escripura accrescentavam solemnidade áquelle episodio. Então démo-nos gravemente as boas noites, e o barbeiro de Tobermory conduziu-me ao acanhado quarto onde eu devia pernoitar.

Ao sol claro e alegre da manhã, aquella cabeça grisalha estava tão cheia de vivacidade como o palrador do estorninho.

Com renovado vigor a ave estridulava sem descanço:

— P'ra dentro do mar, p'ra fóra do mar,  
Tudo que é meu, que é meu, que é meu,  
A's mãos me ha de voltar.

O velho tinha assumido uns ares pater-naes. Parecia transbordar d'elle a ancia irreprimivel de me fazer alguma communição. Percebi isto e provoqueei-lhe o desabafo. Elle alongou a vista para uma faixa do Oceano que scintillava como muralha argentea por entre a casaria, e olhou repetidas vezes para o relógio. Por fim, quando se retiraram os raros freguezes da manhã, disse-me assim:

— Venha comigo. Antes que se vá embora, quero mostrar-lhe uma cousa maravilhosa... a mais maravilhosa que em sua



vida terá visto. D'aqui a pouco, estará o senhor de volta para os Estados Unidos. Recommendo-lhe segredo; dê-me a sua palavra que o guardará. Não ha ninguem que o saiba: ninguem, a não ser eu mais a minha patrôa.

Costello pegou n'um objecto de folha, pintado de preto, do feitio de uma trombeta comprida, e enfiou no toutiço côr de neve uma gorra de ratina. Seguimos ao lado um do outro pela tortuosa rua da aldeia até ao exiguo caes onde os pescadores amarravam os barcos, e as ondas preguiçosas lambiam o granito secular, que o limo e as algas crespas revestiam de uma crosta esmeraldina; Costello saltou para um bote pequeno e empunhou os remos. Eu, por ser mais moço, tirei-lh'os das mãos.

Fui remando de voga arrancada, pelo mar que se arqueava em ondulações baixas e lentas. O sol dardejava sobre ellas com intensidade pouco usual. Era este acaso o mesmo oceano que na noite da vespera arrancara das furnas hiantes, como dos tubos de um orgão, um threno colossal e solemne? N'esse momento era elle como um monstro negro e furibundo em peleja com os ventos gigantescos, entre o ribombar dos trovões e o lampear dos gladios celestes; agora pela manhã era uma creatura indolente e voluptuosa que se espreguiçava sob os beijos lascivos do sol. Em torno de nós pairavam e esvoaçavam as gaiotas. Corria apenas uma bafagem leve. Depois de andarmos uma milha, chegámos a uma grande curva da escarpada costa. Uma das pontes da enseada era de piçarra de ardósia, cuja base era babujada pelas ondas. Ao passarmos, a menos de quatro metros de distancia, despegou-se-lhe da crista uma massa de terra solta e calhaus, que veiu despenhar-se no mar, encharcando-nos de espuma e sacudindo com força o bote.

— Lá cae ao mar mais um pedaço da Escocia — exclamou Costello — não passa um dia sem que o mar vá comendo a terra. Olhe! esse penhasco já tem cara nova, desde a ultima vez que o vi, ha uma semana. O temporal da noite passada roeu-lhe toneladas. A ponta já diminuiu quatro varas seguras de ha um mez a esta parte. Mas este trabalhinho faz arranjo. O que perde a velha Bretanha, ganho eu. O mar vae raspando d'aqui o que amontôa além. É aonde nós vamos agora.

Apontou para duas rochas negras que bojavam as cabeças taurinas pelo mar fóra, não longe da costa. Aproou o barco para os dois penedos que se empinavam uns dez metros acima do lume de agua. Ahi largámos um pesado bloco de granito, amarrado a um cabo, que servia de ancora.

— O sol está em boa altura, está mesmo ao pintar — disse o velhote mysteriosamente, erguendo para o astro do dia a cara enrugada e os olhos azeitonís.

Agarrou então no oculo de folha, mergulhou-o na agua, e curvou-se sobre a roda de prôa. No rosto caduco tinha notavel vivacidade o olhar juvenil. Affigurava-se-me estar n'uma barqueta de pesca da costa escoceza em companhia de um fibusteiro da velha Hespanha.

— Que está vossemecê a vêr? — inquiri, decorrido um longo intervallo de espera.

O velho ficou silencioso, com os olhos firmemente apagados á dupla ocular. Devorava-me uma violenta curiosidade. Muitos minutos durou aquelle silencio; depois levantou o rosto illuminado por um extranho arrebatamento nos olhos faiscentes.

— Já vae ver. Não tarda que o sol esteja na posição propria.

Deitei as mãos avidas ao oculo e debrucei-me sobre as ondas lampejantes. O sol batia-me em cheio nas costas.

Feria-me os olhos a tremolina offuscante das aguas esmeraldinas. As profundezas espelhadas palpitavam com a luz incerta e crepitante. Não vi náda distinctamente. Mas não tardou que da brilhante nevoa liquida emergisse um objecto sombrio, o qual se extendia sob a quilha do bote, inclinado sobre o fundo do mar onde chispavam as areias fulvas. O seu tamanho, a sua altura, o que era substancia e o que era sombra, eis o que eu não podia perceber. Pouco a pouco, á medida que o meu olhar se adaptava ao meio movediço e perfurava as correntes do pégo, foi avultando uma minucia após outra, assombreada e realçada pelos raios transmittidos do sol. Incerto, nebuloso, phantasmagorico como um monstro mysterioso de entre um nevoeiro verde ou um fumo sulfuroso, revelou-se o casco espectral. Aos meus ouvidos, proxima e clara, resoava a voz do velho Costello. Desvanecia-se o mundo exterior e o tempo presente; senti então que todos os sentidos se



embotavam, á excepção da vista e do ouvido.

— Não a vê? — clamava aquella voz, vinda do turvo passado — Não a vê, por baixo de nós, a grande almiranta? Essas divisões amarelladas, que parecem prateleiras de uma estante, são as cobertas alastradas de areia. Não vê os tres mastros, partidos quasi rez-vez? Um d'elles está inclinado de travez sobre a tolda. Repare no cesto da gavea encostado á face da rocha. Essa massa esverdeada são cabos emmananhados, todos cobertos de limos. Repare nos degraus do chapiteu, todos elles entalhados e dourados. Quando o sol lhes bate de chapa, como agora, vê-se perfeitamente a douradura. Não lo-  
briga umas cousas verdes e compridas, nos sitios das cobertas em que a areia está mais baixa, ao pé da mareagem despedaçada? São peças de bronze, que se soltaram e rebolaram pelo convez quando a nau foi a pique. Eu li as chronicas antigas hespanholas, mais o rol do armamento em Calderon, e sei tudo isso! Não vê a pôpa altaneira, esculpida e ataviada que nem

uma barraca na feira de S. Miguel, tudo escudetes e côres garridas? Olhe para as janelas e varandins que correm no painel de pôpa, em todas as cobertas. Não vê a enor-



NÃO TARDOU QUE DA BRILHANTE NEVOA LIQUIDA EMERGISSE UM OBJECTO SOMBRIO  
O QUAL SE EXTENDIA SOB A QUILHA DO BOTE .

me lanterna de bronze, onde se penduram algas aos mólhos, e mais o canhão com cabeças negras que se estira da prôa para fóra? São peças de ferro, que é para os

me lanterna de bronze, onde se penduram algas aos mólhos, e mais o canhão com cabeças negras que se estira da prôa para fóra? São peças de ferro, que é para os



tiros em caça. Ora vire agora o oculo para a direita. Repare no costado, como avulta para cima, apoiado de esguelha nos vaus. Não vê as enormes portinholas, tamanhas como janellas de palacios, e as bocarras dos canhões; uns trinta que restam dos quarenta, porque os outros enterraram-se na areia ou sumiram-se no porão. Quarenta a bombordo e quarenta a estibordo e dez á pópa e á prôa, noventa ao todo, é o que tinha a almiranta. Essas fitas verdes, muito compridas, que esguicham do mastro quebrado, são algas e limos. Chamo-lhes eu as bandeiras de guerra da minha almiranta, encarnadas e verdes, amarellas e côr de purpura, a pannejarem ao sabor das marés. Não descanso de pensar n'isto: o *San Martin*, o galeão de ouro, a poderosa fortaleza do mar, o afundar-se, quem me déra vel-a assim! Largas as velas todas, fluctuantes todos os estandartes, todas as peças a lançar chammas, accesas todas as lanternas vermelhas, a batalhar até á ultima, a batalhar contra os perros marinhos da Inglaterra, a batalhar contra os temporaes. E afundou-se na noite lobrega e tormentosa, com toda a valente equipagem, esses indomitos mareantes de Hespanha, e só tres escaparam, só tres! Ahi jazem todos elles agora, sepultados na agua gelida, Diego Florez com todos os seus marinheiros e officiaes, duque e marquez, almirante, homem de mar e homem de guerra, todos elles filhos da ardente Hespanha, no fundo d'estes frigidios mares da Escocia, por baixo de nós, por baixo d'essas taboas que ahi vê, de guarda ao opulento thesouro.

Calou-se a voz entusiasta do descendente dos Castillos, enquanto eu, com os olhos a doerem-me e o dorso curvo, sentado ao travez nas bancadas a escaldar, lançava a vista pelas profundidades glaucas, impregnadas de sol.

— Olhe bem, olhe fito para a parte de baixo do tombadilho. Não vê duas vigias todas arrombadas? Mais adeante ha um grande rombo por onde passam de quando em quando peixes e caranguejos. E ahi que está o thesouro. De todo elle tenho eu a relação, que me veiu dos avoengos Castillos. Barras a rodo, de ouro de Africa e de prata do Peru, e perolas das Antilhas. Pedrarias tambem, mettidas em cofres de carvalho forrados de cobre, e mais uma quantidade de joias da corôa. Em especie havia

lá milhares de moedas, ducados e pistolas e pistolas duplas da Hespanha, que se chamavam dobrões. Tudo isto jaz debaixo da coberta, intacto no ventre do galeão, a salvo no casco de sobro negro.

«Olhe agora depressa, enquanto eu falo, porque o sol está-lhe atirando para cima a sombra do penhasco. Não vê como a almiranta está mettida entre as duas rochas como um carro no meio de duas medas de feno? Apenas se afundou, foi apanhada na bocarra dos rochedos. E ahi ficou entalada. Ahi a deparei por acaso, ha cousa de vinte e sete annos. N'esse tempo estava liberta, não pousava, como agora, sobre um banco de areia. A tolda ficava umas dezeseis braças abaixo do lume de agua. E agora está a seis apenas. Graças ao açoriamento constante e ao aterro produzido pelo esboramento dos penhascos, o baixo de areia eleva-se cada vez mais de anno para anno. De anno para anno se levanta mais o casco da almiranta *San Martin*, todo alagado, com o seu ouro, o seu armamento, as ossadas da sua gente, á proporção que a areia se amontôa sob o seu bojo, arrastada pelas correntes. Assim vae subindo, hora a hora, dia a dia, anno a anno, alçando-se para a luz e para o céu e para mim! E por isso eu espero com toda a paciencia que ella me chegue ao alcance. Levou-a o mar, o mar a restitue. Aos velhos fidalgos a arrebatou, a mim cabe, que sou Castillo, lançar mão do que é nosso. Vinte e sete annos, desde que primeiro a topei, tenho eu estado á espreita, a esperar sempre. E mais sete annos não de correr até que a tolda tome ar. Está aqui em segurança; nenhum barco vem agora aqui, a não ser o meu, o do maluco do Costello que anda á pesca de um navio! De anno para anno se levanta mais, mas ainda faltam sete pelo menos! Talvez dez, mais é que não, mais não deve ser, porque tem de me chegar ás mãos e eu cá não tenho um filho sequer. Terei a esse tempo setenta e nove annos, e não largarei o mundo sem haver ás mãos a minha almiranta. Todos os dias aqui venho espreitar, e não passa semana sem que eu deite o prumo. Quando faz mau tempo, fico em casa e cantarolo:

— P'ra dentro do mar, p'ra fóra do mar,  
Tudo que é meu, que é meu, que é meu,  
A's mãos me ha de voltar.



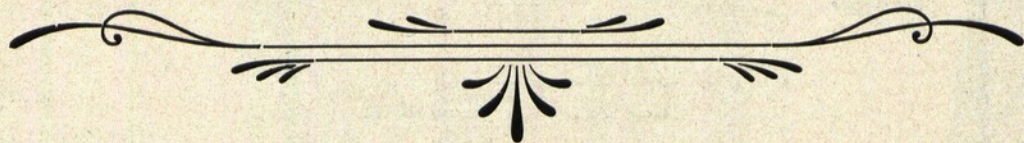
Ahi vem a sombra agora.

Pouco a pouco, á medida que os raios solares se iam retirando, annuviava-se o magico espectáculo revelado nas profundezas do pelago. A sombra projectada por um dos enormes colmilhos de pedra apagou a visão no seio do mar. O taboado fusco, atolado de areia, do galeão afundado, pareceu confundir-se lentamente no tenebroso abysmo, e os fluxos lobregos foram abraçando a grande massa negra até que esta se sumiu á minha

vista. Sobre o destroço colossal do naufragio passou o vulto de um grande peixe. Despreguei então do oculo os olhos doridos, e fitei, pestanejando, o velho que á minha beira sorria sob a radiação forte do sol. O rosto e a figura eram o rosto e a figura do encanecido Costello, barbeiro em Tobermory, mas os olhos juvenis, com a luz que lhes vinha do passado, eram os olhos de Castillo, guerreiro e fibusteiro da velha Hespanha.

Versão do inglez.

*Herman Scheffauer.*



## A TEMPESTADE

Queria rir d'um riso alegre e forte,  
Que me varrêsse d'alma o soffrimento;  
D'um rir que desfizesse n'um momento  
O mal ingente que me leva á morte.

Queria rir, que o riso é como o vento,  
Se tisna e estraga quando sopra norte,  
Desfaz em espuma a vaga d'alto porte  
Que vem rugindo e finda n'um lamento

Ergue-se dentro em mim a tempestade  
Rompe, retumba e estalla n'um trovão:  
É o cruel embate da vontade

Contra o fragil sentir do coração.  
Convulsiona-me então a gargalhada  
Que vale o amôr, a vida, o mundo?—Nada.

*Maria O'Neill.*



# A Architectura da Renascença em Portugal

Por ALBRECHT HAUPT

## Parte III—O PAIZ

### III

## LEIRIA



LEIRIA, antiga residencia d'el-rei D. Diniz, jaz formosa quanto aprazivel no sopé das sumptuosas ruinas do castello. A cidade é em grande parte constituida por palacetes dos seculos XVI e XVII, de soberba posto que singela construcção. Um giro pelas ruas da cidadinha internada é pois objecto de impressão singular. Por modestos que sejam os elementos de uma edificação particular, tal como a que

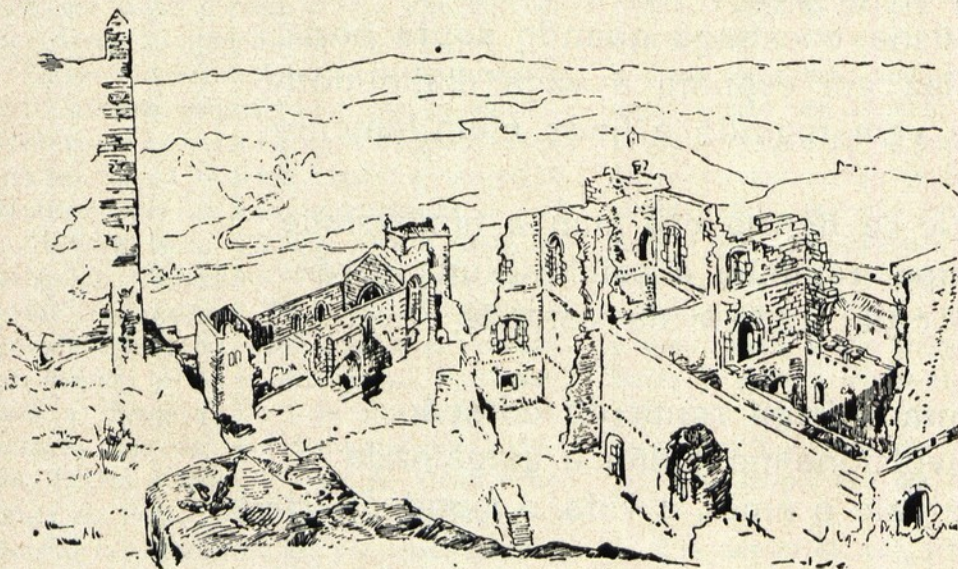
apresentamos na est. 23, nem por isso deixa de revelar um invejavel exemplo de imponencia e decisão.

O opulento cunhal de cantaria, e as duas sinuosas janellas do vasto lanço de parede, eis de quanto houve mister o artista para produzir effeito cabal, não destituido de impressão pittoresca, motivado aliás pela rua transversal que segue por debaixo da arcada.

Opulenta ainda a cidade uma serie inteira de egrejas da Renascença de

identica singeleza, quer de proporções quer de elementos, e não obstante, dignas e de effeito imponente.

A mais ostentosa é a de Santa Maria, a qual datará talvez de 1571. E' uma egreja de ar



CASTELLO DE LEIRIA



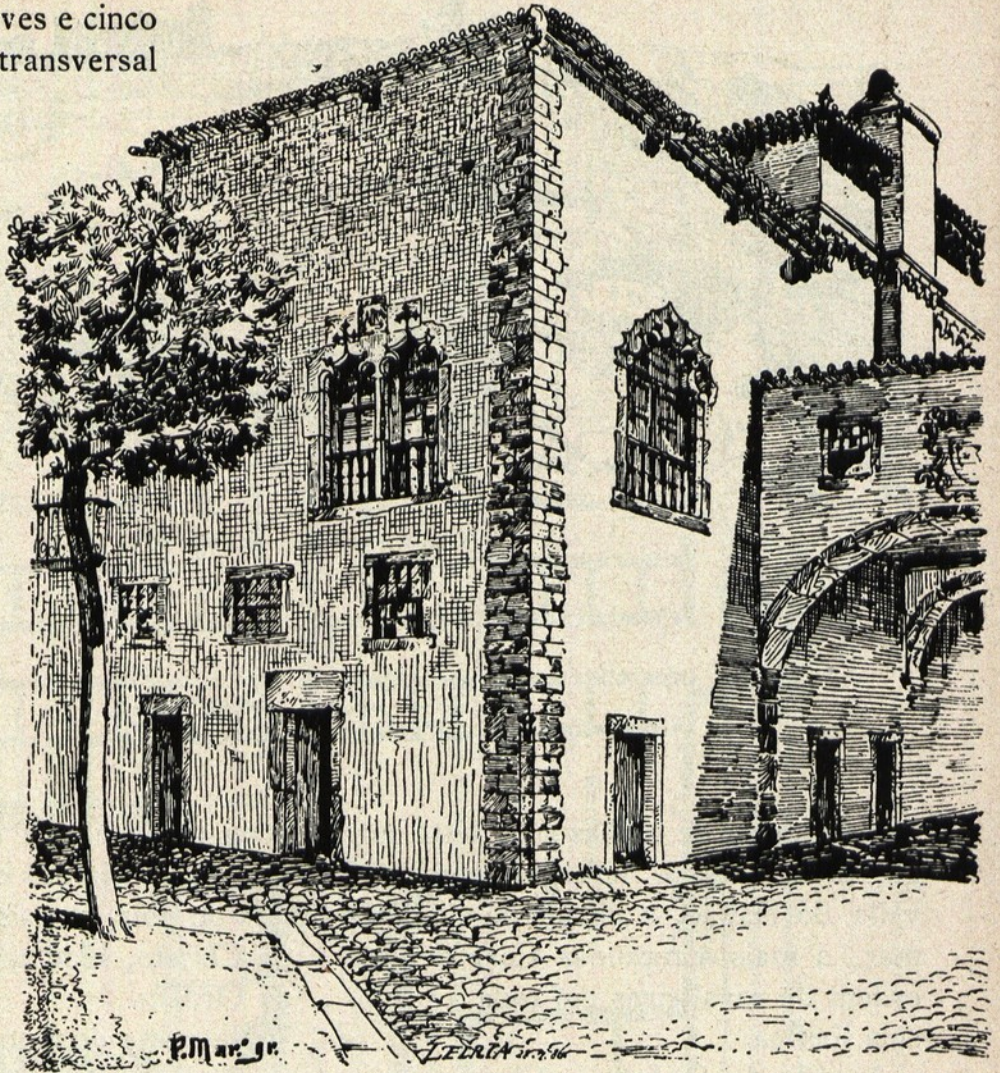
carias, com tres naves e cinco lanços, uma nave transversal de quatro lanços, tudo coberto por uma abobada artezonzada, cujas nervuras apresentam um singelo perfil rectangular; o côro, com uma majestosa abobada de berço e de caixões, eis a sua disposição.

Mercê das pulchras a par de singelas proporções, assim como da pureza das formas, é digno de consideração o interior: janelas e adornos pertencem ao seculo XVIII. Da primitiva ornamentação resta ainda o altar-mór, cuja

parede do fundo alardeia uma sumptuosa architectura de columnas jonicas, corinthias e de nichos; é todo elle de talha dourada.

Para áquem do côro e no extremo do transepto, campeia o claustro de tres faces, formando um como que pátio com a seguinte disposição:  $\square$  E' fechado por uma abobada de berço, repartida em apanelados pelas nervuras respectivas. A fachada é muitissimo singela, mas pesada.

Não deixa tambem de ser digna de menção a capella de romagem situada

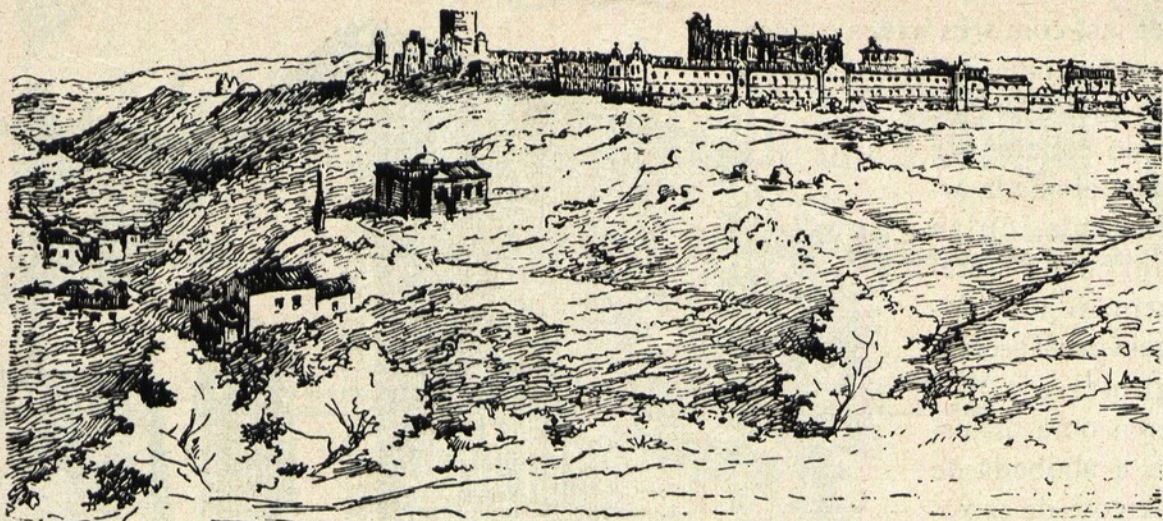


LEIRIA — CASA PARTICULAR

a cavalleiro da cidade e consagrada a Santo Agostinho.

Um formoso escadoz e um adro com portal datando de 1770, approximadamente, lhe facultam accesso; a igreja, de uma só nave, tem a fórmula de uma cruz e uma abobada de berço e caixões. A ornamentação consiste na linda arcaria de columnas doricas, ladeando a nave em sentido longitudinal até ao cruzeiro. Por cima do portico, a era de 1606. O extensissimo ponto de vista que se disfructa d'aquella altura é admiravel.





THOMAR — CONVENTO DE CRISTO

## IV

## THOMAR

Meia duzia de milhas para léste surge, dominando o feracissimo e lindo valle do Nabão, a cidadinha de Thomar, a mais sumptuosa Casa de uma ordem de cavalleiros em toda a península iberica.

A séde da Ordem de Christo, mais tarde dos Templarios, concentra em si copiosas quanto importantes recordações historicas; sobre o paiz inteiro, e ainda sobre a totalidade do novo mundo, exerceram seus moradores o mais poderoso influxo.

Mencionei já (no volume I.<sup>o</sup>), a situação da Ordem na historia do seu proprio paiz. Resta-me apenas, portanto, referir-me á historia do edificio.

Na lombada oriental do monte existia já o formidavel castello da Ordem do Templo, a qual buscou alli o seu ponto de defesa, encontrando-o em substituição d'aquelle que lhe fôra prescripto, isto é, o castello de Ceira, erguendo-se para além da margem do rio e considerado, aliás, deficiente. Edi-

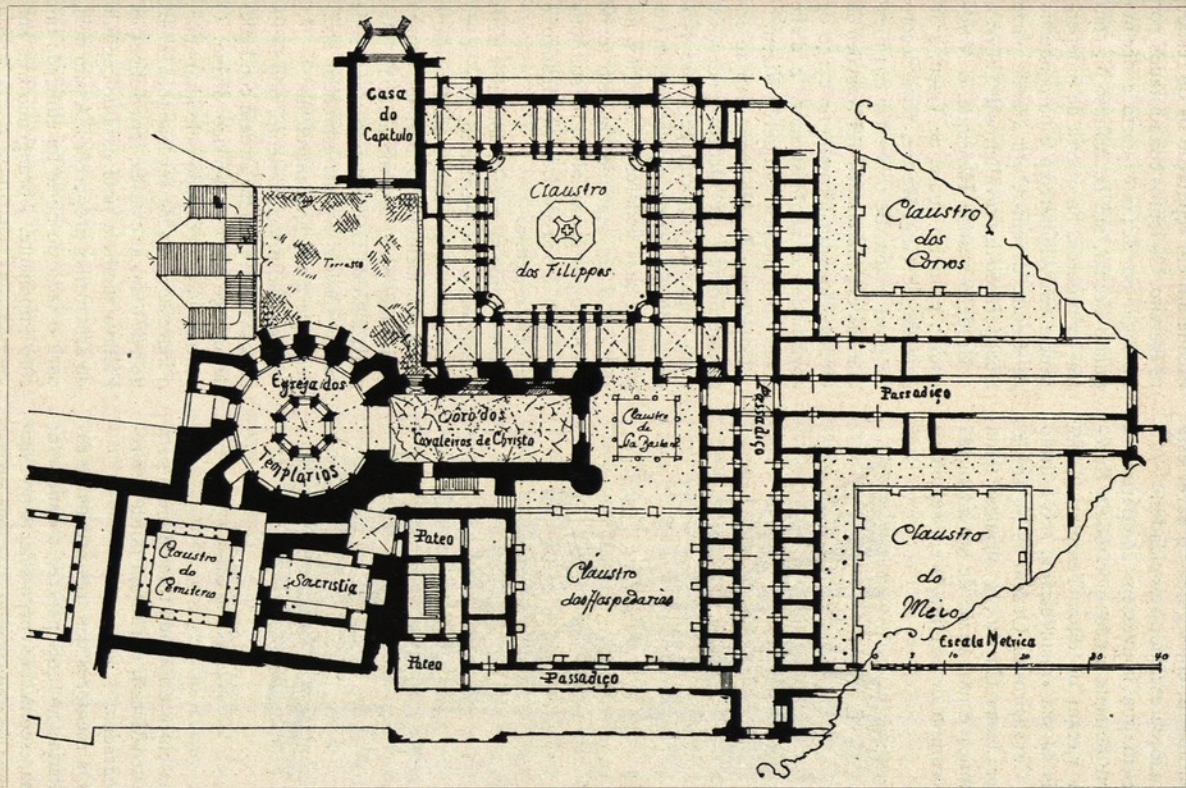
ficou alli a igreja de Santa Maria do Olival, matriz das egrejas dos Templarios do paiz, e mais tarde a da Ordem de Christo, séde sepulcral dos mestres da Ordem.

Na crista do monte construíram pois os Templarios, sob o mando do seu insigne mestre, Gualdim Paes, uma forte cidadella, em cujo ambito surgiu uma igreja a exemplo do Santo Sepulcro.

Esta notavel estrutura, com um tabernaculo (ou ciborio) de dezeseis faces, ao centro de um recinto interno, octogonal, sombria e massiça, arrogante com a sua corôa de ameias, constitue ainda hoje o nucleo de todo o edificio do mosteiro, o qual no decurso de quatro seculos a foi encerrando.

O castello contiguo deve ter sido a séde da Ordem do Templo que, no mez de julho do anno de 1190, pela vez derradeira, viu cercadas as suas muralhas por um innumeravel exercito de mouros, sob o mando de Yacub



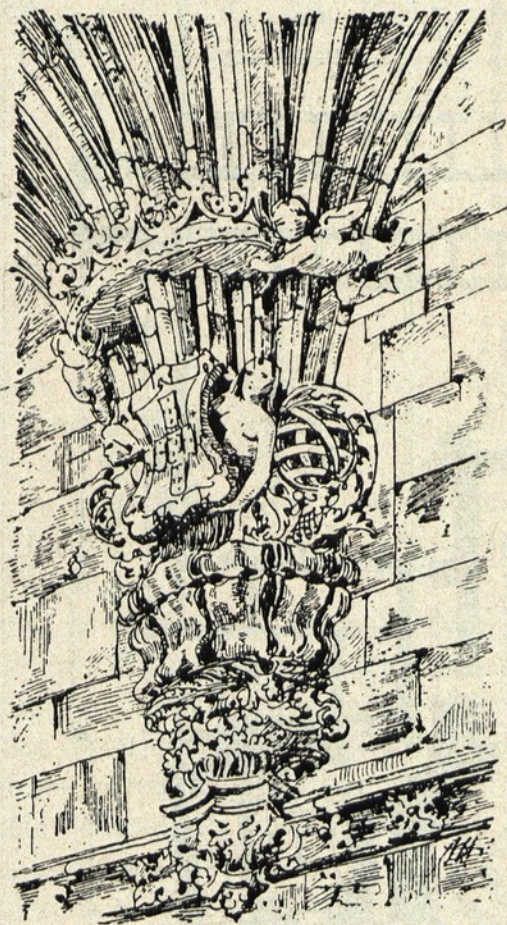


THOMAR — PLANTA DA PARTE PRINCIPAL DO CONVENTO DE CRISTO



Abu Jussuf, em seguida ao haver este levado de escalada seis cidades.

Sem que houvessem compartilhado a sorte de seus irmãos por toda a Europa, vieram os ditos Templarios, depois da sua «resurreição», sob o titulo de Cavalleiros da Ordem de Nosso Senhor Jesus Christo, a alcançar fama identica e uma razão de ser adquirida no campo de batalha, e em seguida a



MISULA DA ABOBODA DO CORO  
NO CONVENTO DE CHRISTO

uma curta e forçada transferencia para Castro Marim, alli foram outra vez reintegrados.

Os membros das tres ordens de cavallaria, ao que parece, constituiram uma escolta, um corpo selecto no exercito, e por consequente, os serviços relevantes d'estes famigerados guerreiros

excederam em reputação os do restante exercito. Os louros conquistados por Portugal no decimo quarto e decimo quinto seculo, até D. Affonso V, contra os mouros, na guerra de independencia em Aljubarrota e na conquista de Ceuta, devem-se em grande parte á cooperação dos cavalleiros de Christo.

Desde o grande Henrique, o *Navegador*, primeiro duque de Vizeu, a dignidade de Grão-Mestre, para decoro do grau e afim de o libertar das mesquinhas eventualidades das votações da Ordem, foi transformado no cargo de governador e administrador, e d'elle investido o proprio duque de Vizeu.

O principe D. Henrique deu ao engrandecimento da Ordem poderosissimo impulso. Edificou para uso proprio, alli, um formoso palacio, com um pateo de dois andares de arcarias, assim como um segundo claustro (o do cemiterio), erigindo, aliás, na sua totalidade, o lanço do edificio ligando o castello á igreja.

D'este modo proporcionou a seus successores, D. Fernando, seu sobrinho, e aos filhos d'este até D. João e D. Diogo, incluindo D. Manuel, espaço sufficiente para sua moradia. D. Manuel, filho de D. Fernando, deu á séde da sua Ordem aquelle esplendor artistico, que ainda hoje manifesta.

A igreja, principalmente, não facultava já aos freires da Ordem condições de espaço para o serviço divino. O centro estava occupado pelo altar-mór; o ingresso tinha de ser franqueado aos fieis de todas as classes, sem distincção. Faltava tambem uma casa-do-capitulo de arazoadas proporções. Assim pois, para o lado do norte foi edificado um côro imponente. Abrangendo tres lancos cobertos com uma formosa abobada de artezãos sobre luxuosas con-



solas (v. est. 26), rectangular, escorada por botareus redondos, adornado com um dos mais primorosos portaes (est. 27), e tendo ao norte um pavimento inferior, abrigando a nova casa-de-capitulo, o dito côro constitue a obra mais característica da primitiva Renascença portugueza, ou antes, d'esse estylo classificavel de tão propriamente manuelino.

O interior do edificio do côro é á excepção da aboboda, singélo, visto como o tão sumptuoso cadeirado para os cavalleiros, obra de Olivell de Gand, foi aproveitado pelos francezes na qualidade de lenha, em 1810. Uma antiga gravura de madeira, dá mesquinha idéa d'este magnifico trabalho, hoje desaparecido.

A época da elaboração d'estas cadeiras bordeja ahi por 1508, ou talvez, mais tarde. Apontam ainda como ajudantes José e Garcia Leal, entalhadores. A reproducção publicada por Barboza patenteia o haver sido este cadeirado de extraordinaria riqueza dividido em tres ordens de cadeiras, interrompidas pelas entradas, e elevando-se umas por detrás das outras. As da frente, consistindo apenas nos assentos com tampos de dobradiça, ricamente insculpidos os lados com as fórmulas do Gothico terceario. O espaldar do renque superior constituia um dos mais primorosos lavôres do genero, ao passo que, por detrás de cada um dos assentos, divididos por opulenta architectura, campava dentro de um nicho plano a figura de corpo inteiro de um mestre ou de um freire da Ordem, em tamanho natural, debaixo de um baldaquino. Encimando o conjuncto um sobre-céu riquissimo, coroado por um frontão transfurado, e corucheus. As fórmulas eram as do Gothico terceario alternando

com as da primitiva Renascença, muito semelhantes ás do cadeirado do côro de Santa Cruz de Coimbra. E' verosimil haver preponderado aqui o elemento portuguez, quer pelo influxo de um artista nativo, quer pela prolongada residencia de Olivell no paiz.

O aniquilamento d'esta, acima de todas, preciosa obra decorativa portugueza pelos «amigos» antolha-se ainda hoje como um acto de insanidade.

Este edificio do côro foi ligado á nave principal da igreja por meio de um possante arco, para cujos fins dois lados do polygono exterior de seis faces foram eliminados e substituidos por um liso e estreito arco ogival de cantaria. Trabalho aliás de indubitavel difficuldade technica, e como tal preconizado entre as obras de Castilho.

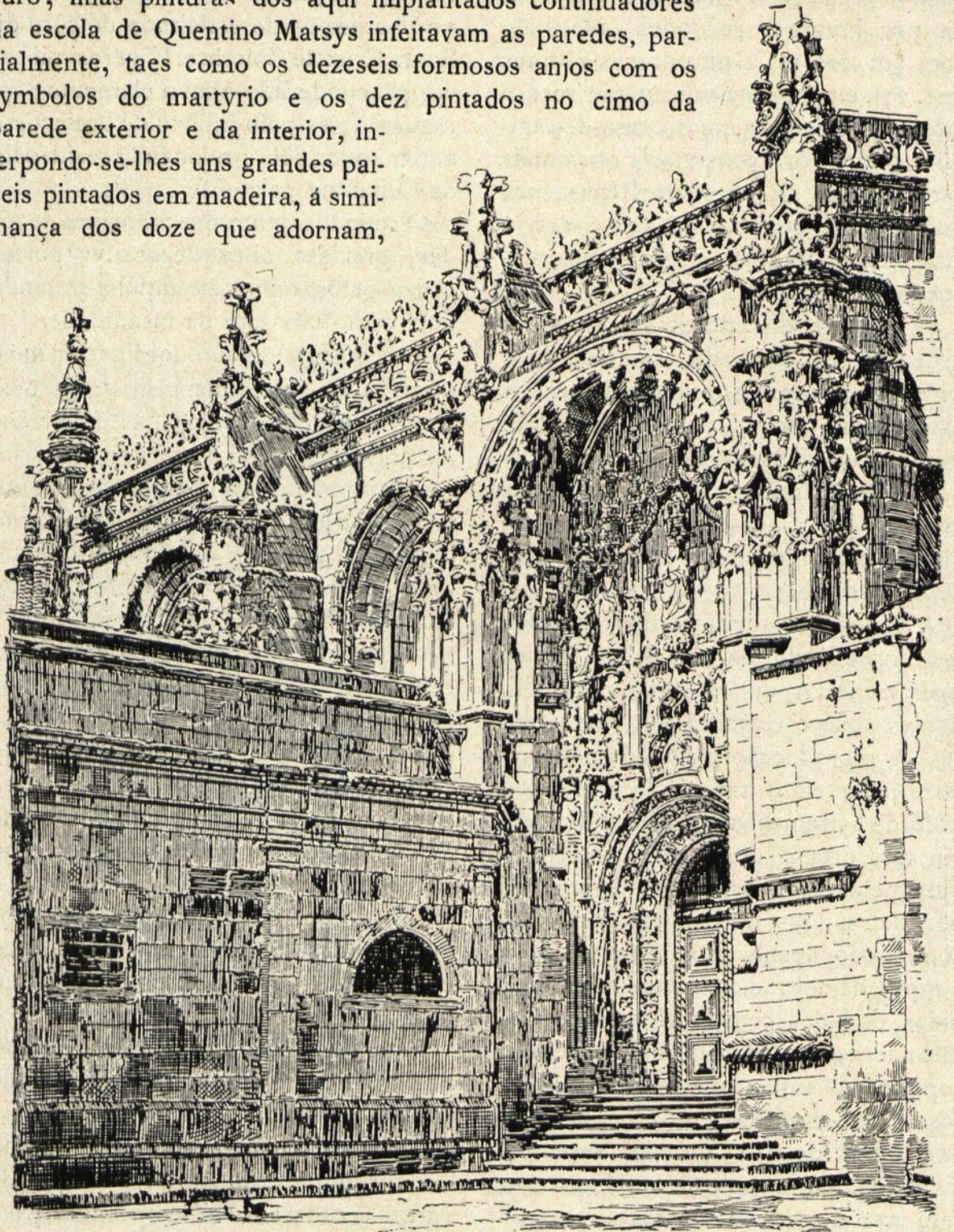
O amplo e possante arco é enriquecido com pinturas representando os Evangelistas em medalhões, incluidos já em molduras, já em couraças; ao centro a cruz da Ordem. Para a banda do sul campeia o pulpito, fino trabalho de marmore sobre uma base redonda, saliente, com peitoril abalaustrado e encimado por um baldaquino, os lados das paredes estabelecendo um portico emoldurado por formosas pilastras jonicas.

Esta decoração contigua ao pulpito deveria incidir com o ultimo periodo do reinado de D. João III.

As severas e adustas fórmulas gothicas primitivas do proprio corpo da igreja receberam em tempos um rico e sumptuoso revestimento multicolor. Os frisos foram enriquecidos com vistosas faixas, cercaduras e capiteis, o lanço superior das paredes, do recinto intermedio, com ornatos sumptuosos e seguintes, tudo moldado em estuque; nem foram poupados, quer as côres, quer o



ouro; finas pinturas dos aqui implantados continuadores da escola de Quentino Matsys infeitavam as paredes, parcialmente, taes como os dezeseis formosos anjos com os symbolos do martyrio e os dez pintados no cimo da parede exterior e da interior, interpondo-se-lhes uns grandes paineis pintados em madeira, á similhaça dos doze que adornam,

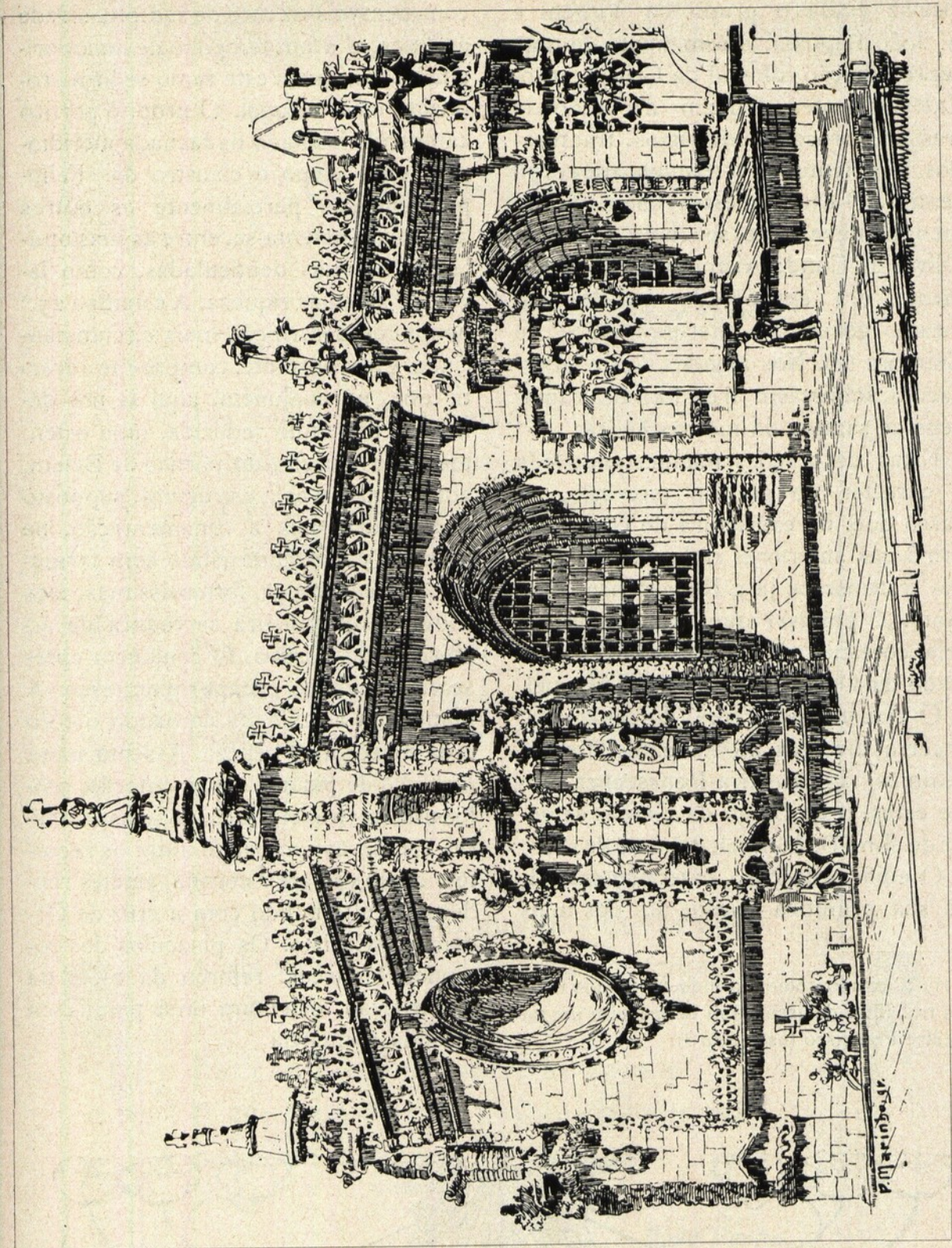


THOMAR — PORTIGO DO CORO DO CONVENTO DE CHRISTO

externamente, o lanço interior da parede. Justi attribue estas obras peregrinas ao neerlandez Johannes Dralia, cuja sepultura com a data de 1504 se vê na proxima igreja de Nossa Senhora da Conceição (renovada em 1579). (1)

(1) Vêr o que a este respeito diz Justino, Anuario das Reaes Collecções de Arte, prussianas.





THOMAR — PARTE SUPERIOR DO CORO DO CONVENTO DE CRISTO

E não é inferior o trabalho da escultura. Em volta e por diante dos frisos da guarnição exterior campeiam doze estatuas de profetas sobre consolos, e encimados por baldaquinos de opu-

lento labor de macenaria; na area central, reservada para o altar, vêem-se ainda nos tres arcos do lado do poente os restos de uma construcção sumptuosa; no terceiro, á esquerda, di-



visa-se ainda o grupo da Virgem e S. João Baptista, o remanente de uma representação colossal da Crucificação. Exteriormente, pendem da abobada tres primorosos baldaquinos, tranfurados, fragmentos do coroaamento do corpo central. O estylo d'estas reliquias é flamengo, devem de ser pois, obra de Olivel de Gand; existindo ainda actualmente um aprimorado trabalho do mesmo genero no altar-mór da Sé de Coimbra (1). Nos angulos d'este tabernaculo sobresáem tres formosas imagens de santos, da mesma época.

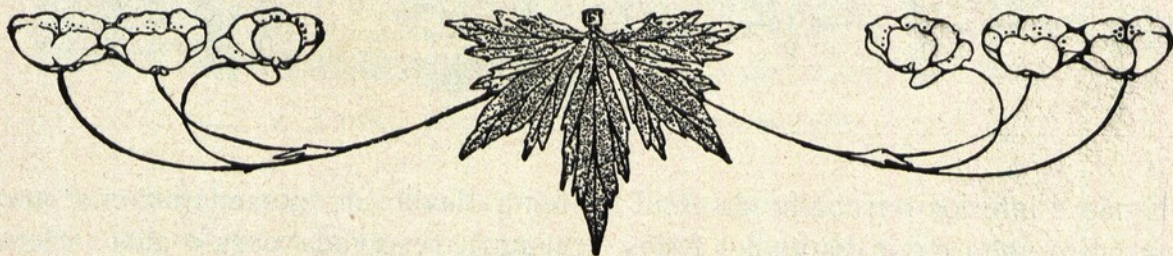
Estas decorações manifestam ainda o character do gothico terceario, ao passo que, na estructura do côro, bem como nas anteriores cathedras do mesmo transparece já a Renascença. Portanto, é possivel que esta decoração seja coetanea da assumpção do mesrado da Ordem por el-rei D. Manuel.

O claustro adjacente (do cemiterio), encerra diversos monumentos, formosissimos, da primeira Renascença, entre estes, o de Diogo da Gama, esmoiler de el-rei D. Manuel, datando de 1525.

O edificio do côro, exteriormente, é, na sua primitiva feição, um dos mais

consideraveis trechos de sumptuosidade artistica, e a um tempo, o de maior originalidade, que n'este ramo se haja produzido em Portugal. O proprio portico campando insulado na fachada meridional, visto como o claustro dos Felip-pes encobre parcialmente os outros dois eixos, ostenta-se, entre as suas opulentas arcarias denticuladas, como lavôr de singular riqueza. A estampa 27.<sup>a</sup> poupa-me descripção mais circumstanciada, e não obstante, cumpre-me advertir que, no conjuncto, aqui se nos deffronta, um tanto reduzida, uma ostentosa reproducção do portico de Belem, gothico ainda pela estructura, supposto que naturalistica a ornamentação, na maxima parte, alternando com formulas da Renascença, formosissimas, taes como as da pulchra cercadura da archivolta do portico. O conjuncto apresenta o maximo encanto pinturesco. A platibanda rendilhada coroando o côro é de inexcedivel belleza. Assenta sobre um friso de pujante ornamentação, profusamente transfurada, com as espheras armilares campando entre os recortes; como remate á cornija, ameias rendilhadas alternando com a cruz da Ordem de Christo. Os pinaculos dos rotundos botareus, reforço da móle da construcção, ostentam uma pinturesca e solida opulencia.

(1) E' citado como havendo cooperado n'estes trabalhos de esculptura de madeira um tal mestre Francisco (esculptor?).







# O DEFUNTO

*A Albino Forjaz de Sampaio.*

Jaz estendido no caixão funéreo  
O cadaver do misero operario.  
Na vida, caminhando incerto e vário,  
De tabernas fugia, grave e serio.

Era um temente a Deus, e no mysterio  
Dos bosques se aprazia, solitario.  
Hontem morreu, e envôlto no sudario,  
Vae enfim repousar no cemiterio.

Fóra chuvia, e o sibilar dos ventos,  
A voz d'um môcho que nas trevas pia,  
A ais se uniam, sepulcraes accentos;

Em contorsões, a viuva se carpia,  
E em meio d'esses tragicos lamentos,  
Sómente a alma de defunto ria.

*João Penha.*



# A HORA OFFICIAL EM LISBOA

**A**o fazer a historia resumida e despretençiosa da *hora official* cumpre-nos primeiramente denotar, que o trabalho, concernente ás observações necessarias para a determinação do tempo, está entregue ao *Real Observatorio Astronomico de Lisboa (Tapada)*, estabelecimento scientifico modelar, dirigido sabiamente pelo emerito engenheiro hydrographo e vice-almirante sr. C. A. de Campos Rodrigues que, com a mais acrisolada dedicação, tem conseguido grangear para este observatorio a reputação de um dos melhores d'entre os primeiros da Europa. O maior elogio, que se póde prestar ao serviço da *hora official*, está no alto conceito em que são tidas, no estrangeiro e no paiz, as indicações do tempo, fornecidas pelo actual signal horario, vulgarmente, conhecido pelo *balão do Arsenal*.

Este balão, inaugurado em 15 de agosto de 1885, sob a direcção do fallecido official da armada e engenheiro hydrographo F. Oom, então director do *Real Observatorio Astronomico de Lisboa*, veiu substituir o irrisorio balão, manejado por uma corda, que estava installado no terraço do antigo observatorio da Marinha e, segundo julgamos, em virtude de uma reclamação do governo inglez, notificando a pou-

ca confiança que inspiravam as indicações dadas por elle, em manifesto prejuizo da navegação.

Contribuiu immensamente para o bom exito da installação o contra-almirante José Joaquim de Souza Neves, que exercia então o cargo de director da Escola Naval.

E referindo-nos ao illustre vice-almirante Campos Rodrigues, aquelle a quem ainda ha pouco foi conferido pela Academia das Sciencias de Paris, publica e solememente, o *premio Valz*, seja-nos licito dizer que, só pela excellencia das observações, a qual importa ao serviço da hora o maior rigor possivel, bem merece as palavras do relatorio que precede a respectiva proposta da comissão academica, encarregada de outorgar esse premio, composta de nove vogaes, todos de reputação scientifica bem assente e universalmente confirmada.

O mesmo relatorio, que está redigido nos termos mais honrosos e lisongeiros, reconhece que a exactidão nos trabalhos do sr. Campos Rodrigues, como director do *Real Observatorio Astronomico de Lisboa (Tapada)*, é superior a tudo que em tal genero se tem feito, apesar dos escassos recursos de que dispõe aquelle estabelecimento; e concluiu propondo por unanimidade «em testemunho de alta estima» que o premio fosse concedido ao nosso



CONTRA-ALMIRANTE OOM



inclito mestre, o qual, por esta fórma (mau grado da sua ancia em procurar a obscuridade), ficou publicamente considerado, por quem para isso tem incontestavel direito, como uma verdadeira gloria nacional.

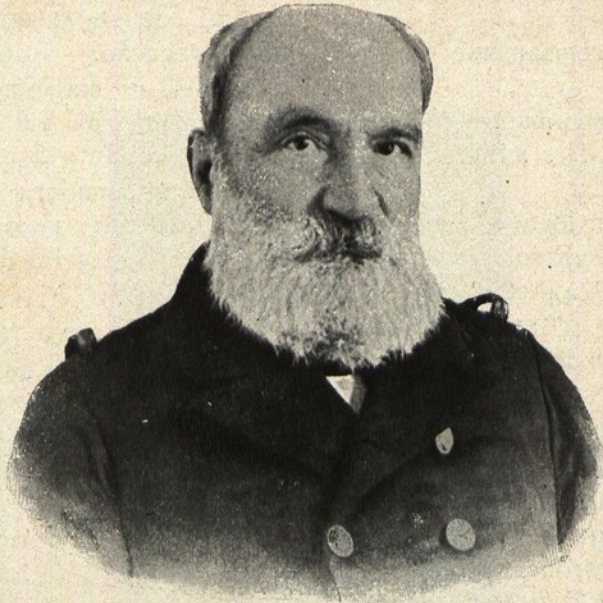
Para corroborar o que acima dissémos, relativamente á precisão da hora, basta analysar os numeros, approximados até centesimos de segundos, inscriptos na terceira columna da tabella que abaixo transcrevemos, os quaes (representando os erros com que a hora foi dada) frisam bem até que ponto o rigor da mesma é obtido.

**BALÃO DO ARSENAL**

Hora média do corte da corrente que promove a quéda do balão e do começo d'essa quéda

Datas	Corte de corrente no observatorio	Comeco da quéda do balão
1902	I. h O. m O. s	I. h O. m O. s
Maior 1 . . . . .	— 0,16	+ 0,01
» 2 . . . . .	— 0,18	0,00
» 3 . . . . .	— 0,16	+ 0,01
» 4 . . . . .	— 0,13	+ 0,03
» 5 . . . . .	— 0,14	+ 0,04
» 6 . . . . .	— 0,19	— 0,02
» 7 . . . . .	— 0,19	— 0,03
» 8 . . . . .	— 0,16	0,00
» 9 . . . . .	— 0,18	— 0,01
» 10 . . . . .	— 0,13	+ 0,04
» 11 . . . . .	— 0,17	0,00
» 12 . . . . .	— 0,19	— 0,02
» 13 . . . . .	— 0,14	+ 0,03
» 14 . . . . .	— 0,19	— 0,02
» 15 . . . . .	— 0,18	— 0,01

O presente signal horario, construido a juzante do dique do Arsenal da Marinha



VICE-ALMIRANTE CAMPOS RODRIGUES

e no cunhal SE. do extremo Oeste avançado d'este estabelecimento, consta d'um balão de um metro de diametro, formado de vinte crescentes de folha de ferro galvanizado, com a espessura de um millimetro e collocados verticalmente em torno d'um cylindro de cobre batido de 0<sup>m</sup>,20 de diametro e de 1 metro d'al-tura.

Os crescentes são internamente ligados por duas tiras metallicas as quaes, occupando uma posição diversa em cada um d'elles, servem para

interceptar a luz, offerecer a menor resistencia possivel ao vento e, por fim, permitir que o balão a uma certa distancia exhiba a configuração d'uma esphera.

O mastro tem sete metros de comprimento. O percurso da quéda do balão é de 4<sup>m</sup>,88, fazendo-se livremente esta nos dois primeiros metros; a velocidade no resto do percurso vae successivamente diminuindo á medida que é comprimido o ar, no tubo de latão ligado á guarita, o qual desempenha o papel de freio, com o fim de amortecer a quéda. Esta é promovida automaticamente, por meio de electricidade, no *Real Observatorio Astronomico de Lisboa (Tapada)*.

A posição geographica do signal horario é:

Latitude 38° 42' 18" N. Longitude 0° 0' 29" Oeste do Observatorio do Castello de S. Jorge ou 9° 8' 24" Oeste de Greenwich.



CONTRA-ALMIRANTE SOUSA NEVES



A altitude do balão na posição inferior é de 28,172 metros e a altura acima do terreno é de 24,549 metros.

O seu modo de funcionamento consiste no seguinte:

O balão é içado a meio mastro *cinco minutos* antes da hora; e *tres minutos*, antes, içado a topetar.

A hora official, que tem lugar á  $1^{\text{h}} 0^{\text{m}} 0^{\text{s}}$ , o tempo médio do *Real Observatorio Astronomico de Lisboa*,  $1^{\text{h}} 36^{\text{m}} 44^{\text{s}}$ , 68 tempo médio de Greenwich e  $1^{\text{h}} 0^{\text{m}} 11^{\text{s}}$ , o8 tempo médio do logar, é indicada pelo começo da quéda do balão.

Tanto o instante, em que no observatorio da Tapada se produz o corte da corrente que deve promover a quéda do balão, como aquelle em que esta quéda tem logar são registados chronographicamente no referido observatorio e no *Posto Chronometrico (antigo observatorio da Marinha)* a fim de se conhecer precisamente a correcção a applicar á hora do começo da quéda para alcançar a maxima exactidão.

Estas correcções são publicadas pelo observatorio na folha official, com a possivel brevidade.

Quando o signal da hora falha, ficando o balão içado, cahindo antes de tempo ou não cahindo com a necessaria presteza, é essa circumstancia revelada, levando o balão mui lentamente á posição de meio mastro, onde se conserva n'essa posição até á  $1^{\text{h}} 7^{\text{m}}$ , instante em que é içado a topetar, sendo o signal então repetido á  $1^{\text{h}} 10^{\text{m}}$ .

Este signal não se repete mais, embora de novo falhe, sendo este facto indicado, fazendo subir o balão mui lentamente á posição de meio mastro, onde se conserva durante *cinco minutos*, e arriando-o em seguida lentamente até á posição inferior.

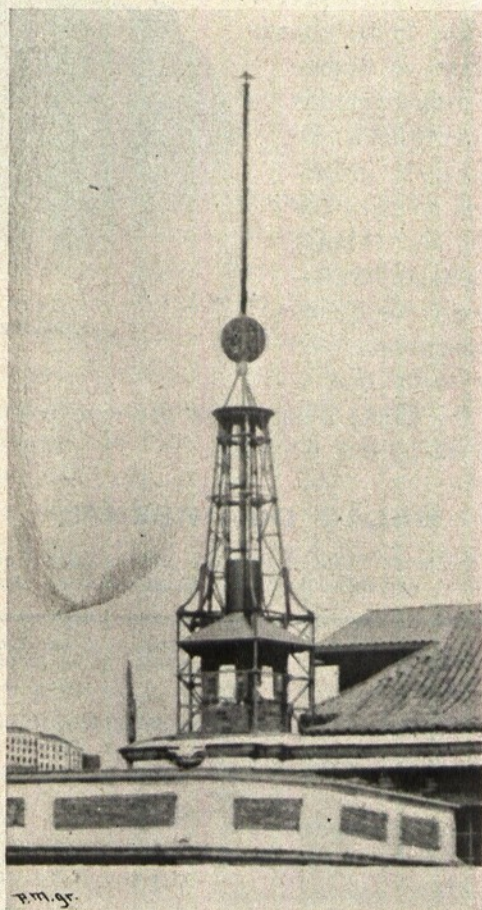
Quando em consequencia de mau tempo ou por qualquer outro motivo, o balão não puder funcionar, iça-se um cylindro vermelho de  $0^{\text{m}},40$  de altura e egual diametro ás  $0^{\text{h}} 50^{\text{m}}$  em uma das plumas do respectivo mastro, conservando-se em cima este signal até á  $1^{\text{h}} 5^{\text{m}}$ .

..

Porém, seja-nos permittido fazer sentir que, não obstante as indicações de tempo dadas pelo signal horario serem de uma

precisão extrema, outras condições de não somenos importancia deixam, no momento actual, de ser attendidas em detrimento da navegação.

Assim, os maritimos queixam-se, e com fundamento, da má posição do signal horario, porquanto a quéda do balão é invisivel para a maioria dos navios mercantes, quer fundeados no quadro, quer atracados aos caes acostaveis do porto, e mesmo para



O BALÃO DO ARSENAL

os navios de guerra fundeados no seu quadro, quando estejam proximos da margem Sul do rio.

E' opinião nossa que o motivo, pelo qual a quéda do balão deixa de ser vista, não póde, nem deve ser attribuido exclusivamente ao local onde elle está estabelecido; mas tambem á pequenez das suas dimensões, ao limitado percurso da quéda e, sobretudo, ao facto de elle se projectar, para um grande numero de navios, sobre edificios dos quaes a maioria está pintada de escuro.



Accresce mais que estes ultimos factos, só por si, são bastantes para que, quando observada a quêda, possam ainda assim acarretar incertezas graves que prejudiquem de sobejo a regulação dos chronometros que é o principal fim a que deve visar.

Este inconveniente desappareceria logo que o signal (balão, disco, etc.) fosse transferido para a margem Sul do Tejo, para sitio ahi adquirido, onde pudesse ser obtida uma posição sufficientemente elevada, de modo que o signal se projectasse no firmamento, e tão sobranceiro que dominasse o rio desde o ancoradouro mais oriental dos navios mercantes até ao mais occidental.

Tal installação obstaría ainda ás raras interrupções do serviço da hora official, proveniente dos cruzamentos das linhas Norte e Sul (linhas que ligam o Posto chronometrico com o observatorio da Tapada) com os fios da immensa rêde telegraphica e telephonica, que atravessam a cidade em todas as direcções; assim impediria que mais tarde aquellas linhas tivessem de ser substituidas por outras completamente isoladas, se bem que bastante mais caras de que as actuaes. Em Berlim, teem-se empregado vantajosamente os fios de bronze, isolados com dupla camada de minio (systema Hackethal).

Tambem nos parece duradouro de mais o tempo que o balão está a topetar (tres minutos), fatigando sensivelmente a vista do observador que aguarde o instante do começo da quêda.

E' certo, que poucos balões (horarios), lá fóra, permanecem menos tempo nos topos dos mastros do que o nosso, o que de fórmula alguma fundamenta a demora dos tres minutos.

Porém, como não nos ocorre razão al-

guma aceitavel em pró de tal duração, a não ser o impulso inconsciente da rotina, tentariamos reduzir esse intervallo de tempo a

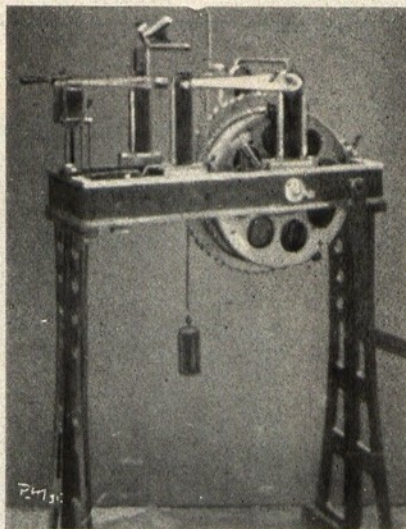
dois minutos e meio, ou ainda a dois minutos. Como reclamo, e mui principalmente para os incautos, poderia a descida do balão ser antecipada por um tiro de peça, por exemplo, dado meio minuto antes da hora; mesmo, não vemos inconveniente algum para os usos communs da vida, em que este tiro substituisse o que actualmente é dado no jardim botanico da Escola Polytechnica.

Quando, em 1885, foi iniciado o serviço da hora official, por via de electricidade, previu-se o caso da quêda da balão ser acompanhada de um tiro de peça,

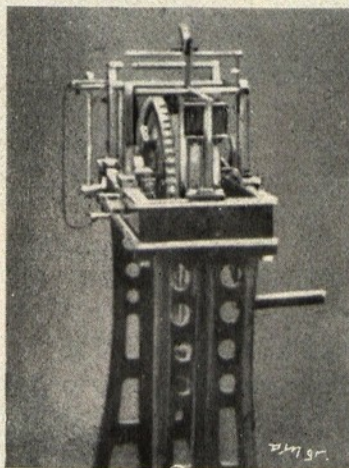
de sorte que ainda hoje, na meza dos instrumentos destinados ao serviço da hora official (Posto chronometrico), existe o botão que por intermedio da bobina de inducção devia inflamar a carga; tal disposição efficaçamente adequada poderia ser aproveitada para aquelle fim.

Egualmente, crêmos dever interessar o commercio e a navegação o facto do nosso balão ter quotidianamente mais d'uma quêda, para que os transatlanticos e demais paquetes, que teem de estadio no porto, apenas algumas horas, pudessem regular os seus chronometros. Esta vantagem, que para muitos poderá ser considerada como phantasia, é utilizada em alguns portos, como por exemplo, em Port-Said, onde o

balão cêe tres vezes, que são ás 20.<sup>h</sup>0.<sup>m</sup>, 0.<sup>h</sup>0.<sup>m</sup> e 4.<sup>h</sup>0.<sup>m</sup>, Êste da Europa.



APPARELHO ELECTRICO DO BALÃO  
VISTO DE LADO



APPARELHO ELECTRICO DO BALÃO  
VISTO DE FRENTE

Devemos notar, como já expuzémos, que a hora official é a do meridiano que passa



pelo observatorio da Tapada e não a do meridiano de Greenwich, como pareceria mais conveniente. Senão vejamos! Para a navegação portugueza, esta preferencia estava peremptoriamente justificada, porquanto, como é notorio, o meridiano de Greenwich tem sido desde remotas épocas o unico usado no mar; egualmente justificada para a astronomia, meteorologia e sismologia; e, até mesmo, para os usos da vida.

Não vemos, portanto, motivo para não adoptarmos o meridiano de Greenwich como primario, tanto mais que a marinha nacional vae buscar á Inglaterra, o meridiano, as ephemerides e as cartas para navegar.

A reluctancia em o adoptar, nem mesmo é admissivel para aquelles paizes que timbram possuir, em demasia, amor proprio, como a França, etc., porque essa escolha traduz, com effeito, uma vantagem real e nunca um facto de supremacia maritima ou mundial.

Apesar d'esta convenção não ter ainda sido seguida na metropole, vigora já comtudo em territorio portuguez (Lourenço Marques); pois, a quéda do signal horario n'este porto effectua-se á 1.<sup>h</sup> tempo médio do meridiano dos 30<sup>o</sup> Éste de Greenwich, correspondente ás onze horas (a. m). do meridiano de Greenwich.

\* \* \*

Eis em poucas palavras o que é a *hora official* na cidade e porto de Lisboa.

A hora dada pelo balão ainda é transmittida directamente pelo proprio aparelho electrico para a *Estação Central dos Telegraphos* e d'ahi expedida para as diversas estações telegraphicas disseminadas

pelo continente. Esta transmissão é recente, pois data de quatro a cinco annos.

Ainda mais, hoje, o archipelago dos Açores recebe tambem a *hora official* no observatorio de Ponta Delgada (ilha de S. Miguel), de sorte a ministrar esse importan-

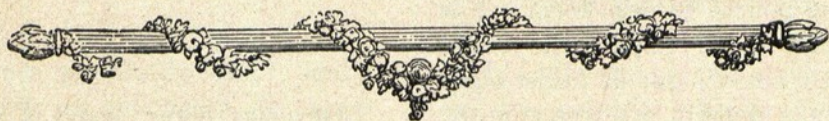


MESA DOS APPARELHOS ELECTRICOS NO POSTO CHRONOMETRICO

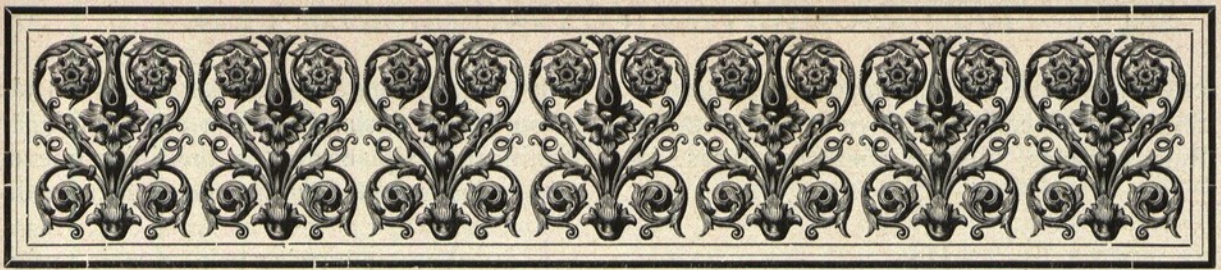
tissimo serviço aos maritimos que demandam o porto.

Oxalá, em breve, possa succeder o mesmo ao porto de S. Vicente do archipelago de Cabo Verde e ao da bahia de Loanda, na costa occidental da Africa portugueza.

A. Ramos da Costa.







## Recursos artisticos da obra de vime



QUEM faria o primeiro cesto?

Pergunta com que a abelhuda Nini embatucava o seu papá, e das taes que hão de ficar para sempre sem resposta, pois versa sobre um capitulo da historia do engenho humano, e capitulo obscuro que, por falta de documentos, ninguem se achará jámais apto a escrever cabalmente.

A's aves a faculdade de entretecer a cestinha dos ovos surge-lhes por instincto. Será incito, porventura, na raça humana, um tal podêr instinctivo, ou dar-se-ia o caso de que a mulher primitiva recebesse as proprias idéas de seus plumiferos vizinhos, esforçando-se por attingir os mes-



1 e 2 — CABAZINHOS PARA FRUCTA

mos resultados com o auxilio de materiaes manuseados com superior facilidade?

Seja como fôr, temos provas inconcutiveis de como a mulher incivilizada fazia cestos para mantimentos, lenha e para a mesma agua, valendo-se de uma certa gômma afim de tornar impermeaveis seus artefactos. As proprias vasilhas para usos culinarios eram obra de vime, revestidas de barro e transformadas pela acção do calor em productos de olaria.

A historia da obra de vime é interessante o mais possivel, e o cesto occupa logar unico entre as industrias deste mundo que habitamos. E' provavel, até, ser o mais antigo de todos os trabalhos manuaes, e é, com certeza, de todos o mais universal.

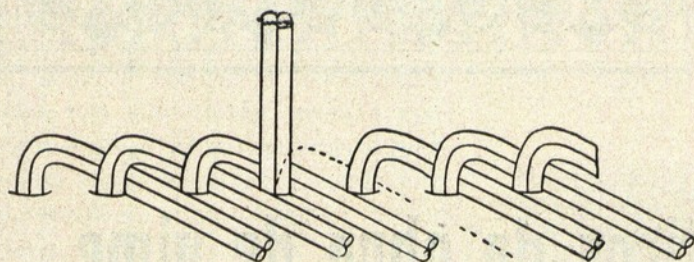
Não tem seguido na trela da civilização, visto que esta o veiu já encontrar firmemente



3 — AÇAFATE DA ILHA DA MADEIRA



estabelecido, e em sua impotente admiração teve que estacar perante os seus resultados. Raizes, canas, juncos, ramalhos, fibras, fo-

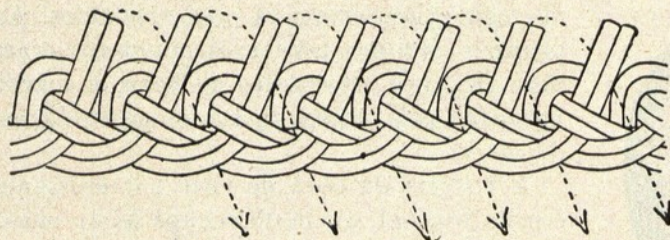


4 — PRIMEIRA VOLTA DA BCRDA

lhas e sementes, o proprio entrecasco da arvore, figuravam entre o numero de productos naturaes que constituiram os seus elementos, e a sua influencia indirecta, assim como a da esteira, sua prima co-irman, é perceptivel em toda e qualquer arte manual ou manufactura textil.

Os mais remotos indicios da arte de cestreiro deparam-se-nos já no sonho do forneiro de Pharaó, já no canastrel de juncos em que a mãe hebréa aninhava o tenro filhinho.

E' factó averiguado empregarem os bretões e outros povos primitivos na confeição de suas canóas a obra de vime, revestindo-as depois com pelles de animaes. E della se valiam aliás na construcção das suas choupanas e ainda na dos proprios palacios dos seus chefes. As tradições das éras mais remotas apontam a existencia de barcos de egual feição, navegando nas aguas do Tibre e do Euphrates, e encontramos-los ainda hoje na India, em alguns rios. Os cafres, os hotentotes, os abexins e

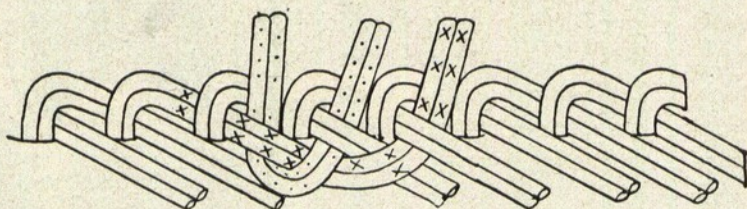


6 — MANEIRA DE ENTRETER AS EXTREMIDADES POR BAIXO DA BORDA

os indios da America são apontados em virtude da sua destreza especial na elaboração de trabalhos de vime; ao passo que os pro-

ductos da mesma especie importados em tão vasta escala assim da China como do Japão testificam amplamente os prodigios que os dedos do homem conseguem realizar.

Esta industria, pois, a mais antiga das industrias caseiras, visto como, já pela maleabilidade do material respectivo já pela facilidade com que este se encontrava á mão, ella era acessivel a um e outro sexo, supposto que posteriormente, conforme tem aliás succedido ás demais, haja constituido um mister especial, voltou, ha annos a esta parte, na onda da propaganda artistica industrial que fez convergir as atenções das classes abastadas para as industrias caseiras, a despertar em seu favor o gosto do amator de Arte. Motivado, porém, pela circumstancia de serem os paizes da zona temperada meridional aquelles que dispõem de materias primas em maior quantidade e apre-



5 — AS DUAS EXTREMIDADES MARCADAS COM CRUZES ENSEINAM A MANEIRA DE PROCEDER Á INSERÇÃO DA SEGUNDA VOLTA

sentando grau superior de ductilidade, é tambem nestes mesmos países onde esta arte manual tem mantido mais subido grau de perfeição.

Cabe ao nosso Portugal papel importante nesta especialidade, e sem que nos detenhâmos a enumerar a immensa variedade de applicações da obra de vime em todo o país, onde, de norte a sul, abunda uma infinidade de fórmulas engenhosas quanto praticas de cestos, canastras, cabazes, açafates e canistreis, conservando através dos seculos a sinceridade e a belleza organica da sua estrutura originaria; abundancia aliás enriquecida por um sem numero de typos exóticos, importados já do Extremo Oriente, já de outras regiões comprehendidas no nosso dominio colonial tão dilatado, e tão judiciosamente adaptados pelo povo aos nossos usos e costumes; restringir-



nos-êmos a chamar a attenção do amator para os productos deste genero fabricados em a nossa ilha da Madeira, os quaes, já pela elegancia, já pela engenhosa quanto sensata applicação do material, tem logrado conquistar no estrangeiro tão geral aceitação.

Mas não se assuste a leitora, é claro que nem por sombras pensâmos em recomendar-lhe quer a obra de vime, quer a chamada obra de verga, tomadas na sua accepção ordinaria: visto que a maioria dos productos de uma e outra, pela sua indole relativamente grosseira e rude, está fóra do alcance das mãos delicadas do amator, e muito mais das da amadora. Taes productos ficarão sendo

aquillo que sempre foram, objectos de uso rural os primeiros, artigos de mobiliario ou de serviço caseiro os segundos, e, em vista da propria indole, entregues exclusivamente á capacidade adquirida do mesteiral. Ha annos a esta parte, comtudo, a obra de cesteiro tem sido posta ao alcance de mãos mais delicadas, graças ao aproveitamento de um material mais maleavel, a cana ou junco da India, um parasita, uma como que enredica que nas florestas desta região se enlaça nos troncos e ramos das arvores, atrependo até ao cocuruto das mais pujantes e alterosas, pendendo depois em caprichosas e graciosis-

simas colgaduras, de elegante folhagem, e attingindo em comprimento proporções descommunes. Emprega-se, consoante o caracter do artefacto a que é destinada, já na sua primitiva fórmula cylindrica, já tendida á máquina em duas metades, ou cortada em tiras, e com diversas grossuras

A confeição de cestinhos, açafates de cana,

ou de junco, e de outros objectos similares e de diversa applicação, tem-se pois generalizado lá fóra entrê amadoras pertencendo ás classes mais distinctas, e entrado pouco a pouco no numero das occupações elegantes, voltando, assim, depois de seculos e seculos, a estabelecer-se nesta industria a judiciosa divi-

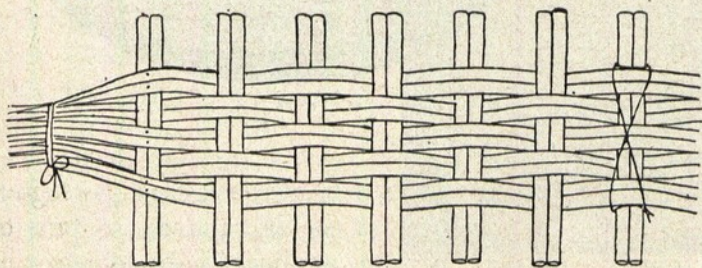
são de trabalho, visto como, ao passo que o homem tomava á sua conta a obra grossa, o telhado da casa, á sebe, o cancelo, as angarelas do carro, o barco, as proprias armas e alfaias de uso pessoal, taes como o broquel, a aljava e o cesto de pesca, a mulher incumbia-se da cestaria de uso caseiro.

Advirta-se, porém, desde já: é trabalho que submete a provas a paciencia e cujos resultados dependem de um certo tirocinio, quando se pretenda attingir a realização de artefactos apresentando absoluta nitidez e regularidade, quer na fórmula quer na textura; é obvio, aliás, accrescerem as difficuldades á proporção de que o artefacto será de sua natureza mais ou menos delicado.

E' de indole singela a technica desta industria manual, e meia duzia de observações de caracter geral, poderão servir de suggestão á amadora intelligente, concorrendo, quando menos, a evitar-lhe o enfado das tentativas effectuadas ao



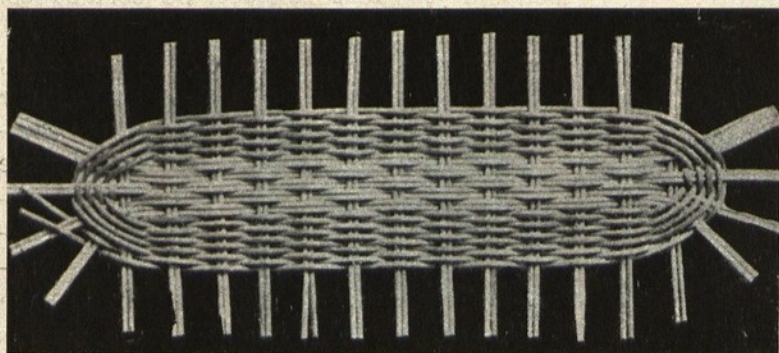
7 — CESTO PARA FRUCTA COM UM LEMMA



8 — SECÇÃO DE UMA BASE OVAL



acaso e, como taes, de resultado incerto; e habilitando-a, talvez, a avaliar a quanto se póde conseguir a poder de perseverança e de boa orientação pratica. Assim, pois, acon-



9 — PORMENORIZAÇÃO DO ENCASTRADO

selhamos a nossa leitora, que não fôr absolutamente leiga no assumpto, visto como no presente caso se torna indispensavel como base uma tal ou qual iniciação, que, ao apprehender as suas tentativas, vá consultando pela ordem numerica em que lh'os apresentamos, os exemplares photographados que se acham reproduzidos em as nossas paginas, e por nós escrupulosamente escolhidos dentre um certo numero delles, por nos parecerem prehencher mais cabalmente o fim proposto, e que os submetta a previa e minuciosa analyse, auxiliando-se de uma lente de desenhista.

Destes, os numeros 1 e 2 são, a nosso vêr, aquelles para que primeiro se deve appellar, pois é obvia a conveniencia em ir graduando progressivamente as difficuldades da elaboração. Poderão seguir-se-lhes os numeros 7 e 8, visto apresentarem uma tal ou qual uniformidade na applicação do processo material, e ainda a faculdade de poderem ser embellezados mediante o processo da encastica — o ferro em brasa, instrumento identico, por assim dizer, ao que funciona na pyrogravura, — com o auxilio do qual se consegue não só variar a côr das tiras de junco, imprimindo por este meio ao artefacto aspecto variegado, senão ainda a applicação de iniciaes, monogramas, letreiros ou lêm-mas, de intenção mais ou menos pratica ou conceituosa, e em harmonia com o destino do objecto fabricado.

Advirta-se, comtudo, que as tiras, chatas, já se vê, que se destinam a esta applica-

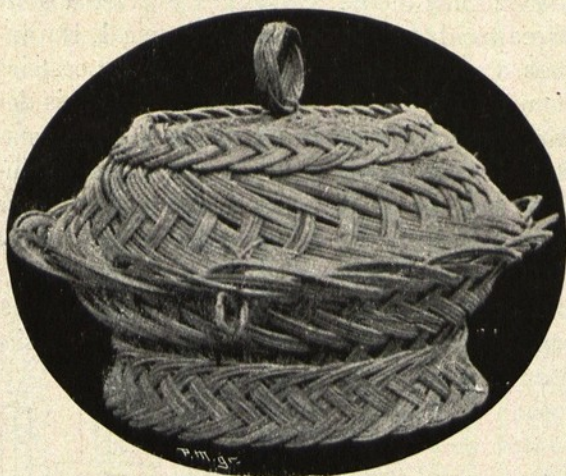
ção, devem ser previamente friccionadas com papel de esmeril, afim de mais efficaizmente se prestarem á acção do ferro candente.

Os diagramas que correspondem aos numeros 4, 5, 6, 8 e 9, indicam claramente os tramites do processo no acto da manipulação do junco, e o modo por que este tem de ser entretecido ou intrinçado.

O numero 10 apresenta a imagem da superficie constituindo o fundo de um canistrel de forma oblonga, e o modo por que é entretecido o junco, ou cana, já cilindrico já de meio relevo.

Os numeros 3, 10 e 12 representam especimes de cestaria da ilha da Madeira, por nós recomendados ás nossas leitoras apenas como exemplos de boa escolha de formas e de adaptação do material não menos judiciousa.

Conforme se poderá verificar nas estampas e diagramas que acompanham este artigo, o enastrado opera-se, já entrecambiando uma a uma as varas ou hastes respectivas, já duas a duas; multiplicando estes numeros em dados casos, como v. g., nas bordas, orlas inferiores, asas de cestinhos ou de cabazes; entremeando, até, afim de conseguir effeitos de mais variedade, as varas cilindri-



10 — AÇAFATE DA ILHA DA MADEIRA

cas, as chatas e as de meia cana. As segundas, sempre, já se vê, quando se haja de appellar para a applicação de letreiros ou enfeites obtidos por crestamento.

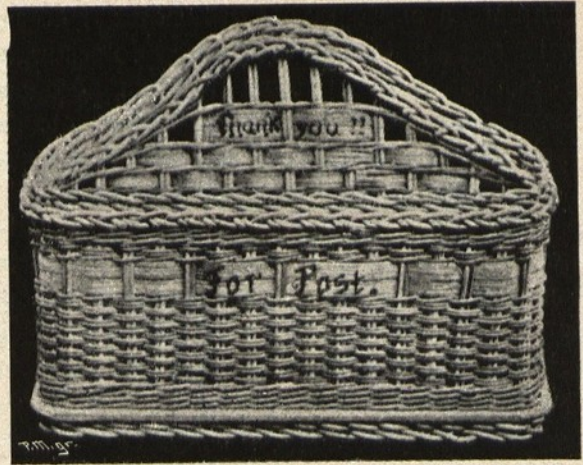


As varas ou hastes de junco, conforme atrás ficou exposto, apresentam diversas grossuras, facultando deste modo ao amator mais um recurso de variedade, existindo aliás algumas muito mais grossas e em troços com menos comprimento, e cuja função de nucleos é a de consolidar o trabalho, já nos fundos, já nos lados das peças com mais profundidade. (V. diagrama 9).

A estampa n.º 14 representa um objecto de caracter mixto, um saquitel ou *indispensavel*, em que se conjugam a seda, ou o veludo, e a cana, ou junco, já cilíndrica já de meio relevo, e dá uma idéa da summa variedade que se pode imprimir a estes productos, pois consentem a applicação de cantos, asas e virólas de metal, doiradura, rendas, estofos, franja, cadilhos de seda ou de lan, contas de metal, missanga, consoante se destinem a adornos de toucador, escritorio, salinha de costura, casa de jantar, ou sejam meramente galanterias e diches para escaparate.

A operação que, ao manipular qualquer peça d'este genero, offerece mais difficuldades ao amator é o entretecer os fundos ou bases, e portanto, nas peças de mais avantajadas dimensões, assim como n'aquellas destinadas a aguentar pêsos, que remedio senão appellar para a intervenção do marceneiro, podendo os fundos ser fabricados de madeiras leves, como por exemplo o pitch-pine, ou a boaça de faia, etc. (V. tableiro reproduzido na estampa 13). O entransado de qualquer superficie plana, obrigando o opifice a operar mantido o artefacto em posição horisontal, é sempre difficiloso, e não pouco, exigindo aliás mão adéstrada por aturada e longa pratica, e o alvitre atrás indicado é pois o meio de poupar ao amator difficuldades pouco menos de insuperaveis.

O entretecido de cana ou junco admite aliás a promiscuidade da palha ou palhinha grossa, de côr, na confeição de objectos de reduzidas dimensões. A madeira que se emprega nos fundos de algumas peças pode ser atintada e lustrada



11 — CANISTREL PARA CORRESPONDENCIA

a verniz de charão, expediente este que terá sempre cabimento em bandejinhas, tableiros e quejandos artefactos.

São estas, pois, as considerações de caracter mais geral e as precauções que cumpre observar no acto de emprender qualquer tarefa da especialidade de que nos occupamos. Acrescentar-lhe-emos meia duzia de direcções technicas deduzidas dos especimes com que illustramos o presente artigo, a saber:

Fig. 1 — Duas varas de junco; cylíndrico, para o entretecido da asa; vinte e quatro (idem) para o corpo do cestinho e para a base. Para estas entremeie-se o junco mais delgado e palha da mais escura.



12 — CABAZINHO DA ILHA DA MADEIRA

Encete-se o trabalho pela confeição da asa. Adelgacem-se as varas de junco respectivas na extensão de uma polegada em ambas extremidades, imergendo-as previamente em agua, durante cinco ou seis minutos, afim de amolecem. Atem-se uma com outra a distancia de duas polegadas de uma das extremidades, e entransem-se, bem apertadas e com a possivel firmeza (quanto mais juntas ficarem mais nitido e perfeito será o aspecto da asa); e em seguida, atem-se pela mesma forma e a igual distancia do extremo opposto. Conjuguem-se as duas extremidades, atem-se, imprimindo ao

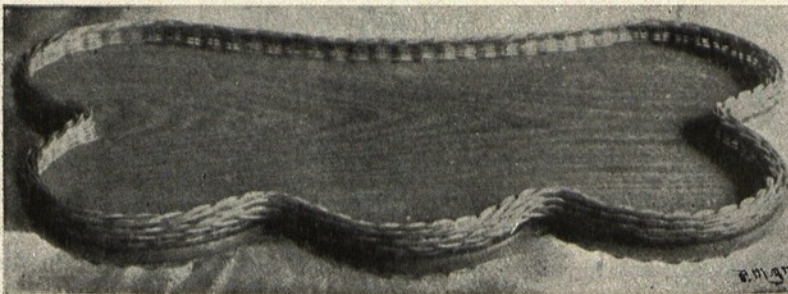


conjunto a curva que se pretende dar á asa, para que ajuste com o diametro do cestinho, e ponham-se a enxugar com um pêso em cima. Entretecido o cestinho, e no acto da inserção da asa, esta apresentará assim menos probabilidades em se desmanchar.

Concorrerá a facilitar a operação o auxilio do *torcedor*, uma como que torquez, com um manipulo e cuja fórma lembra a de um ferro de frisar.

*Urdidura do cesto.* — Enfie-se, em sentido vertical, uma vara em cada buraco ou intervalo do *enastrado da teia*, deixando livres quatro polegadas na parte de baixo, para ligação da orla inferior. Esta deverá ser aplicada simultaneamente.

Atem-se as varas (compridas) conjuntamente, num feixe, acima da base, inverta-se



13 — TABOLEIRO

o cesto e entretecam-se duas tiras duplas, immediatamente abaixo da base, virando as pontas das varas para o lado externo.

*Entransado da orla inferior.* — Vire-se a cada vara no sentido inferior, e para o lado interno, por detrás a primeira, e pela frente a segunda, e aparem-se-lhe as pontas.

A primeira vara deverá ser virada para baixo um quarto de polegada acima do enastrado.

*Confeição da parte superior.* — Meia polegada do entretecido singelo, para o qual se empregarão duas *varas de entretecer*, sendo identico o numero das que representam o *nucleo* ou *teia*.

Uma tira de enastrado triplice; uma dita de palha; outra de enastrado duplo; outra de palha; outra de enastrado triplice; meia polegada de entretecido singelo.

*Orla superior ou borda do cesto.* — Vergue-se no sentido inferior cada uma das *varas de entretecer* por detrás das duas imme-

diatas, deixando as pontas todas viradas para o lado da frente. Estas devem então ser entransadas á feição de orla de remate.

Como, porém, os lados do cesto compoem cada um numero igual de varas, são precisas duas d'estas para estabelecer encaixe para a asa, e cada ponta de cana, ou junco, deverá assumir direcção descendente, acompanhando uma das *varas médias*.

Antes da inserção da asa, afastem-se as duas *varas* e dobrem-se-lhe as pontas, bifurcadas. Deste modo se facilitará a sua inserção no enastrado sem que seja preciso desviá-lo do seu logar.

Enfie-se a ponta de uma *vara de entretecer* pela frente e por detrás, alternando, de duas ou três varas da *teia*, acima, justamente, da borda superior, e enfie-se a ponta mais comprida a par com a das *varas de entretecer* que facultaram a inserção da asa.

A vara que se insere deverá assumir a direcção das outras e a sua inserção operar-se no intervalo que a ladeia, *não se lhe sobrepondo em caso algum*, até que se alcance a outra face do cesto. Ali, insira-se por debaixo da borda, a par ainda com

a primeira mencionada, e a par da immediata. Opere-se a inserção no intervalo seguinte por fórma identica, volte-se com a vara ao ponto de partida, e siga-se inserindo interna e externamente, por baixo da borda, antes de que se apare o comprimento superfluo.

Se o entretecido houver sido effectuado a preceito, em cada intervalo estabelecido pelo enastrado do junco, ficará apparente sem solução de continuidade, e em toda a extensão do objecto fabricado, a *teia*, sem que os junco mais delgados toquem uns nos outros, ou se sobreponham aos mais grossos.

Estas operações devem realizar-se com muito methodo, sem se esticar demasiado o junco, e sem o deslocar da sua direcção systematica, em caso algum. Attendendo, porém, a que a resistencia e a rizeza da vara que entretece e da que representa a teia são identicas, convém vergar a primeira no acto de encetar a operação a fim de facilitar a *urdidura* ou enastrado.



Em caso de que se pretenda doirar alguma parte do junco, ou da madeira do fundo, deverá applicar-se-lhe uma demão de cóla forte, grude, ou verniz; deixá-la enxugar de todo e passá-la depois a lixa de esmeril, antes de se lhe administrar o oiro. Este, convém que esteja perfeitamente enxuto no acto de se proceder á collocação da base, ou fundo do cesto.

Durante esta ultima operação não é raro roçarem-se um tanto ou quanto as arestas da madeira, e isto, por mais cuidado que se empregue; e sendo assim, convirá retocar o oiro, appellando para o processo acima indicado.

As instrucções referentes ao n.º 1 da fig. 1.<sup>a</sup>, tornarão comprehensíveis as variantes respectivas, quer ao n.º 2 da mesma figura quer aos exemplares reproduzidos nas fig. 7 e 11, nos quaes se encontram aliás applicados com mais ou menos uniformidade os processos acima descriptos, cumprindo apenas observar que, no caso de se tornar necessario condensar ou alargar o enastrado ou o entransado, afim de facilitar a inserção da asa, se faça uso de um furador bem aguçado, do typo dos que fazem parte dos utensilios do açafate de costura.

Nos cestos imitando os trabalhos entransados, madeirenses, convém empregar junco do mais delgado, visto como a base fundamental do processo é o *entransado*, effectuando-se este por meio de varas já triplicadas, já quaduplicadas de mesmo junco, ou cana, por isso que nos objectos d'este genero é systematica a

eliminação dos *machos* ou prumos de reforço, dispostas em sentido vertical, e constituindo como que a base do arcaboço, obtendo-se a resistencia do objecto fabricado mediante a solidez do proprio entransado.

Dos nossos diagrammas, o n.º 4 esclarece a fórma por que são insertas as primeiras voltas da borda.

O n.º 5, o modo por que se deve proceder á inserção da segunda volta.

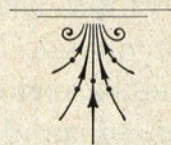
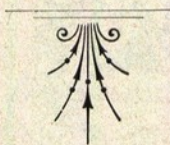
O n.º 6, a maneira pela qual as pontas são enfiadas por baixo da borda.

O cesto, depois de concluido, é susceptivel de ser envernizado, operação que ajudará, não só a consolidar o enastrado mas ainda a realçar o effeito geral do objecto.

E por aqui nos cerramos, pois cremos haver dito o sufficiente sobre o assunto, e quanto comportam, aliás, os limites impostos por esta publicação. E demais, geito de mão, golpe de vista certo são prendas que se não aprendem nos livros, e Deus nos defenda, do perigo de obrigarmos a nossa intelligente e industriosa leitora a dar um nó no lenço, prevenindo assim o maçador da estulticia da sua pretensão de ensinar o Padre-nosso ao vigario: contentêmo-nos, pois, com haver suggerido áquellas das nossas amáveis leitoras, ás quaes não fôr alheia a especialidade, os amplos recursos que poderão encontrar neste meio tão util quanto interessante de occupar as suas horas vagas, e ponhâmos ponto no assunto, lembrando-lhes o velho rifão tão portuguez e tão sensato: «Cesteiro que faz um cesto faz um cento».



14 — SAQUITEL DE MÃO COM REFORÇO DE OBRA DE VIME







## A filha do pescador

**F**RA uma vez um pescador que tinha tres filhas muito bonitas, chamadas Maria, Mauricia e Martha.

Martha era a mais nova e tinha o genio de uma pomba, mas o pae gostava mais das outras duas, e, quando ia á cidade, sempre trazia presentes para ambas, e nunca se lembrava de Martha.

Vae esta disse-lhe um dia:

— O pae nunca me traz da cidade nenhum presente, e lembra-se sempre de minhas irmãs.

— Deixa estar que não te esqueço, a primeira vez que lá fôr. Que queres que traga?

— Uma flôr me basta, respondeu Martha.

— Tão pouco! Pois trago-te uma flôr, descança.

D'ali a dias, o pescador foi á cidade vender o peixe que tinha apanhado, e comprou umas fitas para Maria e Mauricia, mas, conforme o seu costume, não comprou nada para Martha. Quando já vinha a caminho de casa, lembrou-se da promessa, que tinha feito á filha mais nova, ao ver as lindas flôres de um jardim, situado á beira da estrada.

Como não sabia que era encantado aquelle jardim, entrou por elle dentro e foi colher a mais linda de todas as flôres que lá havia.

Vinha sahindo muito surra-teiro, quando sentiu uma voz dizer-lhe:

— Pescador, furtaste a mais linda de todas as minhas flôres.

— Quem me fala? perguntou o pescador, olhando em derredor de si e não vendo ninguém.





— Saberás quem sou quando eu quizer que o saibas, respondeu a mesma voz. Furtaste a mais linda de todas as minhas flôres, e se não me deres em troca a mais linda das tuas filhas, morrerás, e tuas filhas morrerão também.

O pescador bem quiz fugir do jardim encantado, mas, por mais esforços que fizesse, não logrou dar um passo.

Então disse:

— Vou falar ás minhas filhas.

— Pois vae, respondeu a voz. Agora já te podes ir embora.

Quando chegou a casa, deu as fitas a Maria e a Mauricia e a flôr a Martha.

E depois disse-lhes:

— Qual é de vocês a mais bonita?



A SERPENTE APPARECENDO A MARTHA  
NO JARDIM ENCANTADO

— Sou eu! bradou a Mauricia.

— Sou eu! Sou eu! gritou a Maria.

A Martha, por ser modesta, não tinha dito nada.

E o pescador contou o que lhe acontecera no jardim encantado, e, mal acabou de falar, a Maria disse toda lépida:

— Pensando melhor, acho que a mais bonita de nós tres é a Martha.

— Tambem digo o mesmo, acudiu do seu canto a Mauricia.

A Martha, realmente a mais linda, a mais animosa e a de melhor genio das tres filhas do pescador, disse por fim:

— Estou prompta, meu pae, a sacrificar-me, para salvar a sua vida e a vida de minhas irmãs.

Na manhã seguinte o pescador levou a filha mais nova ao jardim encantado, e, quando chegaram ao logar onde na vespera elle tinha apanhado a flôr, deu-lhe um beijo e abalou.

A pobre da rapariguinha desatou a chorar e esteve muito tempo lavada em lagrimas. Por fim cobrou animo, encaminhou-se para o castello e bateu á porta.



Ninguém respondeu, nem veio abrir.

Bateu muitas mais vezes, e como sempre lhe aconteceu o mesmo, voltou para o jardim e poz-se a apanhar flôres.

Quando o sol se escondeu, uma voz disse-lhe:

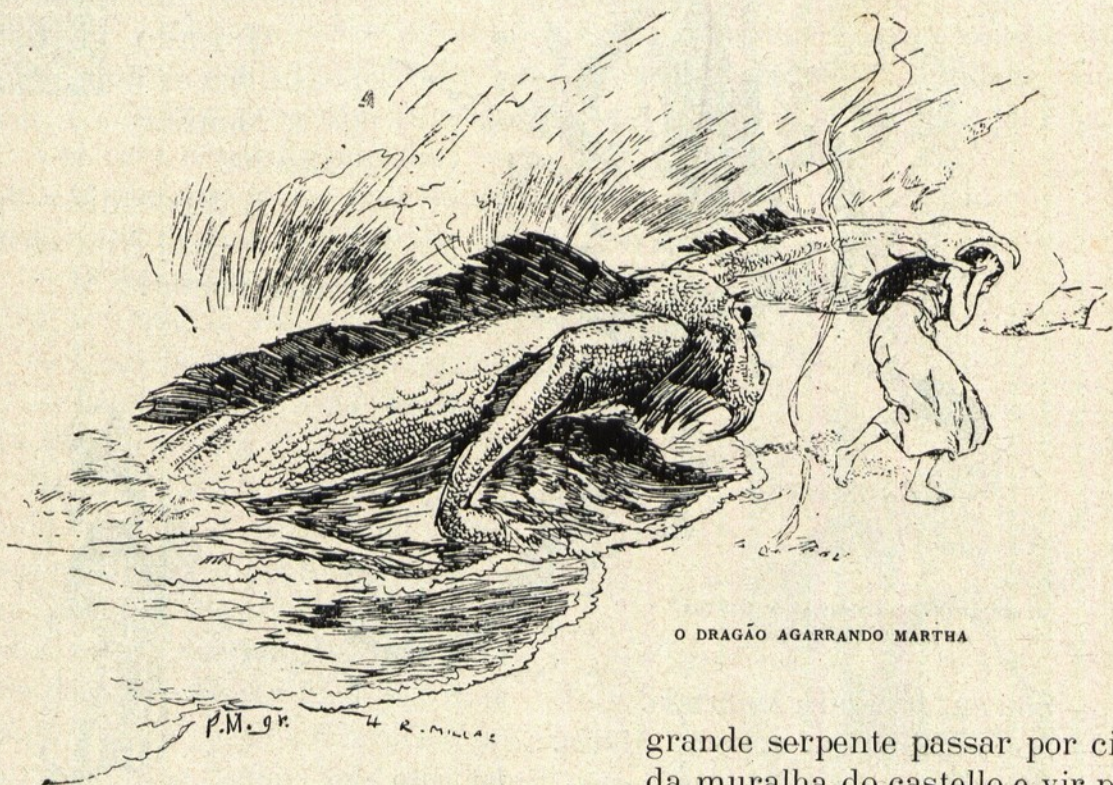
— Apanha as minhas flôres mais lindas. Apanha quantas quizeres.

— Quem me fala? perguntou Martha, olhando á roda de si.

— Se és boa e animosa, tornou-lhe a voz, dize mais uma palavra e eu appareço-te.

— Não tenho medo, respondeu Martha. Aparece!

Mas não poudedeixar de tremer como varas verdes, quando viu uma



O DRAGÃO AGARRANDO MARTHA

grande serpente passar por cima da muralha do castello e vir para ella, rastejando pela rocha e pelo

meio da verdura. Nem assim mesmo pensou em fugir, e perguntou:

— O que me queres?

— Casar comtigo.

— Ai! Não! Não posso, respondeu Martha.

— Pois então vae ter com teu pae e verás o que acontece a toda a tua familia. Teu pae roubou-me a flôr que eu tinha mais linda, e tanto elle como tuas irmãs cahiram debaixo do meu poder.

Era já noite escura quando Martha chegou a casa. O pae estava tão doente, que não poudedizer-lhe uma só palavra, e as duas irmãs gemiam ambas com muitas dôres.

Na manhã seguinte estavam todos tres ainda mais doentes e não se poderam levantar da cama. A' medida que ia passando o tempo, tornavam-se cada vez mais fracos.



— Ai! Deus do céu! disse Martha comsigo mesma. A serpente vae-os matando, por eu lhe ter dito que não. Ainda será tempo de remediar o mal?

Correu logo para o jardim encantado, e logo, que o sol se escondeu, a grande serpente desceu da muralha do castello e veiu ter com Martha.

— Já sabes, meu amor, disse-lhe a serpente, o resultado do que fizeste. Se teimares em não querer casar comigo, teu pae e tuas irmãs morrem esta noite.

— Estou prompta! respondeu a boa rapariguinha.

A serpente conduziu-a até á porta do castello, que se abriu de par em par quando lá chegaram, deixando ver, ao fundo de um corredor muito escuro, uma capellinha cheia de luzes. Já lá estava um padre á espera d'elles, e casou-os immediatamente. Durante a cerimonia, Martha estava a tremer tanto, que só por milagre não cahiu, e nunca levantou do chão os olhos quasi fechados.

No final, ouviu uma voz muito meiga dizer-lhe ao ouvido:

— Não queres, vida minha, olhar para o teu esposo?

Martha levantou os olhos e viu a seu lado um formoso mancebo ricamente vestido. Aos pés tinha a pelle escamosa da serpente.

— Sou eu, sim, meu amor. Casaste com o filho do rei. Com este casamento, restituiste-me á minha fórma propria e livraste-me do poder do Dragão. Durante dois annos o malvado me teve fechado n'este castello, e encantado em serpente. Antes de ir comigo para a côrte, tens que fazer-me outro favor.

— Qual? perguntou Martha, com os olhos a luzirem de amor e alegria.

— Vae á praia que fica deante do castello, leva esta pelle e deita-lhe fogo, deixando-a arder até ao fim. Se ficar um bocadinho por queimar, por muito pequeno que seja, cáio outra vez em poder do Dragão.

Martha foi á beira mar, accendeu uma grande fogueira e atirou-lhe para cima a pelle da serpente. Ao cabo de uma hora, a fogueira apagou-se, ficando entre as cinzas uma flôr muito linda. Martha viu-a e achou-a perfeitamente igual á que o pae colhera no jardim encantado. Levantou-a e pôl-a ao peito.

N'isto lembrou-se de que o marido lhe tinha recommendado que queimasse tudo, mas já era tarde. O Dragão estava de alcateia, e mais veloz do que o raio surdiu das ondas, agarrou em Martha e levou-a para o seu palacio no fundo do mar.

— Sou o Dragão, disse-lhe elle, senhor de todas as aguas que banham o mundo. Para ti, a mais linda e encantadora das donzellas, mandei tecer com raios de sol este vestido côr de ouro! Para ti mandei fazer este diadema de luar! Ouve-me, querida Martha. Amo-te loucamente! Casa comigo e serão teus todos os mares d'este mundo, com todos os thesouros que n'elles se occultam.

— Não posso, respondeu ella. Já estou casada com o filho do rei.

O Dragão, ao ouvir isto, tornou-se azul de raivoso. Mas tinha tanto amor á rapariga, que não lhe fez nenhum mal.

— Pouco importa que já tenhas casado, respondeu elle. Não tarda que me obedeças, mas até lá tenho um meio de impedir que fujas.





MARTHA CAMINHANDO POR CIMA DA ONDA

Mandou vir uma argola de ouro, que foi posta em volta da perna esquerda de Martha e fechada solidamente á força de martelladas. A' argola estava preso um cordão tambem de ouro, mais fino que um cabello e mais rijo que uma barra de ferro, e do comprimento de sete leguas.

— Assim, minha querida Martha, não me podes fugir. Passeia quanto quizeres por cima das aguas, e verás quanto são vastos e opulentos os meus reinos. Serão teus, logo que ca-sares comigo. Quando estiveres cançada do passeio, não tens mais do que cantar:

Depressa, depressa, puxae-me, Dragão,  
Depressa, depressa, puxae o cordão!

e eu puxar-te-hei logo para o meu palacio no fundo do mar.

O palacio do Dragão era o mais lindo que dar-se pode, todo aberto n'um grande crystal muito puro e transparente, e adornado de estatuas de oiro e prata, encontradas dentro de navios que se tinham afundado. A' roda havia um jardim cheio de plantas marinhas, com flôres de

muitos matizes, que espalhavam clarões suaves e phantasticos, enchendo de luz o interior do palacio.

Martha não deu attenção a nenhuma d'estas coisas. Subia até ao lume da agua e ia andando, andando, em busca do jardim encantado.

Não sabia que elle ficava a sete leguas e cem braças do palacio do Dragão. Voltou para oeste e avançou para o mar largo, chegando a perder a terra de vista.

Quando o sol se escondeu, já estava muito cançada e cheia de fome, lembrou-se do que o dragão lhe tinha dito e cantou:

Depressa, depressa, puxae-me, Dragão,  
Depressa, depressa, puxae o cordão!

O Dragão puxou logo pelo cordão de ouro e Martha voltou para o palacio do fundo no mar, onde encontrou um bello jantar á sua espera. O Dra-



gão fazia todo o possível para agradar-lhe. As iguarias eram mais deliciosas que as que figuram na meza dos reis, e os vinhos, muito velhos e dos melhores, tinham sido encontrados na dispensa de navios tragados pelas ondas duranté as tempestades.

Martha viu com prazer que o Dragão não queria vencel-a pela fome. Quanto melhor elle a tratasse, tantas mais occasiões ella teria para lhe fugir.

Ao nascer do sol, principiou a andar outra vez por cima das ondas.

Agora, tomou felizmente para o sul e avistou o castello, que ficava ao pé do jardim encantado. No alto da torre o filho do rei, com a cabeça pendida para o peito, dava mostras de grande afflicção.

— Olhae! disse o escudeiro ao principe. Não vedes aquella formosa donzella, que vem andando por cima das ondas, com um vestido feito de raios de sol e um diadema de luar?

O filho do rei olhou, e, mais pallido que a morte, disse em alta voz:

— Martha! Minha querida Martha!

Ella bem quiz acercar-se do castello, mas como o cordão de ouro que lhe prendia o pé não tinha o comprimento bastante, ainda ficou cem braças longe da costa.

E então cantou:

Dragão despiedoso retém-me captiva  
Em lindo palacio no fundo do mar.  
Se quer's que a teus braços eu torne inda viva,  
Cordão de ouro fino precisas cortar.

E, depois de se esconder o sol, cantou outra vez:

Depressa, depressa, puxae-me, Dragão,  
Depressa, depressa, puxae o cordão!

E o principe levou toda aquella noite a rezar na capella em que se tinha casado com Martha, e de manhã afiou a sua espada mais forte, apparelhou o seu cavallo mais veloz e galopou direito á beira mar. Accendeu uma grande fogueira e ficou esperando.

A'quella mesma hora acordou Martha e disse ao Dragão:

— Adeus! Vou dar um passeio sobre as ondas. Quando estiver cançada, cantarei como de costume:

Depressa, depressa, puxae-me, Dragão,  
Depressa, depressa, puxae o cordão!

E Martha foi deslizando por cima das aguas, com o vestido de raios de sol e o diadema de luar, levando ao peito a flôr que se esquecera de queimar na fogueira.

Quando o principe a avistou muito ao longe, desembainhou a espada forte e cõtante.

A cem braças da praia, Martha foi obrigada a parar.



E então o príncipe, mettendo esporas ao cavallo, entrou a galope desfechado pelo mar dentro, agarrou Martha, cortou o cordão de ouro com uma só cutilada e voltou para terra.

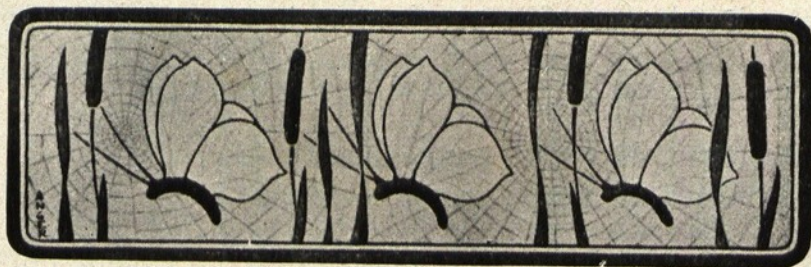
Mas o Dragão não estava a dormir. Sentiu cortarem o cordão de ouro, deu um grande salto, fazendo as ondas ferver em cachão, como se houvesse um grande temporal, e correu atravez do mar, mais veloz do que um corisco.

Foi tudo em vão. Quando chegou ao pé da costa, já o príncipe estava em terra, tendo Martha ao seu lado, livre de todo o perigo.

Tinha-se levantado vento forte e atçou o lume da fogueira, que o príncipe accendera na praia. Martha arrancou do peito a flôr e atirou-a para lá. Assim que a flôr acabou de queimar-se, o Dragão perdeu todo o poder e afundou-se nas aguas, indo ter ao seu palacio no fundo do mar, d'onde nunca mais se atreveu a sahir.

Martha e o filho do rei, muito felizes e socegados, ficaram vivendo no castello, e desciam muitas vezes ao jardim, onde já podiam sem perigo apanhar as flôres que lhes appeteciam.

N'um canto do jardim, mandou o príncipe levantar uma casa muito bonita e deu-a ao pescador. Ali morou o pobre do homem até muito velho, em companhia das outras duas filhas, que vieram a casar com dois fidalgos da côrte, quando o príncipe, por morte do pae, subiu ao throno.



## Pensamentos

### DITAS:

Amár, por outro amor correspondido,  
É na vida o mais casto amanhecêr:  
É amár ao luár todo escondido —  
Amár alguém sem mais ninguém sabêr...

### DESDITAS:

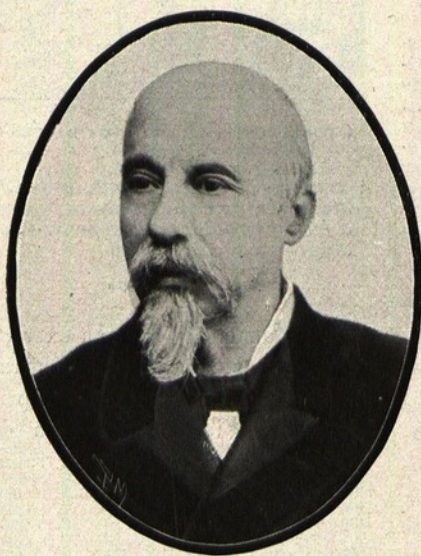
Amár não sendo amado é desditoso,  
É viver sem amár é não viver...  
Mas, acima de tudo, acho horrorôso —  
Amar alguém sem esse alguém sabêr!...

*Carlos Affonso dos Santos.*





## Grandes topicos



JOSÉ DIAS FERREIRA

*Antigo presidente do conselho, fallecido em setembro*

**Socialismo e anti-militarismo** Poucos dias depois de concluir os seus trabalhos o congresso de Stuttgart, reuniu-se em Essen o congresso dos socialistas allemães. E, como era natural, veio á baila a questão do anti-militarismo, interpretando-se a ordem do dia votada em Stuttgart de diferentes maneiras, pois houve quem chegasse a considerá-la a uma victoria para Hervé.

A lucta travou-se em volta de uma moção de censura ao deputado Noske, que fizera o elogio do patriotismo, declarando no parlamento que os socialistas não abandonariam a patria quando ella estivesse em perigo, estando pelo con-

trario, dispostos a cumprir com o seu dever de bons patriotas.

Os anti-militaristas foram de opinião que este discurso devia ser censurado publicamente, e que se tornava necessario declarar alto e bom som que Noske fallara apenas em seu nome, não traduzindo as suas palavras o modo de sentir da social-democracia.

Bebel e Wollmar intervieram no debate a favor de Noske, e durante largo tempo a assembléa esteve entregue a uma especiosa discussão, pretendendo alguns oradores estabelecer differença entre guerra ofensiva e defensiva, como se fosse possivel, quando surge um conflicto armado, distinguir immediatamente de que

lado partiu a aggressão e dirigir o sentimento nacional no sentido de uma apreciação feita ao acaso.

Por fim, a censura a Noske foi rejeitada por enorme maioria. É claro que, por esse facto, a social-democracia allemã não condemnou o anti-militarismo, mas recusou-se a censurar os socialistas patriotas e a contestar-lhes o direito de affirma-

rem o seu patriotismo em nome das massas socialistas.

Prova isto á evidencia que, comquanto não se pronunciem sobre o principio, os socialistas allemães não seguirão o conselho dos anti-militaristas em caso de guerra, isto é, promover a deserção em massa dos soldados, quando o inimigo marche contra elles.

Em Marrocos

**A** DESTRUIÇÃO do acampamento de Taddert, a

mais importante operação realisada pelas tropas francezas em Marrocos, parece ter quebrantado bastante o animo das kabilas revoltosas, pois muitas d'ellas apressaram-se logo a enviar delegados ao general Drude, offerecendo-lhe a sua submissão. As condições impostas pelo general, a



O PACTO FRANCO-JAPONÊZ

*Deixando o Kaiser ao desamparo*

*«Do Philadelphia Juquirer»*



princípio mal recebidas pela sua dureza, foram, depois de alguns dias de hesitação, aceites pelo maior numero, e assim, n'uma faixa de terreno de mais de trinta kilometros em torno de Casa Branca, a pacificação é completa ha cerca de um mez.

Resta em armas uma insignifi-

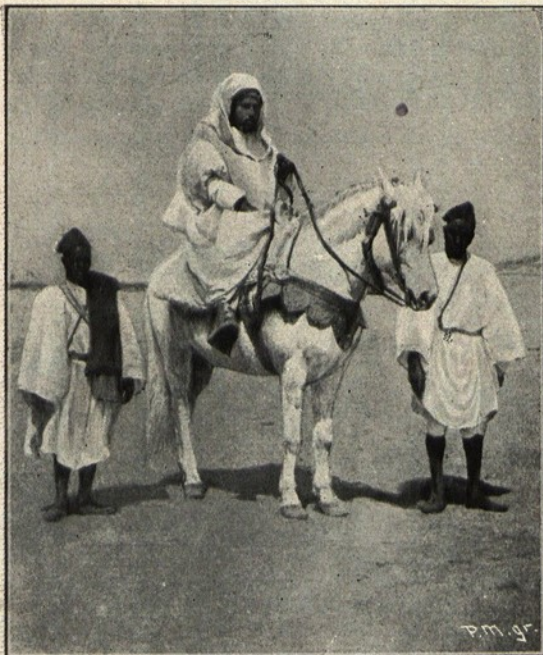


OUTRO SYMPTOMA DE PAZ

Como se realiza a «penetração pacifica» em Marrocos

Do «Lustige Blätter»

cante minoria. Nem por isso, todavia, a situação dos europeus em Marrocos é tranquillizadora, pois a caminho de Casa Branca e d'outros centros por elles habitados vem ainda bastantes kabilas do interior



MULEY-HAFID

Novo sultão de Marrocos, proclamado em Marrakech



TRES PHASES DA CONSTITUIÇÃO RUSSA

Era uma vez um cossaco que se arrependeu dos seus peccados autocraticos. Resolveu, pois, como signal de remorso, andar com o cavallo ás costas. Mas, como o peso o ajoujava muito, decidiu-se a leval-o pela redea. Por fim, acabará por saltar para a sella e chicotear o cavallo á valentona. (Os tres cavallos são respectivamente a primeira, a segunda e a terceira Duma).

Do «Ulke»

dispostas a socorrerem os seus compatriotas, cuja submissão muitas d'ellas desconhecem. Qual será a sua attitude ao chegarem ás portas da Casa Branca e ao terem conhecimento da situação? Vel-o-hemos em breve. Entretanto, o que realmente causa serias apprehensões é a situação creada pela proclamação de Muley Hafid. O novo imperador continúa activando os preparativos para ir atacar Abd-el Aziz e desthronal-o. N'outra qualquer ocasião este facto, assim como as suas consequencias, seriam para a Europa quasi indiferentes. Agora, porém, que os europeus se encontram em lueta com as kabilas fanaticas, tanto uns como outros nos merecem toda a atenção e nos obrigam a tomar as maiores precauções.

A mão d'obra amarella **D**EPOIS dos Estados Unidos, o Canadá. Ainda o incidente de S. Francisco não está perfeitamente regulado, e já um outro do mesmo genero surgiu em Vancouver, onde, ha cerca de um



A CONFERENCIA DE PAZ E OS BALÕES DE GUERRA

A conferencia decidiu que, antes de atirar explosivos das nuvens, os que dirigem os balões peçam perdão aos desgraçados cá de baixo

Do «Pasquino»

mez, a população indigena exerceu as maiores violencias sobre os trabalhadores japonezes. Como o primeiro, este incidente resulta da temivel concorrência que os trabalhadores amarells estão fazendo aos brancos, e assim é que, poucos dias depois de elle se produzir, o Congresso das Trades Unions do Canadá, votava uma proposta convidando o governo canadiano a pedir á Inglaterra a revogação do tratado



INSTRUÇÕES DA DIPLOMACIA PARA A CONFERENCIA DE HAYA

DAMA DIPLOMACIA — Vá meninos, brinquem, á vontade, mas nada de tomar cousa nenhuma a serio

Do «Fischietto»





IDEIA PIEDOSA

O PAPA PIO X (respondendo ao pedido de se corrigir o Index dos livros prohibidos). — Que parece a Vossa Eminencia? Poder-se-ha dar finalmente liberdade aos pobres autores? São capazes de morrer de fome, se não se permittir a ninguem a leitura das suas obras. (As obras de que se trata estão sobre a meza. São livros de Gøte, Kaut, Schiller, Schopenhauer e Shakespeare).

Do «New Gluhlichter»

com o Japão, pelo qual os japonezes são auctorisados a estabelecer-se no Canadá.

E' claro que o governo inglez não pôde satisfazer esse pedido, porque decerto não quer comprometer a sua aliança com o Japão. Mas tambem não é menos certo que a questão da concorrência da mão d'obra asiatica

é muito seria para a Inglaterra, e que ella precisa resolvel-a sem demora, o que lhe é tanto mais difficil quanto tem para isso de conciliar os interesses das suas differentes colonias.

Os protestos que se elevam na Africa do Sul, na Australia e no Canadá contra a mão d'obra amarella, não visam apenas os chinezes e os japonezes, mas ainda os hindús. De maneira que para satisfazer os protestantes, haveria necessidade de impedir a subditos inglezes a livre circulação em todo o imperio britannico, o que é inadmissivel.

Por ora, o governo inglez não terá

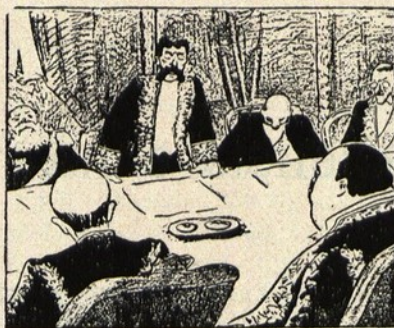


O IMPERADOR GUILHERME E MARROCOS

A ESPHINGE GERMANICA (aos feridos francezes e hespanhoes) — Assim, rapazes! Em vocês acabando, cá estou eu!

Do «Pasquino»

grande difficuldade em resistir a esse movimento a favor da protecção systematica da mão d'obra branca, mas se elles e accentuar e conseguir a adhesão dos governos das colonias autonomas, a situação tornar-se-ha extremamente grave, dadas as tendencias separatistas que n'uma ou n'outras d'essas colonias já se manifestam.



PRENUNCIOS DE DESARMAMENTO

«Meus senhores, a nossa conferencia não se reunirá em vão. Tenho o gosto de os informar que, assim de dar o exemplo do desarmamento, a republica de San Marino resolveu encieniar metade dos dezeseis homens do seu exercito.

De «Le Rire»



OS ACONTECIMENTOS DA CORÉA

Entrada do palacio imperial de Seul. O Marquez Ito dirigindo-se para o palacio imperial



A igreja e o modernismo **C**OMO complemento do segundo Syllabus, o papa fez publicar ultimamente uma encyclica contra o modernismo.

N'esse documento, que é bastante extenso, o pontifice analysa detidamente o desenvolvimento d'essa nova theologia, segundo a qual os phenomenos historicos em que apparece a intervenção divina, devem ser cuidadosamente decompostos; tudo o que é divino deve ser separado da historia e da sciencia, distinguindo-se assim o Christo da fé do Christo da historia, os Sacramentos da fé dos Sacramentos da historia,

a Igreja da fé da Igreja da historia: em resumo, o que ha de real e firme na fé é o sentimento que a constitue; tudo o mais está submettido á lei da evolução. Ora isto, que, diz a encyclica, deturpa a historia religiosa, resulta de duas causas moraes: a curiosidade e o orgulho, e uma causa intellectual: a ignorancia da philosophia escolastica, que priva o modernista dos elementos necessarios para separar os sophismas e os erros modernos.

Contra esses males, o pontifice determina o seguinte:

1.º — Ensino da philosophia e da theologia escolasticas em todos os

seminarios e universidades catholicas.

2.º — Os modernistas devem ser afastados da direcção e do ensino nos mesmos estabelecimentos.

3.º — Os bispos devem afastar o clero e os fieis da imprensa modernista.

4.º — Será instituido um tribunal de censores em cada diocese para a revisão das publicações catholicas.

5.º — Proibir-se-hão os congressos ecclesiasticos, salvo muito raras excepções.

6.º — Crear-se-ha em cada diocese um conselho de vigilancia contra a difusão dos erros modernos.

## Vida na sciencia e na industria

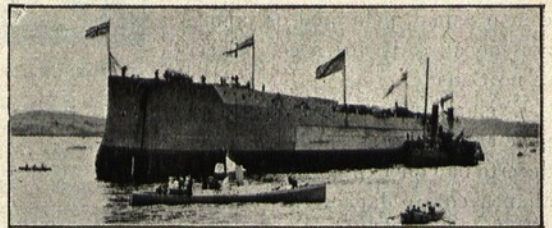
O okapi **A**PRESENTAMOS A photographia d'este interessante exemplar zoologico que só ha cousa de cinco mezes pôde ser observado e estudado por um homem branco. Nenhum caçador ou naturalista tinha ainda conseguido captural-o vivo ou prostral-o a tiro. Um mestiço portuguez, creado do explorador Boyd Alexander, ao qual nos referimos n'um dos numeros anteriores dos *Serões*, perseguiu durante dois dias um d'estes ani-



O OKAPI

maes no rio Evelle, perto do ponto onde se apanhou o que reproduzimos. Colhido n'uma armadilha, foi azagayado pelos indigenas. A timidez do okapi, a sua raridade e o afastamento dos sertões do Congo, são as razões da difficuldade de o capturar. Este tinha apenas um anno de idade, e cerca de um metro na maior altura. Depois de algumas semanas de captiveiro, morreu. É difficil encontrar alimentos que se adaptem ao seu paladar. O okapi é aparentado com a girafa, é uma especie zoologica distincta e não, como vulgarmente se pretende, um hybrido da zebra e do antilope.

O mais possante navio do mundo **O**s inglezes continuam a manter a supremacia na grandeza das suas construcções navaes. A 24 de agosto foi lançado em Devonport o couraçado *Temeraire*, o qual tem 490 pés (163 metros) de comprido e 82 pés (mais de 27 metros) de boca maxima. A ve-



LANÇAMENTO DO COURAÇADO «TEMERAIRE»

locidade deve ser de 21 milhas por hora. O principal armamento consiste em dez peças de 12 pollegadas de calibre 4,5, a arma mais poderosa que se tem usado a bordo.

E' o quarto navio de guerra do mesmo nome na marinha ingleza, ciosa das suas tradicções.

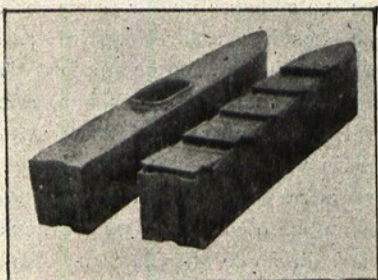
O primeiro foi capturado aos francezes em 1694. O segundo foi igualmente capturado aos francezes em 1759 em Gibraltar. O terceiro e mais famoso figurou em Trafalgar e teve a honra de servir de assumpto a um quadro de Turner. O ultimo tomou parte no bombardeamento de Alexandria.

Para andar sobre a agua **O**sr. Oldfield, americano, inventou uns sapatos com os quaes espera atravess-



sar este verão o mar da Mancha.

Cada sapato consta de uma caixa de madeira de 1<sup>m</sup>,30 de comprimento por 0<sup>m</sup>,50 de alto e 0<sup>m</sup>,33 de largo. Na sola tem quatro planos que permitem resvalar sobre a superfície da água. Os sapatos prendem-se aos pés por um processo semelhante ao dos patins, introduzindo-se o pé por um buraco no topo com uma cobertura de borracha. Pesa cada um cinco arrateis. O inventor já fez uma excursão de Cincinnati a New-Orleans, que durou 41 dias, mais 24 do que elle calculava.



SAPATOS PARA ANDAR SOBRE A AGUA

Os sapatos prendem-se aos pés por um processo semelhante ao dos patins, introduzindo-se o pé por um buraco no topo com uma cobertura de borracha. Pesa cada um cinco arrateis. O inventor já fez uma excursão de Cincinnati a New-Orleans, que durou 41 dias, mais 24 do que elle calculava.

O maior diamante do mundo **P**OR proposta do general Botha, o parlamento transvaaliano determinou a compra do monstruoso diamante *Cullinan*, para se dar de presente ao rei de Inglaterra. Este diamante é 29 vezes maior do que o Koh-i-noor, apesar de se reconhecer que está partido, visto que pouco conserva da primitiva superfície exterior. O seu valor é calculado em um milhão de libras, e custou approximadamente 10:000 libras o trabalho de o facetar. Na figura junta se pode confrontar o seu tamanho com o dos mais notaveis do mundo.

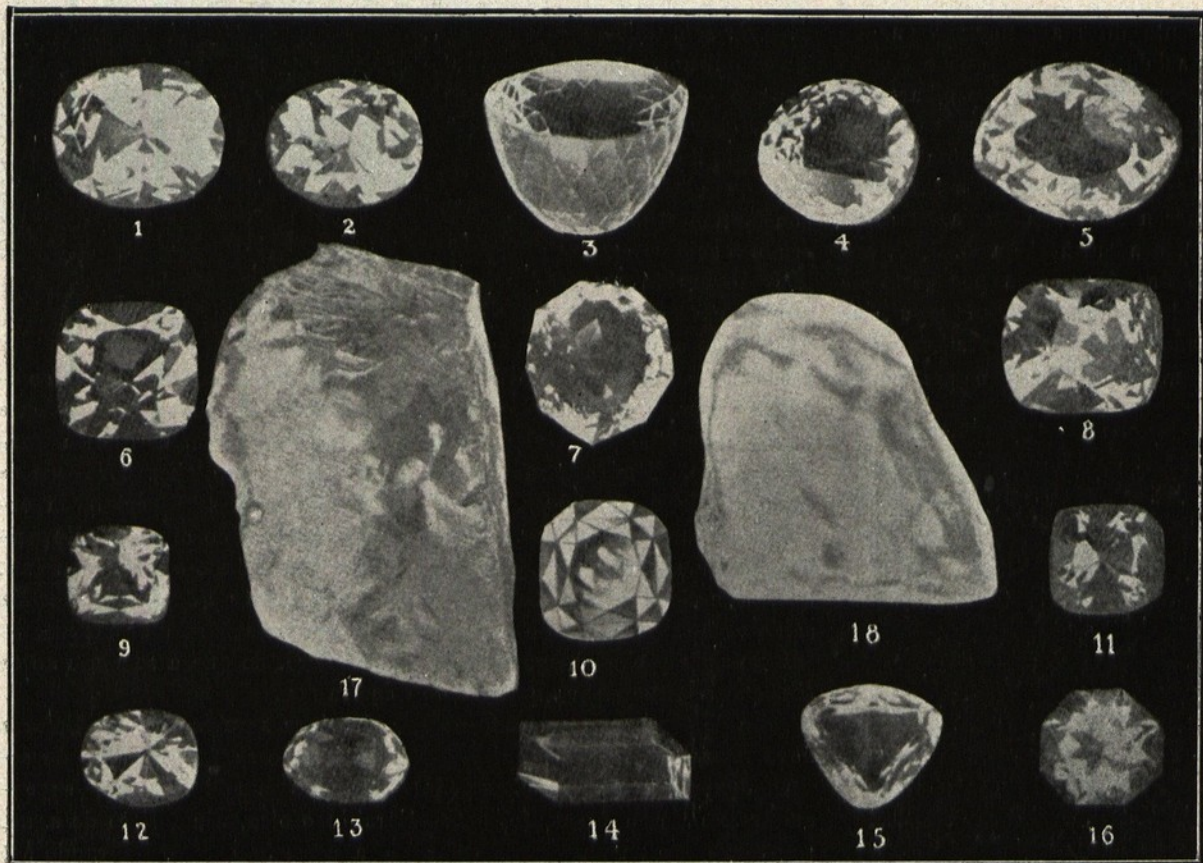
Eis o indice d'elles:

- 1 — *Koh-i-noor*, depois da segunda lapidação, 106 <sup>1</sup>/<sub>16</sub> quilates;
- 2 — *Loterie d'Angleterre*, 49 q.;
- 3 — *Grão Mogol*, 279 <sup>3</sup>/<sub>16</sub> q.;
- 4 — *Orloff*, 194 <sup>3</sup>/<sub>4</sub> q.;
- 5 — *Koh-i-noor*, depois da primeira lapidação, 279 q.;
- 6 — *Regente*, 136 <sup>3</sup>/<sub>4</sub> q.;
- 7 — *Grão-duque de Toscana*, 133,16 q.;
- 8 — *Étoile du Sud*, 124 q.;
- 9 — *Étoile Polaire*, 40 q.;
- 10 — Diamante amarello *Teffany*, 125 q.;

- 11 — Diamante azul de Inglaterra, 44 <sup>1</sup>/<sub>4</sub> q.;
- 12 — *Sancy*, 53 <sup>1</sup>/<sub>2</sub> q.;
- 13 — *Impératrice Eugénie*, 51 q.;
- 14 — *Shah*, 86 q.;
- 15 — *Nassak*, 78 <sup>5</sup>/<sub>8</sub> q.;
- 16 — *Pachá do Egypto*, 40 q.;
- 17 — Grande Diamante *Cullinan*, 3025 <sup>1</sup>/<sub>2</sub> q.;
- 18 — Diamante *Teffany*, 969 q.

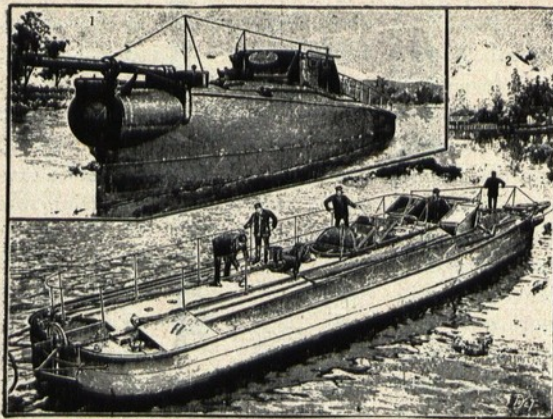
Torpedeiro automovel **A** VEGETA lança-torpedos, inventada pelo engenheiro francez Récopé, tem o casco de aço de 2 mm. de espessura e mede 17 metros de comprimento. Tem dois motores de explosão da força total de 150 cavallos, systema Cazes, de quatro cylindros, de 900 rotações, consumindo petroleo. O helice reversivel, systema Krebs, permite simplificar muito os órgãos de transmissão e mudança de velocidade. A' prôa fica o tubo lança-torpedos.

O torpedo pesa 450 gr. e contém uma carga de 100 kg. de explosivo, com a velocidade inicial de 30 milhas. O torpedeiro tem a velocidade de 16 milhas, e o seu raio de acção excede 100 milhas maritimas. Com



OS DIAMANTES MAIS NOTAVEIS DO MUNDO





TORPEDEIRO AUTOMOVEL FRANCEZ

as capotas fechadas, a vedeta é quasi invisivel a certa distancia, e as suas exiguas dimensões permitem o transporte em grandes couçados. A appareição d'este novo engenho de combate, devido ao automobilismo, pode ser o primeiro passo de uma seria evolução, talvez até de uma revolução, na marinha de guerra.

Prezas gigantescas de elephante **A** SOCIEDADE Zoologica de Nova York, recebeu o presente do mais notavel par de prezas de elephante, que o mundo moderno tem visto. Ao olhar para ellas, custa a crer que não provenham de algum mammoth gigantesco de extinctas eras. A preza esquerda mede na curva cerca de 3<sup>m</sup>80, e a outra cerca de 3,60, e o peso das duas anda por perto de 140 kilogrammas. Em geral, as grandes prezas de elephantes vivos são muito espessas e um pouco



PREZAS DE ELEPHANTE GIGANTESCO

cidade, a quem elle as offereceu-

Para **E**XPERIMENTOS mineiros TOU-SE em Inglaterra um novo aparelho contra a acção dos gazes deleterios. Às costas do mineiro prendem-se dois cylindros de oxygenio que lhe permitem respirar sem tubo de ar ou outra communição com a base das operações. O principio do aparelho é que elle respira constantemente o ar, sendo o acido carbonico absorvido depois de cada expiração e o oxygenio renovado automaticamente. Tambem se fizeram experiencias de um novo aparelho salva-vidas para submarinos. Tem a fórma de um capacete de mergulhador, que se pode collocar n'um minuto, em caso de desastre, no submarino. O ar tambem se usa continuamente, sendo o acido carbonico absorvido por uma substancia especial chamada *oxylithe*, que restitue ao ar a quantidade precisa de oxygenio, tornando-o de novo respiravel.

Qualquer d'estes aparelhos póde evitar grandes e frequentes catastrophes, tanto na navegação como nas minas, e é por isso de utilidade indiscutivel.

rectilineas. Os caracteres do par a que nos referimos, são a sua symetria e bella curvatura. Pertenciam recentemente ao rei Menelik da Abyssinia, que presenteou com ellas um official europeu. Foram depois vendidas por este, e chegaram mais tarde ás mãos de um dos membros d'aquella so-

Contra o rachitismo das creanças. **A**FFIRMAM auctoridades scientificas, que o tratamento do rachitismo e perturbações conjugadas de nutrição, depende da regularisação da dieta, das condições hygienicas e de um medicamento, o phosphoro. Este é activo sómente na fórma elementar de phosphoro amarello. Ministra-se dissolvido em oleo de figado de bacalhau. Todavia o phosphoro amarello elementar é um dos venenos mais violentos que se conhecem, e registram-se casos fataes de envenenamento com as doses ordinarias de solução de phosphoro no oleo de



APARELHO PARA MINEIROS

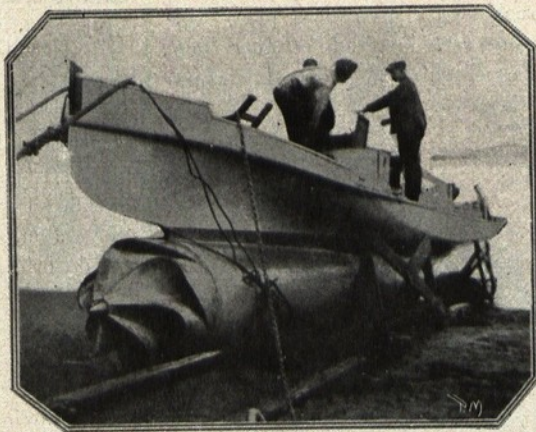
figado de bacalhau. Descobriu comtudo o Dr. Manchot que a semente de linhaça contém uma alta percentagem d'esse phosphoro que se pode misturar sem perigo. Libertou a semente do oleo que ella continha extrahindo-o com benzina, e achou que o residuo comprehendia uma percentagem maior de peso, em phosphoro, do que a semente antes de tratada.

Prepara-se uma sopa de linhaça misturando-se 10 grammas de semente esmagada da qual se extrahiu o oleo, n'um litro de agua, e aquecendo-a a fogo brando até que a quantidade de liquido se reduza á quarta parte. Não se deve



deixar ferver. O liquido passe-se então por uma peneira fina e o residuo é comprimido com uma colher de pau, e por fim filtra-se por um panno fino ou por um papel filtro. O Dr. Mauchot dá de 3 a 5 centilitros d'este sopa ás creanças, conforme a idade, misturando-a com os alimentos. Dois ou tres dias depois de tomarem esta sopa sem mudança de dieta, o peso começa a augmentar, e dentro de uma semana melhora o aspecto das creanças; desaparece a pallidez, as faces tornam-se rosadas, e os musculos rijos.

Um barco **T**YPHONOIDE foi o de invenção recente nome dado pelo francez Mr. André Gambin a um curioso barco de sua invenção. A propulsão é feita por laminas dispostas em especial em torno de uma haste, a qual gira dentro de um cylindro. E' uma modificação do parafuso de Archimedes, tendo o comprimento da quilha. Affirma o inventor que o seu aparelho attingin velocidade superior a quarenta milhas por hora, e espera chegar ás sessenta.



O TYPHONOIDE

Vigas compositas **U**MA idéa, nova apresentada por uma casa febril de Wernier. Ligam-se a alta pressão, por meio de uma especie de colla refractaria á agua, peças de madeira tenra; e obteem-se por esta fórma vigas e a que se attribue uma resistencia surprehendente. O preço d'essas vigas por metro cubico excede uns 7 a 8 por cento o das vigas ordinarias; umas podem-se reduzir notavelmente as dimensões transversaes, e chega-se por fim a uma economia de 10 por cento. Uma porção de madeiros assim associados apresentam-se sob uma certa curvatura, e além d'isso um processo especial elimina as substancias albuminoides das madeirasempregadas. As juntas colladas

resistem perfeitamente aos esforços de escorregamento, e a ruptura ou ainda a flexão produzem-se apenas em condições excepcionaes.

Os jacarés **E'** opinião de alguns competentes na materia, que os jacarés não tardarão a extinguir-se nos Estados Unidos, se não se adoptarem urgentes medidas de protecção. Calcula uma autoridade que em 1890 a população de jacarés no Texas, na Luisianie, e em outros estados do Golfo do Mexico, subia a uns 50 milhões de individuos. De então para cá, tem soffrido uma exterminação terrivel, para o aproveitamento das crostas, a ponto que restam hoje apenas alguns milhares. São já tão

raros que se julgou conveniente estabelecer em muitos sitios grandes viveiros, afim de abastecer os mercados, em vista de ter sido sempre impossivel satisfazer a procura de crostas de jacarés.

Pretendem os tratadores que os animaes se domesticam com facilidade, e que até podem ser treçados a tomar conta de creanças pequenas.

Machina **D**ESDE 1876, que o que resuscita sabio americano Poe, experimenta o processo de revocar á vida, animaes asphyxiados ou envenenados pela introducção do oxigenio nos pulmões, e trata agora de o applicar á raça humana. O aparelho que elle usa, imita a configuração

anatomica do aparelho respiratorio. Compõe-se de dois pequenos cylindros que communicam por meio de tubos com as ventas ou bocca do pseudo-morto, entrando n'um dos cylindros oxygenio e descarregando o outro directamente para a atmosphaera. Dentro d'elles trabalham embolos, cujo movimento é regulado pelos movimentos normaes da respiração. Assim, alternadamente, extrahem-se dos pulmões os gazes delecterios para um dos cylindros e introduz-se n'elles o oxygenio do outro.

Muitas experiencias se tem feito com magnifico resultado, deante de auctoridades scientificas. Uma das mais notaveis foi sobre um coelho, ao qual se injectaram dois grãos de morphina e em seguida se deram quatro onças de ether. Declarado morto e sujeito ao aparelho, d'ahi a tres minutos respirava normalmente, e d'ahi a seis corria pela casa. Outra foi de um cão mettido durante quarenta minutos em gaz acetylene, um dos venenos gazosos mais mortiferos, e revivido em breve prazo sem manifestar qualquer damno.

Este invento tem um grande alcance, para evitar a asphyxia, a estrangulação por fraqueza dos orgãos respiratorios, para eliminar o perigo dos anesthetics em fortes doses, etc. O aparelho, simples e barato, dentro em breve estará em todos os hospitaes e postos de salvação.

QUANTAS pessoas, padecendo de uma bronchite chronica, perderam a esperanza de se curar! É porque ignoram que o *xarope de hypophosphito de soda* de Swann (Dr. Churchill) é o melhor remedio para aquella enfermidade e que produz effeito ainda nos casos em que todos os outros se mallogram. Experiencia de larguissimos annos tem-n'o indicado como gozando da immensa vantagem de impedir que a doença degenerere em tuberculose. É o unico medicamento do genero que offerece estes beneficios.

O seu deposito é na pharmacia Swann, 13, rue Castiglione, Paris, e encontra-se á venda em todas as pharmacias.



## Vida na arte



SULLY-PRUDHOMME

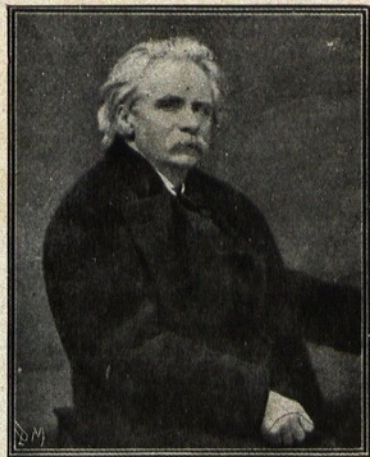
**O** GRANDE poeta francez falleceu subitamente a 7 de setembro, de uma syncope, andando a passear na sua propriedade de Chatenay. Nasceu ha perto de setenta annos em Paris, e começara a sua vida como empregado no estabelecimento do Creusot, d'onde sahiu para entrar n'um escriptorio de tabellião. O seu primeiro volume de versos, *Stances et Poèmes*, publicado em 1865, valeu-lhe os louvores do proprio Sainte-Beuve. Pouco depois adquiriu uma pequena fortuna, e dedicou-se á poesia, á mathematica e á philosophia, entrando em 1881 na Academia Franceza. Ha seis annos recebeu o premio Nobel de litteratura. Poeta de delicada phantasia, mestre da lingua, e musico da palavra, Sully-Prudhomme mereceu todos os louvores e honras, que ainda ha mezes se accentuaram na celebração do seu jubileu como Academico.

**E**duardo Grieg **C**OM sessenta e quatro annos de idade, morreu em Bergen, a 4 de se-

tembro, o famoso compositor norueguez, Eduardo Grieg.

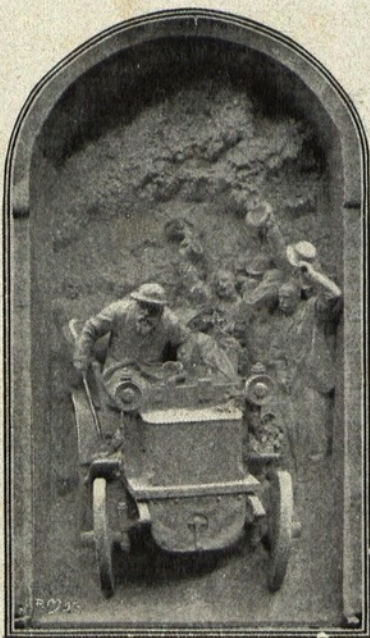
Recebera em Leipsig a sua educação musical. A sua obra pode-se dizer que era a mais perfeita expressão do genio scandinavo na musica.

Ha quem lhe chame o Chopin do Norte, e com effeito a delicadeza e originalidade da sua inspiração aproximam-n'o do grande compositor polaco. Apreciava-o muito o imperador da Allemanha, que se fez representar no seu funeral. A sua obra é bem conhecida pelos pianistas de todo o mundo, sobretudo os trechos curtos, entre os quaes avultam a *suite* inspirada no *Peer Gynt*, a extraordinaria phantasia dramatica de Ibsen.



EDVARD GRIEG

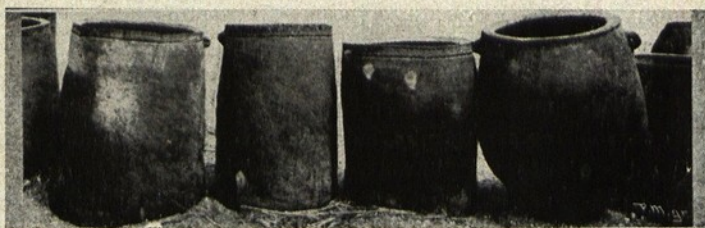
**M**onumento a um dos paes do automovel **A**PRESENTAMOS o projecto d'esse monumento, elevado a Levassor e devido ao escultor Dalou, e que é realmente de grande originalidade de concepção, destacando-se pelo realissimo impressivo das obras de arte usualmente erigidas, para commemoração de grandes homeus ou grandes feitos. Foi promovido por subscrição aberta ha cerca de dez annos, e será brevemente inaugurado na Porte Maillot, em Paris.



MONUMENTO A LEVASSOR

**R**evelações do Egypto antigo **O** INSTITUTO de Archeologia Britannica fez na estação passada achados singulares em Abydos, Egypto superior.

Em enormes jarros de barro, encontraram-se corpos de falcões conservados desde os tempos ptolomaicos, por processos semelhantes aos usados com os cadaveres humanos, arrancados ás areias egypcias. Esses pequenos falcões, apresentam um aspecto extraordinario, com os bicos surdindo das faixas que os envolvem.



JARROS CONTENDO MUMIAS DE FALCÕES ENCONTRADOS NO EGYPTO